S. FREUD

P. W.

Psicologia da Vida EROTICA

EDITORA GUANABARA

PSICOLOGIA DA VIDA EROTICA

SIGMUND FREUD

PSICOLOGIA DA VIDA EROTICA

TRADUÇÃO DE
MOYSÉS GIKOVATE

EDITORA GUANABARA
WAISSMAN - KOOGAN, LTDA.
RIO — RUA DO OUVIDOR, 132 — 1934

A EDUCAÇÃO SEXUAL DA CRIANÇA

Carta aberta ao Dr. M. Fürst

1907.

Ao pedir-me umas considerações sobre a « educação das crianças », suponho que V. não esperará obter, de mim, um tratado completo e minucioso da questão, no qual se tome em consideração toda a vastissima literatura existente sobre o assunto, mas apenas o juizo proprio de um medico, a quem sua atividade profissional estimulou, especialmente, a ocupar-se dos problemas sexuais. Sei que V. tem seguido com interesse meus trabalhos cientificos e que não pôs de lado minhas hipoteses, sem previo exame, como muitos outros colegas o fazem, por ver eu na constituição psico-sexual e nas alterações da vida sexual, as causas primordiais das enfermidades neuroticas, tão frequentes hoje. Assim, meus « Tres ensaios sobre uma teoria sexual », nos quais expus a constituição do instinto sexual e as perturbações do mesmo na evolução que o leva a constituir a função sexual, acharam, na revista de sua digna direção, uma repercussão amistosa.

Propõe-me pois V. a questão de, si em geral, deve-se facilitar ás crianças uma explicação dos

fatos da vida sexual e no caso afirmativo, que idade ha de se escolher para isso e quais os meios para sua execução.

Desde o inicio, farei constar que considero perfeitamente justificada a discussão no que diz respeito aos dois ultimos pontos, porém, que não concebo como podem existir juizos divergentes no referente ao primeiro.

Que se procura alcançar negando ás crianças — ou si se prefere, aos adolescentes — tais explicações sobre a vida sexual humana? Espera-se, então, com semelhante ocultamento, agrilhoar o instinto sexual até a época em que seja possivel dirigí-lo pelos caminhos que a ordem social considera licitos? Supõe-se, acaso, que as crianças não mostrarão interesse algum pelos fatos e enigmas da vida sexual, si não se chamar sua atenção sobre eles? Cre-se, por acaso, que o conhecimento que se lhes nega, não lhes chegará por outro meio? Ou é que se continua, realmente, e com toda a seriedade o proposito de que mais tarde julguem todo o sexual como algo degradante e depreciavel, do qual procuram mantê-los afastados, o maximo de tempo possivel, seus pais e mestres?

Não sei, em verdade, em qual desses propositos, hei de ver o motivo de ocultar ás crianças, como se vem fazendo sistematicamente, todo o concernente á vida sexual. Sei apenas que todos eles são igualmente aparentes e não merecem siquer uma controversia judiciosa. Lembrome, porém, ter encontrado, nas cartas familiares

do grande pensador e filantrôpo Multatuli, umas linhas mais do que suficientes como resposta: [1]

«A meu ver, oculta-se, algumas cousas, excessivamente. Age-se com acerto procurando conservar pura a imaginação da criança, porém, a ignorancia não é o melhor meio para obtê-lo. Pelo contrario, creio que o ocultamento faz com que a criança suspeite muito antes a verdade. A curiosidade nos leva a preocupar-nos com cousas que nos inspirariam pouco interesse, si nô-las tivessem comunicado franca e singelamente. Si fosse possivel conservar a criança em ignorancia absoluta, admitiriamos esse procedimento; porém, a criança ouve a outros ou lê nos livros que lhes caem entre as mãos, cousas que a induzem a meditar, e, precisamente, a dissimulação que seus pais e educadores observam a respeito dessas, intensifica sua ancia de saber. Esse desejo, só parcial e secretamente satisfeito, excita e perverte sua fantasia e a criança começa já a pecar na época em que seus pais julgam que ignoram ainda o que seja pecado».

Nada de melhor póde se dizer sobre a questão, mas tão sómente acrescentar algo. O que leva aos adultos a observar esta conduta de «dissimulação» para com as crianças é, desde logo, a hipocrisia usual e o proprio máu conhecimento no que concerne á sexualidade, aliás, tambem, uma certa ignorancia teorica que é impossivel remediar. Cre-se, com efeito, que as crianças carecem

[1] Cartas de Multatuli, publicadas por W. Spohr, 1906, Tomo I, pg. 26.

de instinto sexual, surgindo este neles, apenas na puberdade, com a maturação dos orgãos sexuais. É isso um grave erro, de consequencias lamentaveis, tanto teoricas, como praticas, e torna-se tão facil, retificá-lo por meio de mera observação, que admira ter-se podido incorrer nele. A verdade é que o recemnascido já traz consigo ao mundo sua sexualidade. Determinadas sensações sexuais acompanham seu desenvolvimento durante o periodo de lactencia e da época infantil, sendo, muito poucas, as crianças que chegam á puberdade sem haver passado por atividades e sensações sexuais. Aos leitores que pode interessar uma exposição detalhada dessas afirmações, recomendo os meus «Tres ensaios sobre uma teoria sexual», publicados em 1905. Verão ali, que os orgãos da reprodução não são a unica parte do corpo que podem gerar sensações de prazer sexual e que a Natureza dispôs as cousas de maneira que na mais remota infancia, se tornam inevitaveis certos estimulos dos orgãos genitais. Esta época da vida individual, na qual o estimulo de logares distintos da epiderme (zonas erogenas), a ação de certos instintos biologicos e a excitação concomitante a muitos estados afetivos, geram uma certa quantidade de prazer, inegavelmente sexual, é conhecida com o nome de periodo do auto erotismo, segundo expressão introduzida por Havelock Ellis. A puberdade se limita a procurar para os orgãos genitais a primazia sobre todas as zonas e fontes erogenas, obrigando, assim, o erotismo a pôr-se a serviço

da função reprodutora, fenomeno cuja evolução pode ser perturbada por determinadas coerções e que em muitos individuos — os pervertidos e neuroticos ulteriores — não se desenvolve senão mui imperfeitamente. Por outro lado, a criança é capaz da maior parte das funções psiquicas da vida erotica (a ternura, os ciumes) muito antes de alcançar a puberdade, e a frequente união desses estados psiquicos com sensações somaticas de excitação sexual, revela á criança a intima relação de ambos os fenomenos. Em resumo: A criança aparece perfeitamente capaz para a vida erotica — com exceção da reprodução — muito antes da puberdade e pode afirmar-se, que ao ocultar-lhe, sistematicamente, o sexual, só se consegue privá-lo da capacidade de dominar intelectualmente áquelas funções para as quais possue já uma preparação psiquica e uma disposição somatica.

O interesse intelectual da criança pelos enigmas da vida sexual, sua curiosidade sexual, se manifestam tambem em época insuspeitavelmente remota. Sómente pensando que os pais opõem a esse interessse infantil uma cegueira inexplicavel ou se esforçam, imediatamente, em subjugá-lo, quando não tem podido deixar de advertí-lo, podemos explicar-nos a escassêz de observações do modo seguinte: Conto entre minhas amisades um belo pequeno que acaba de completar quatro anos, cujos pais, muito preparados e inteligentes, renunciaram a reprimir violentamente uma parte do desenvolvimento de seu filho. O pe-

queno Juanito, que desde o inicio não tem sido objeto de iniciação sexual por parte dos seus governantes, mostra já, ha algum tempo, o mais vivo interesse por uma determinada parte do seu corpo a que êle chama «a coizinha de fazer pipi». Já aos tres anos, perguntou uma vêz a sua mãe: «Mamãe, tens tu tambem uma coizinha de fazer pipi?» A que lhe respondeu a mãe: «Naturalmente que sim. Que havias tu imaginado?» Tambem ao pai dirigiu, repetidamente, tal pergunta. Mais ou menos na mesma época, ao visitar pela primeira vêz um estabulo e ver ordenhar uma vaca, exclamou assombrado: «Olhe; da coizinha de fazer pipi sai leite!» Aos tres anos e nove meses parecia estar encaminhado para descobrir por si mesmo, com auxílio de suas observações, conhecimentos exatos. Ve sair a agua da caldeira de uma locomotiva e diz: «Olhe; a locomotiva faz pipi. Onde tem a coizinha?» E pouco tempo depois, expõe o resultado de suas reflexões: «Um cachorro e um cavalo têm uma coizinha de fazer pipi; uma mesa e uma cadeira, não». Faz pouco, presenciou o banho de uma sua irmãzinha, nascida uma semana antes, observando: «Quão pequena ainda tem a coizinha! Crescer-lhe-á quando for maior». (Essa atitude em face do problema da diferença dos sexos é frequente entre as crianças da idade de Juanito). Quero firmar que Juanito não é uma criança que mostra uma especial disposição sexual ou patologica. O que na minha opinião sucede é não ter sido intimidado nem se vê atormentado por

um sentimento de culpa e comunica, portanto, com a maior inocencia, seus processos mentais (2).

O segundo grave problema que se apressenta ao pensamento infantil — ainda que já em anos posteriores — é o da origem das crianças, suscitado, geralmente, pela aparição indesejada de um irmãozinho ou irmãzinha. É esta a interrogação mais remota e ardente da humanidade. Aqueles que aprenderam a decifrar o sentido oculto dos mitos e das tradições asentem palpitar já no enigma que a esfinge tebana propõe a Édipo. As respostas habituais na «nursery» ferem o honrado instinto de investigação da criança, estremecendo, pela primeira vêz, sua confiança em seus pais. A partir daí, começará a desconfiar dos adultos e a ocultar-lhes seus pensamentos mais intimos. O pequeno documento que transcreveremos em seguida demonstra quão atormentadora pode chegar a ser essa ansia de saber, ainda em crianças já maiores. Trata-se de uma carta de uma menina de onze anos e meio, orfã de mãe, que discutiu amplamente a questão com sua irmãzinha menor:

«Querida tia Mali: faça o favor de escrever-me, contando como tiveste a Cristinita ou a Paulito. Tu tens que sabê-lo, pois és casada. Discutimos muito hontem a noite e queremos saber a verdade. Temos, porém, apenas a ti para poder perguntar. Quando vens a Salzburgo? Não

(2) Nota de 1924: Sobre a ulterior enfermidade neurotica de Juanito e sua cura, veja-se o meu trabalho «Analise da fobia de uma criança de 5 anos».

podemos compreender querida tia, como traz a cegonha as crianças. Trudel acredita que os traz vestidos apenas de camizinha. Queriamos saber tambem se os apanha da lagoa e porque, quando nós outras vamos á lagoa, nunca vemos nele nenhuma criança. Diga-nos tambem como é que, quando se vai ter uma criança já se sabe de antemão. Escreva-me, extensamente, contando-me tudo.

Muitas lembranças e muitos beijos de todas nós.

Tua curiosa

Lili».

Não creio que esta enternecedora missiva trouxesse, ás duas irmãs, a explicação desejada. A maior adoeceu, posteriormente, daquela neurose que se deriva de interrogações inconcientes não satisfeitas ([3]).

Não creio que exista qualquer razão aceitavel para negar ás crianças a explicação exigida por sua ancia de saber. Pois bem; si o proposito do educador é impedir quanto antes que a criança chegue a pensar por si mesma, sacrificando sua independencia intelectual ao desejo de, seja o que se chama «menino ajuizado», o melhor caminho é, certamente, a mentira no terreno sexual e a intimidação no terreno religioso. Os individuos de natureza mais forte repelem, desde logo, tais influencias e adotam, em face da autoridade dos pais, uma rebeldia, que, em breve, mantêm durante toda a vida, em relação a qual-

---

([3]) Substituida, anos depois, por uma demencia precoce.

quer outra autoridade. Em geral, quando as crianças vêm negadas aquelas explicações que exigem dos adultos, continuam atormentando-se, em segredo, com tais problemas e constroem tentativas de solução, nas quais a verdade suspeitada aparece mesclada com erros grotescos, ou comunicam, em segredo, suas descobertas, nas quais, o sentimento de culpa do investigador infantil imprime á vida sexual o selo do repugnante e proíbido. Estas teorias sexuais infantis muito seriam merecedoras de compilação e estudo. Em geral, perdem as crianças, a partir desse ponto, a unica posição exata, em face dos problemas sexuais, e muitos deles, para não voltar a recuperá-los.

Parece, que a grande maioria dos autores, tanto masculinos, quanto femininos, que têm escrito sobre a educação sexual da criança, têm se manifestado no sentido afirmativo. Porém, a diversidade das propostas sobre o momento e o modo de levá-la a termo, nos leva a deduzir que tal decisão não tem sido facil. A encantadora carta explicativa que Emma Eckstein (1) figura dirigir a um filho seu de 10 anos, constitue — que eu saiba — um caso isolado. A pratica geral de ocultar-se ás crianças, o maior tempo possivel, todo conhecimento sexual, para logo outorgar-lhes, com frases empoladas e solenes, uma meia explicação, que, quasi sempre, chega tarde, é, francamente equívoca. A maior parte das respostas á pergunta «Como dizê-lo a meu filho?» me

(1) E. Eckstein — A questão sexual na educação da criança, 1904.

dão uma impressão, tão lamentavel, que prefiriria, inclusive, que os pais não se ocupassem da educação sexual infantil. O verdadeiramente importante é que as crianças não formem a idéia de que, entre tudo aquilo que não chegam a compreender, são os fatos da vida sexual, os que mais cuidadosamente se lhes oculta. Para conseguí-lo, assim, é preciso que o sexual seja tratado, desde o inicio, da mesma maneira como qualquer outra serie de cousas dignas de serem sabidas. Antes de tudo, é função da escola, não evitar mencionar o sexual, iniciando-os nos traços gerais da reprodução, no estudo do mundo animal e fazendo constar, imediatamente, que o homem, compartilha o essencial de sua organização, com os animais superiores. Si o ambiente da familia não tende a intimidar o pensamento infantil, não será raro ouvir frases como esta, surpreendida por mim em uma conversação entre um menino e sua irmãzinha: «Como podes, porém, acreditar que a cegonha traz os meninos pequenos! Já te disseram que o homem é um mamifero e suponho que não pensarás que tambem a todos os demais mamiferos traz a cegonha as suas crias». Desse modo, a curiosidade da criança não alcançará nunca um alto gráu si em cada periodo de evulução encontra sua satisfação correspondente. A explicação das caracteristicas puramente humanas da vida sexual e da significação social desta ultima poderiam dar-se então no termo da primeira instrução, isto é, ao completar a criança os dez anos. Por ultimo, o momento da confirmação

seria o mais apropriado para explicar á criança, ao corrente já do somatico, as obrigações morais entrelaçadas ao exercicio do instinto. Um tal ensinamento gradual, não interrompido em época alguma e iniciado, na propria escola primaria, me parece ser o unico adaptado ao desenvolvimento da criança e evita assim todo o perigo possivel.

A substituição do catecismo por um tratado elementar dos direitos e dos deveres dos cidadãos, levada a efeito pelo Estado francês, parece-me um grande progresso na educação infantil. Essa instrução elementar, porém, ficará, ainda, lamentavelmente incompleta, si não se incluir o referente á vida sexual. É isso uma lacuna para cujo desaparecimento devem tender todos os esforços dos pedagogos e dos reformadores. Nos Estados em que a educação foi entregue ás ordens religiosas, não cabe, naturalmente, suscitar a questão. O sacerdote não admitirá jamais a igualdade essencial do homem e do animal, pois não pode renunciar á alma imortal, que êle necessita para fundar nela a moral. Fica assim demonstrado, ainda uma vêz, quão nescio é pôr um remendo de fazenda nova a um traje rasgado e quão impossivel é levar a termo uma reforma isolada sem transformar as bases do sistema.

A MORAL SEXUAL «CULTURAL» E O NERVOSISMO MODERNO

1908.

Em sua Ética sexual, publicada recentemente, estabelece, Ehrenfels, uma distinção entre moral sexual «natural» e moral sexual «cultural». Por moral sexual natural entende aquela sob cujo regimen pode uma raça, conservar-se, duradouramente, em completa saude e capacidade vital. Moral sexual cultural, seria, ao contrario, aquela cujos ditames impelem o homem a uma obra de cultura, mais produtiva e intensa. Essa antitese, tornar-se-á, mais clara para nós, si opormos, entre si, o acumulo constitutivo de um povo e seu acumulo cultural. Remetendo á citada obra de Ehrenfels, aos leitores que querem seguir até o fim este importante processo mental, me limitarei aqui a desenvolver o estritamente necessario para abranger nele algumas aquisições pessoais.

Não é arriscado supor que sob o imperio de uma moral sexual cultural podem ficar expostos a certos prejuizos a saude e a energia vital individuais e que este dano infligido aos individuos pelos sacrificios que lhe são impostos, alcança, por fim, um tão alto gráu, que chega a constituir um perigo para o fim social. Ehrenfels assi-

nala, realmente, toda uma serie de prejuizos, cuja responsabilidade caberá á moral sexual dominante em nossa sociedade ocidental contemporanea e ainda, que reconhecendo-a muito apropriada para o progresso da cultura, conclue, dando como postulado a necessidade de reformá-la. As caracteristicas da moral sexual cultural sob cujo regimen vivemos, seriam — segundo o nosso autor — a transferencia das regras da vida sexual feminina, á masculina, e a proíbição de todo comercio sexual fóra da monogamia conjugal. As diferenças naturais dos sexos, porém, haviam imposto maior tolerancia para as transgressões sexuais do homem, creando-se, assim, a favor deste, uma segunda moral.

Uma sociedade que tolera essa dupla moral, não pode superar uma certa medida, bastante limitada, de «amor á verdade, honradêz e humanidade» e ha de impelir os seus membros a ocultar a verdade, a pintar as cousas com cores falsas, a enganar a si proprios e a enganar os demais. Outro prejuizo, ainda mais grave, imputavel á moral sexual cultural, seria a de paralizar — com a exaltação da monogamia — a seleção viril, unico influxo sucetivel de procurar uma melhora da organização, já que os povos civilizados reduziram a um minimo, por humanidade e por higiene, a seleção vital. (1)

Entre esses prejuizos imputados á moral sexual cultural, evitará pelo menos o medico, um, cuja importancia analizaremos aqui detidamente.

---

(1) Obra citada pag. 32 e seguintes.

Refiro-me á difusão do nervosismo, a ela imputavel, em nossa sociedade moderna. Em certas ocasiões é o proprio doente nervoso quem chama a atenção do medico sobre a antitese, observavel na causa da enfermidade, entre a constituição e as exigencias culturais, dizendo-lhe: « Em nossa familia todos temos adoecido dos nervos por haver querido chegar a algo mais do que nossa origem nos permitia ». Não é tãopouco raro que o médico seja levado a refletir, pela observação de que precisamente sucumbem ao nervosismo os descendentes daqueles homens de origem camponesa, simples e sadia, procedentes de familias rudes, porém, fortes, que emigraram para a cidade e conquistaram nela posição e fortuna, fazendo com que seus filhos se elevassem, em um curto lapso de tempo, a um alto nivel cultural. Além disso, porém, os proprios neurologos proclamam já a relação do « incremento do nervosismo » com a moderna vida cultural. Alguns testemunhos dos observadores mais autorizados neste setor, nos indicarão onde se acredita ver o fundamento de uma tal dependencia.

W. Erb (2): « A questão proposta é saber si as causas do nervosismo antes expostas se acham, realmente, representadas na vida moderna em tão elevado gráu, que explicam o extraordinario incremento de tal enfermidade, e a esta interrogação temos de concordar, no caso, afirmativamente, pois, nos basta, para isso, lançar uma

(2) Em torno do aumento do nervosismo na época atual. 1893

rapida vista dolhos sobre nossa vida moderna e sua estrutura particular».

«A simples enumeração de uma serie de fatos gerais basta para demonstrar nosso postulado: as extraordinarias conquistas da idade moderna, os descobrimentos e invenções em todos os setores e a conservação do terreno conquistado contra competencia cada vêz maior, não se tem alcançado sinão mediante um enorme labor intelectual e só por esse meio podem ser mantidos. As exigencias propostas á nossa capacidade funcional na luta pela existencia, são cada vêz maiores, e só podemos satisfazê-las pondo em ação a totalidade das nossas forças animicas. Ao mesmo tempo, as necessidades individuais e a ansia de gozos, têm aumentado em todos os setores; um luxo inaudito extendeu-se até penetrar em camadas sociais até então não atingidas; a irreligiosidade, o descontentamento e a ambição, tem aumentado em amplos setores do povo; o extraordinario incremento do comercio e as redes de telegrafos e telefones que cortam o mundo, têm modificado, totalmente, o ritimo da vida: tudo é pressa e agitação; a noite se aproveita para viajar, o dia para os negocios, e, até as «viagens de recreio» exigem um esforço ao sistema nervoso. A participação na vida politica se fêz geral. As lutas sociais, politicas e religiosas, a atividade dos partidos, a agitação eleitoral e a vida corporativa, intensificadas até o infinito, excitam os cerebros e impõem aos espiritos uma novo esforço cada dia, furtando o tempo ao des-

canso, ao sono e á recuperação de energias. A vida das grandes cidades é cada vêz mais refinada e intranquila. Os nervos, esgotados, buscam forças em excitantes, cada vês mais fortes, em prazeres intensamente singulares, fadigando-se ainda mais com eles. A literatura moderna se ocupa, preferentemente, de problemas suspeitos, que fazem fermentar todas as paixões e alimentam a sensualidade, a ancia de prazer e o desprezo de todos os principios éticos e todos os ideais, apresentando, aos leitores, figuras patologicas e questões psicopático-sexuais e revolucionarias. Nosso ouvido é superexcitado por uma musica ruidosa e violenta; os teatros atraem todos os sentidos com suas representações excitantes e, as artes plasticas, inclusive, se orientam, com preferencia para o feio, repugnante ou excitante, sem se atermorisar de apresentar, a nossos olhos, com um repugnante realismo, o mais horrivel, que a realidade póde oferecer».

«Este quadro geral, que nos acena já, em nossa cultura moderna, uma serie de perigos, pode ser ainda completado com a adição de alguns detalhes».

Binswanger [3]: «Indica-se, especialmente a neurastenia, como uma enfermidade completamente moderna, e, Beard, a quem devemos sua primeira descrição minuciosa, crê haver descoberto uma nova enfermidade nervosa nascida no solo americano. Esta hipotese era, naturalmente, erronea; o fato, porém, de haver sido um medico

---

(3) A patologia e a terapeutica da neurastenia, 1896.

americano quem, primeiramente poude entrever e observar, como consequencia de uma ampla experiencia clinica, os singulares traços dessa enfermidade, demonstra a intima conexão da mesma, com a vida moderna, com a febre de dinheiro e com os enormes progressos tecnicos que têm lançado por terra todos os obstaculos de tempo e espaço, opostos, antes, á vida de relação».

Krafft-Ebing: (4) «Em nossas modernas sociedades civilizadas, é infinito o numero de homens cuja vida integra uma plenitude de fatores antihigienicos mais que suficiente para explicar o incremento do nervosismo, pois tais fatores atuam primeira e principalmente sobre o cerebro. As circunstancias sociais e politicas, e, mais ainda mercantis, industriais e agrarias, das nações civilizadas, tem sofrido, no decurso do ultimo decenio, modificações que têm transformado, por completo, a propriedade e as atividades profissionais e civis, tudo isso importando o sistema nervoso, que se vê obrigado a responder ao incremento das exigencias sociais e economicas, com um dispendio maior de energia, para cuja reposição não se lhe concede, aliás, descanço suficiente».

Dessas teorias, assim como de muitas outras de conteudo analogo, não podemos dizer que sejam totalmente inexatas, mas que continuam insuficientes para explicar as peculiaridades das perturbações nervosas e, sobretudo que abandonam precisamente o fator étiologico mais impor-

(4) Estados nervosos e neurastenicos, 1895.

tante. Prescindindo, com efeito, dos estados indeterminados de «nervosismo» e atendendo, tão sómente, ás formas etiologicas propriamente ditas, vemos reduzir-se a influencia prejudicial da cultura, a uma coerção nociva da vida sexual dos povos civilizados (ou dos estados sociais cultos), pela moral sexual neles imperante.

Numa serie de publicações especiais, já tentei trazer a prova dessa afirmação. Não hei de repetí-la aqui, mas extrairei os argumentos principais, resultantes de minhas investigações.

Uma continua e penetrante observação clinica, nos autoriza a distinguir nos estados neuropatologicos dois grandes grupos: as neuroses propriamente ditas e as psiconeuroses. Nas primeiras, os sintomas, somaticos ou psiquicos, parecem ser de natureza toxica, comportando-se, identicamente, aos fenomenos consecutivos, a uma incorporação exagerada ou a uma privação, repentina, de certos toxicos do sistema nervoso. Estas neuroses — sintetizadas, geralmente, sob o conceito de neurastenia — podem ser originadas, sem que seja indispensavel a colaboração de uma tara hereditaria, por certas anomalidades nocivas da vida sexual, correspondendo precisamente a forma da enfermidade á natureza especial de tais anormalidades, e isso de tal maneira, que do quadro clinico pode deduzir-se, diretamente, muitas vezes, a especial etiologia sexual. Pois bem; entre a forma da enfermidade nervosa e as restantes influencias nocivas da cultura, assinaladas pelos distintos autores, não aparece jamais uma tal cor-

respondencia regular. Haveremos, pois, de considerar o fator sexual como o essencial na causa das neuroses propriamente ditas.

Nas psiconeuroses, é mais importante a influencia hereditaria e menos transparente a causa. Um metodo particular de investigação, conhecido pelo nome de psicanalise, tem permitido descobrir que os sintomas desses padecimentos (histeria, neurose obsessiva, etc.) são de carater psicogeno e dependem da ação de complexos inconcientes (recalcados) de representações. Esse mesmo metodo nos tem levado tambem ao conhecimento de tais complexos, revelando-nos que integram, em geral, um conteudo sexual, pois nascem das necessidades sexuais de individuos insatisfeitos e representam, para eles, uma especie de satisfação substitutiva. Desse modo, teremos de ver em todos aqueles fatores que prejudicam a vida sexual, e coíbem sua atividade ou deslocam seus fins, fatores patogenicos das psiconeuroses.

O valor da diferenciação teórica entre neuroses toxicas e neuroses psicogenicas não fica diminuido pelo fato de na maioria das pessoas nervosas poder observar-se perturbações de ambas as origens.

Aqueles que se acham dispostos a procurar comigo a etiologia do nervosismo em certas anormalidades nocivas da vida sexual, lerão, com interesse, os desenvolvimentos que seguem, destinados a expor o tema do incremento do nervosismo num mais amplo contexto.

Nossa cultura repousa, totalmente, na coerção dos instintos. Todos e cada um, temos renunciado a uma parte do nosso poderio, a uma parte das tendencias agressivas e vingativas de nossa personalidade, e destas aquisições —, tem nascido a propriedade cultural comum de bens materiais e ideais. A propria vida, e aliás, tambem, mui principalmente os sentimentos familiares, derivados do erotismo, tem sido os fatores que têm levado o homem a tal renuncia, a qual tem se tornado cada vez mais ampla, no decurso do desenvolvimento da cultura. Por seu lado a religião se tem apressado em sancionar, imediatamente, tais limitações progressivas, oferecendo á divindade, como um sacrificio, cada nova renuncia á satisfação dos instintos e declarando «sagrado» o novo proveito assim trazido á coletividade. Aqueles individuos a quem, uma constituição indomavel, impede de incorporar-se a esta repressão geral dos instintos, são considerados, pela sociedade, como «delinquentes» e declarados fora da lei, a menos que sua posição social ou suas qualidades excepcionais lhes permitam impor-se como «grandes homens» ou como «herois».

O instinto sexual — ou melhor os instintos sexuais, pois a investigação analítica ensina que instinto sexual é um composto de muitos instintos parciais — se acha naturalmente mais desenvolvido no homem que nos demais animais superiores e é, desde logo, nele, muito mais constante, posto que tenha superado, quasi por completo, a periodicidade, á qual, parece sujeito nos

animais. Põe a disposição do labor intelectual, grandes quantidades de energia, pois, possue, em alto gráu, a peculiaridade de poder substituir seu fim, sem muito perder em intensidade. Esta possibilidade de substituir o fim sexual primitivo por outro, não sexual, porém, psiquicamente afim ao primeiro, é o que designamos com o nome de capacidade de sublimação. Contrastando com uma tal capacidade de transferencia, que constitue seu valor cultural, é tambem sucetivel, o instinto sexual, de fixações persistentes, que o inutilizam para todo fim cultural e o degeneram conduzindo-o ás chamadas anormalidades sexuais. A energia originaria do instinto sexual varia, provavelmente, com o individuo, e, igualmente, em relação á sua parte suceptivel de sublimação. A nosso ver, a organização congenita é a que, primeiramente, decide que parte do instinto poderá ser suceptivel de sublimação, em cada individuo, alem disso, porém, as influencias da vida e a ação do intelecto sobre o aparelho animico, conseguem sublimar, uma outra parte. Claro está que esse processo de transferencia, não pode ser continuado até o infinito, como não pode sê-lo a transformação do calor em trabalho mecanico, nas nossas maquinas. Para a imensa maioria das organizações, parece imprescindivel uma certa quantidade de satisfação sexual direta, e a privação desta quantidade, variavel individualmente, se paga com fenomenos, que por seu prejuizo funcional e seu carater subjetivo displacente, temos de considerar como patologicos.

Novas perspectivas ainda se nos abrem ao observar o fato de que o instinto sexual do homem não tem como fim, originariamente, a reprodução, mas determinadas formas da consecução do prazer [5]. Assim se manifesta, com efeito, na meninice individual, na qual alcança tal consecução de prazer, não só nos orgãos genitais, mas tambem em outros logares do corpo (zonas erogenas) e pode portanto prescindir de qualquer outro objeto erotico menos comodo. Damos a esta fase o nome de periodo do autoerotismo e adscrevemos á educação o labor de limitá-lo, pois a permanencia nele, do instinto sexual, o faria incoersivel e inaproveitavel posteriormente. O desenvolvimento do instinto sexual passa logo, do auto erotismo, ao amor a um objeto, e da autonomia das zonas erogenas á subordinação das mesmas á primazia dos genitais, proprios á reprodução. No decurso dessa evolução, uma parte da excitação sexual emanada do proprio corpo é inibida como inaproveitavel para a reprodução, e, no caso mais favoravel, levada á sublimação. Resulta assim, que grande parte das energias utilizaveis para o trabalho cultural tem sua origem no recalcamento dos elementos perversos da excitação sexual.

Referindo-nos a essas fases evolutivas do instinto sexual poderemos distinguir tres gráus de cultura: Um, no qual a atividade do instinto sexual vai, livremente, alem da reprodução; outro, no qual o instinto sexual fica coartado em sua

(4) Cf. «Tres ensaios sobre uma teoria sexual».

totalidade, com exceção da parte, a serviço da reprodução; e um terceiro, finalmente, no qual apenas a legitima reprodução é considerada e permitida como fim sexual. A esse terceiro estado corresponde a nossa presente moral sexual «cultural».

Tomando, como nivel, o segundo desses estadios, comprovamos já a existencia de muitas pessoas, ás quais, sua organização não permite apegar-se ás normas nela imperantes. Achamos, com efeito, series completas de individuos, nos quais, a citada evolução do instinto sexual desde o autoerotismo ao amor a um objeto, com a união dos orgãos genitais, como fim, não tem sido de um modo perfeito e completo, e destas perturbações do desenvolvimento, resultam dois desvios nocivos, distintos, da sexualidade normal, isto é, propulsora da cultura, desvios que se comportam, entre si, como positivo e negativo. Tratase, aqui — excetuando aquelas pessoas que apresentam um instinto sexual, exageradamente intenso e indomavel — das diversas especies de perversões, nas quais uma fixação infantil a um fim sexual provisorio, usufruiu a primasia da função reprodutora, e, em segundo lugar, dos homosexuais ou invertidos, nos quais, de modo ainda não de todo explicado, o instinto sexual ficou desviado do sexo contrario. Si o prejuizo dessas duas classes de perturbações do desenvolvimento é, na realidade, menor do que se poderia esperar, devido, sem duvida, á complexa constituição do instinto sexual, mesmo quando um ou varios com-

ponentes do instinto haviam ficado excluidos do desenvolvimento. Assim, a constituição, dos invertidos e homosexuais, se caracteriza, frequentemente, por uma aptidão especial do instinto sexual para a sublimação cultural.

De qualquer modo, um desenvolvimento intenso ou até exclusivo das perversões ou da homosexualidade torna desgraçado o individuo correspondente e o inutiliza socialmente, resultando assim, que as exigencias culturais do segundo gráu terão que ser reconhecidos como uma fonte de dôr para um certo setor da humanidade. Os destinos dessas pessoas cuja constituição difere da de seus congeneres, são muito diversos, segundo a maior ou menor energia de seu instinto sexual. Dado um instinto sexual debil, podem os perversos alcançar uma coerção total daquelas tendencias que os colocam em conflito com as exigencias morais de seu gráu de cultura. Porém, este é tambem seu unico rendimento, pois esgotam, em tal inibição de seus impulsos sexuais, todas as energias, que, aplicariam, de outro modo, ao labor cultural. Ficam reduzidos a sua propria luta interior e paralizados para toda ação exterior. Passa-se neles o mesmo caso, do qual voltaremos a falar adiante, ao ocupar-nos da abstinencia exigida no terceiro gráu de cultura.

Dado um instinto sexual muito intenso, porém, perverso, podem ser esperados dois desenlaces. O primeiro, que bastará enunciar, é aquele em que o individuo permanece perverso e condenado a suportar as consequencias de sua diver-

gencia do nivel cultural. O segundo, é muito mais interessante e consiste, em que, sob a influencia da educação e das exigencias sociais, se alcança uma certa inibição dos instintos perversos, porém, uma inibição que, na realidade, não logra, por completo, seu fim, podendo qualificar-se de inibição frustada. Os instintos sexuais coartados já não se exteriorizam, desde logo, como tais, — e nisto consiste o exito parcial do processo inibitorio — porém, em outra forma, igualmente nociva para o individuo e que o inutiliza, para todo trabalho social, de modo tão absoluto como o teria inutilizado a satisfação não modificada dos instintos inibidos. Neste ultimo consiste o fracasso parcial do processo, fracasso que em grande parte, anula o exito. Os fenomenos substitutivos provocados neste caso, pela inibição dos instintos, constituem o que designamos pelo nome nervosismo, e, mais especialmente, pelo de psiconeurose. Os neuroticos são aqueles homens que possuindo uma organização desfavoravel, levam a termo, sob o influxo das exigencias culturais, uma inibição aparente, e, no fundo, fracassada, de seus instintos, e que, por isso, só com um imenso dispendio de energias e suportando um continuo sofrimento interior, podem manter sua colaboração na obra cultural ou têm que abandoná-la, temporariamente, por enfermidade. Qualificamos as neuroses, de « negativo » das perversões, porque contêm, em estado de « recalcamento » as mesmas tendencias, que após o processo recalcador, continuam atuando do inconciente.

A experiencia ensina que, para a maioria dos homens, existe uma fronteira, alem da qual, não pode seguir sua constituição, as exigencias culturais: Todos aqueles que desejam ser mais nobres do que sua constituição lhes permite, sucumbem á neurose. Se achariam melhor si lhes tivesse sido possivel ser peiores. A afirmação de que a perversão e a neurose se portam como um positivo e um negativo, encontra, com frequencia, uma prova inequívoca na observação de individuos pertencentes a uma mesma geração. Não é raro encontrar irmãos, em que o varão é um perverso sexual e a mulher, dotada, como tal, de um instinto sexual mais debil, uma neurotica, porém, com a particularidade de seus sintomas exprimirem as mesmas tendencias que as perversões do irmão, mais ativamente sexual. Correlatamente, em muitas familias, são os homens sãos, porém, até um gráu indesejavel, e as mulheres, nobres e delicada, porém, gravemente nervosas.

Uma das mais evidentes injustiças sociais é que a «standard» cultural exigia, de todas as pessoas a mesma conduta sexual, que, facil para observar por aqueles, cuja constituição o permite, impõe, a outros, os mais graves sacrificios psiquicos. Claro está, pois, que esta injustiça fica evitada com habilidade, na maior parte dos casos, pela transgressão dos preceitos morais.

Até aqui, desenvolvemos nossas observações referindo-nos ás exigencias apresentadas ao individuo, no segundo dos gráus de cultura, por nós supostas, no qual ficam apenas proíbidas as ati-

vidades sexuais chamadas perversas, concedendo-se, ao contrario, ampla liberdade, ao comercio sexual considerado normal. Comprovamos, já, que com esta distribuição das liberdades e das restrições sexuais, fica colocado á margem, como perversa, toda uma serie de individuos, e outra sacrificada ao nervosismo, formada por aqueles individuos que se esforçam em não ser perversos, devendo-o ser por sua constituição. Já não é dificil prever o resultado que se terá de obter restringindo, ainda mais, a liberdade sexual, proíbindo toda atividade desta ordem fóra do matrimonio legitimo, como sucede no terceiro dos gráus de cultura, expostos anteriormente. O numero de individuos fortes que terão de colocar-se em franca rebeldia contra as exigencias culturais, aumentará extraordinariamente, e, igualmente, o dos debeis que, em seu conflito entre a pressão das influencias culturais e a resistencia da constituição, se sefugiarão na enfermidade neurotica.

Surgem aqui tres interrogações: 1.ª Qual o trabalho que as exigencias do terceiro gráu impõem ao individuo; 2.ª Si a satisfação sexual legitima permitida, consegue oferecer uma compensação aceitavel da renuncia exigida e 3.ª Qual a proporção entre os prejuizos eventuais de tal renuncia e seus proveitos culturais.

Na resposta á primeira questão toca um problema tratado já varias vezes e cuja discussão não é possivel exgotar aqui; o problema da abstinencia sexual. O que nosso terceiro gráu de cultura

exige do individuo é, em ambos os sexos, a abstinencia até o matrimonio ou até o fim da vida, áqueles que não o contraem. A afirmação, grata a todas as autoridades, de que a abstinencia sexual não traz consigo mal algum, nem é dificil de observar, tem sido sustentada, tambem, por muitos medicos. Não é arriscado, porém, assegurar que a tarefa de dominar, por meios diferentes da satisfação, um impulso tão poderoso como o instinto sexual, é tão arduo, que pode exgotar todas as energias do individuo. O dominio por meio da sublimação, isto é, pelo desvio das forças instintivas sexuais para fins culturais elevados, apenas é acessivel a uma minoria limitada e mesmo a esta, só temporariamente e com a maxima dificuldade, durante a fogosa época infantil. A imensa maioria sucumbe á neurose ou sofre outros danos diferentes. A experiencia demonstra que a maior parte das pessoas que compõem nossa sociedade não possue a tempera constitucional necessaria para o trabalho que impõe a observancia da abstinencia. Aqueles que enfermaram em virtude de uma pequena restrição sexual, adoecem mais rapidamente e com maior gravidade sob as exigencias da nossa moral sexual cultural contemporanea, pois contra a ameaça da tendencia sexual normal por disposições defeituosas ou transtornos de desenvolvimento, não conhecemos garantia mais segura que a propria satisfação sexual. Quanto maior é a disposição de uma pessoa á neurose, mais dificilmente suporta a abstinencia, toda vez que os instintos par-

ciais que se subtraem ao desenvolvimento normal, descritos antes, se fazem, ao mesmo tempo, tanto mais incoerciveis. Tambem aqueles individuos, porém, que sob as exigencias do segundo gráu de cultura permaneceram sãos, sucumbem aqui, em grande numero, á neurose, pois a proíbição eleva, consideravelmente, o valor psiquico da satisfação sexual. A libido estancada se torna apta a perceber algum dos pontos que jamais faltam á estrutura de uma «vita sexualis» e abre caminho, por êle, até a satisfação substitutiva neurotica, em forma de sintomas patologicos. Aprendendo a penetrar na condicionalidade das doenças nervosas, se adquire, rapidamente, a convicção de que seu incremento em nossa sociedade moderna, procede do aumento das restrições sexuais.

Compete-nos examinar, agora, a questão de, si o comercio sexual dentro do matrimonio legitimo pode oferecer uma compensação á restrição sexual anterior ao mesmo. Oferece-se-nos, tão abundante, o material para fundamentar uma resposta negativa, que só poderemos expô-la mui sinteticamente. Recordemos, em primeiro lugar, que nossa moral sexual cultural restringe tambem o comercio sexual dentro do proprio matrimonio, obrigando aos conjuges a satisfazer-se com um numero, em geral, muito limitado de concepções. Por esta circunstancia, não existe tãopouco, no matrimonio, um comercio sexual satisfatório sinão durante alguns anos, dos quais ter-se-á de deduzir, alem disso, aqueles periodos, nos quais, a mulher deve ser respeitada por razões higienicas.

Ao cabo desses tres, quatro ou cinco anos, o matrimonio falha, completamente, sem proporcionar a satisfação das necessidades sexuais, pois, todos os meios inventados, até hoje, para evitar a concepção diminuem o prazer sexual, repugnam á sensibilidade dos conjuges ou são, diretamente, prejudiciais á saude. O temor das consequencias do comercio sexual faz desaparecer, primeiro, a ternura fisica dos esposos e, mais tarde, quasi sempre, tambem a mutua inclinação psiquica destinada a recolher a herança da intensa paixão inicial. Sob a desilusão animica e a privação corporal que é assim o destino da maior parte dos matrimonios, se encontram de novo transferidos os conjuges, ao estado, anterior ao enlace, porém, com uma ilusão a menos e, sujeitos de novo, á tarefa de dominar e desviar seu instinto sexual. Não temos que investigar em que medida o homem o logra, chegado a plena idade madura; a experiencia nos mostra que faz uso, frequentemente, da parte de liberdade sexual que mesmo a mais rigorosa ordem sexual lhe concede, si bem que em segredo e a contragosto. A «dupla» moral sexual existente, para o homem, em nossa sociedade, é a melhor confissão de que a propria sociedade promulgadora dos preceitos restritivos, não crê possivel sua observancia.

Por sua parte, as mulheres, que em qualidade de substratos propriamente ditos dos interesses sexuais dos homens, possue apenas, em mui escassa medida, o dom da sublimação e, para as quais, sómente durante a lactancia, podem cons-

tituir os filhos uma substituição suficiente do objeto sexual; as mulheres, repetimos, chegam a contrair, sob o influxo das desilusões trazidas pela vida conjugal, graves neuroses, que perturbam, duradouramente, sua existencia. Sob as atuais normas culturais, o matrimonio cessou de ser, ha muito tempo, o remedio geral de todas as afecções nervosas da mulher. Os medicos, já sabem, pelo contrario, que para «suportar» o matrimonio terão de possuir, as mulheres, muita saude, e, tratamos de dissuadir a nossos clientes, de contraí-lo com jovens que, ainda solteiras, já deram mostras de nervosismo. Inversammente, o remedio do nervosismo originado do matrimonio seria a infidelidade conjugal. Quanto mais severamente educada, porém, fôr a mulher e mais seriamente se submeter ás exigencias da cultura, tanto maior temor lhe inspira este recurso, e em seu conflito, entre seus desejos e seus deveres, busca um refugio na neurose. Nada protege, tão poderosamente, sua virtude, como a enfermidade. O matrimonio oferecido como perspectiva consoladora ao instinto sexual do homem culto, durante toda a juventude, não chega, pois, a constituir siquer uma solução durante seu predominio. Não digamos já a compensar a renuncia interior.

Reconhecendo, ainda, esses prejuizos da moral sexual cultural, pode-se, todavia, responder a nossa terceira interrogação, alegando que as conquistas culturais consequentes a uma tão severa restrição sexual, compensam e superam inclusive,

tais prejuizos individuais, que definitivamente, só alcançam certa gravidade numa limitada minoria. Por minha parte, me declaro incapaz, de estabelecer aqui, um balanço de perdas e ganhos. Só poderia trazer ainda numerosos dados para a valorização das perdas. Voltando ao tema, iniciado antes, da abstinencia, hei de afirmar que a mesma traz ainda consigo outros prejuizos diferentes das neuroses, as quais integram, além disso, muito maior importancia, do que, em geral, se lhes concede.

A demora do desenvolvimento e da atividade sexuais, a que aspiram nossa educação, e nossa cultura, não traz, consigo, a principio, perigo algum, e, constitue, inclusive, uma necessidade, si tomamos em conta quão tarde começam os jovens de nossas classes ilustradas, a valer-se delas, por si mesmos, e, a ganhar sua vida, circunstancia em que se nos mostra, além disso, a intima relação de modificar alguns de seus elementos sem atender aos restantes. Passados, porém, os vinte anos, a abstinencia já não está isenta de perigos para o homem e quando nos conduz ao nervosismo, traz consigo outros prejuizos diferentes. Costuma-se dizer, que a luta com o poderoso instinto sexual e a necessaria acentuação nela, de todos os poderes eticos e esteticos da vida animica «fizeram» o carater. Isto é exato para algumas naturezas organizadas, favoravelmente. Assim mesmo, ha de conceder-se que a diferenciação dos caracteres individuais, tão acentuada hoje em dia, tem se tornado possivel pela restrição sexual.

Na imensa maioria dos casos, porém, a luta contra a sensualidade esgota as energias disponiveis do carater, e isso numa época em que o jovem precisa de todas as suas forças, para conquistar sua participação e seu posto na sociedade. A relação entre a sublimação possivel e a atividade sexual necessaria oscila, naturalmente, muito, segundo o individuo e ainda segundo a profissão. Ao contrario, não são nada raros os casos de abstinencia entre os jovens consagrados a uma disciplina cientifica. Estes ultimos podem extraír da abstinencia novas energias para o estudo. Ao contrario, o artista achará, na atividade sexual um excitante da função creadora. Em geral, tenho a impressão de que a abstinencia não contribue a formar homens de ação, energicos e independentes, nem pensadores originais, ou valorosos reformadores, mas, antes honrados mediocres que logo submergem na grande massa, acostumada a seguir, com certa resistencia, os impulsos iniciados por individuos energicos.

Nos resultados da luta pela abstinencia se revela tambem a conduta voluntaria e rebelde do instinto sexual. A educação cultural não estenderia, aliás, a sua coerção temporal, si não até o matrimonio, com a intenção de deixá-lo logo livre, para servir-se dele. Contra o instinto, porém, têm maior exito as medidas extremas que as contemporizações. A coerção vai, frequentemente, longe demais, dando lugar a que chegado o momento de conceder liberdade ao instinto sexual, já apresenta, este, prejuizos duradouros, resultado a que

certamente, não se tendia. Daí não ser a abstinencia completa, durante a juventude, para o homem, a melhor preparação ao matrimonio. Assim suspeitam as mulheres e preferem entre seus pretendentes, aqueles que já demonstraram, com outras mulheres, sua masculinidade. Os prejuizos da severa abstinencia exigidos ás mulheres antes do matrimonio são, especialmente, evidentes. A educação não deve considerar, nada facil o labor de reter a sensualidade da jovem até seu matrimonio, pois, recorre, para isso, aos processos mais poderosos. Não só proíbe o comercio sexual e oferece elevados premios á conservação da inocencia, mantendo-as na ignorancia do papel que lhes está reservado, não tolerando-lhes impulso amoroso algum, que não possa conduzir ao matrimonio. O resultado é que as raparigas, quando, de pronto, se vêm autorizadas a enomorar-se dos pais, não chegam a poder realizar a função psiquica correspondente e vão ao matrimonio sem a segurança de seus proprios sentimentos. A consequencia da demora artificial da função erotica, só desilusões acarreta ao homem que economisou, para ela, todos seus desejos. Seus sentimentos animicos permanecem ainda ligados a seus pais, cuja autoridade creou nelas a coerção sexual, e sua conduta corporal adoece de frigidez, com a qual fica o homem privado de todo prazer sexual intenso. Ignoro si o tipo de mulher anestesica existe fóra das nossas civilizações, apesar de julgá-lo, mui provavel, o certo é, porém, que nossa educação cultural se esforça, precisamente, em cul-

tivá-lo, e estas mulheres, que se entregam sem prazer, não se mostram muito dispostas a parir, frequentemente, com dôr. Resulta, assim, que a preparação ao matrimonio não consegue sinão fazer fracassar os fins do mesmo. Mais, tarde, quando a mulher já vence a demora, artificialmente imposta a seu desenvolvimento sexual, chega ao acme de sua resistencia feminina, e sente despertar nela toda capacidade de amar, porque as relações conjugais foram evitados tanto tempo e, como premio, á sua docilidade anterior, resta-lhe a escolha entre o desejo insatisfeito, a infidelidade e a neurose.

A conduta sexual de uma pessoa constitue o protótipo de todas as suas demais reações. Naqueles homens que conquistaram energicamente seu objeto sexual, atribuimos energia analoga na prosecução de seus fins. Ao contrario, aqueles que por atender a toda classe de considerações, renunciam á satisfação de seus poderosos instintos sexuais, serão, nos demais casos, mais conciliadores e resignados que ativos. Nas mulheres podem-se comprovar, facilmente, um caso especial deste principio da condição prototipica da vida sexual, com relação, ao exercicio das demais funções. A educação lhes proíbe toda a elaboração intelectual dos problemas sexuais, os quais sempre lhes inspiram grande curiosidade, e as intimida com a afirmação de que tal curiosidade é pouco feminina e denota uma predisposição viciosa. Essa atemorização coage sua atividade intelectual e degrada, no seu intimo, o valor de todo conhecimento, pois

a proíbição de pensar se extende além da esfera sexual, em parte, como consequencia de relações inevitaveis e, em parte, automaticamente, fenomenos analogo ao que provocam os dogmas no pensamento do homem religioso ou as idéas dinasticas no dos monarcas absolutos. Não creio que a antitese biologica entre trabalho intelectual e atividade sexual explique a « debilidade fisiologica mental » da mulher, como pretende Moebius em sua obra discutida. Ao contrario, opino que a indubitavel inferioridade intelectual de tantas mulheres, deve ser atribuida á coerção mental necessaria para a coerção sexual.

Ao tratar da abstinencia, não se evita distinguir na mesma: A abstenção de toda atividade sexual, em geral, e a abstenção do comercio sexual com o sexo oposto. Muitas pessoas que se vangloriam de sua abstinencia não a mantem, aliás, sinão com o auxilio da masturbação ou de praticas analogas relacionadas com as atividades sexuais auto-eroticas da primeira infancia. A causa dessa relação, porém, não são, precisamente, tais meios substitutivos da satisfação sexual, nada inofensivos, pois cream uma predisposição para aquelas numerosas formas de neurose e psicose, que têm, como condição, a regressão da vida sexual a suas formas infantis. Tãopouco a masturbação corresponde ás exigencias ideais da moral sexual cultural e provoca no intimo dos jovens, aqueles mesmos conflitos com o ideal educativo, aos quais procuravam subtraír-se por meio da abstinencia. Ademais, perverte o carater em mais de um sentido,

fazendo-o adquirir habitos prejudiciais, pois, em primeiro lugar, e conforme a condição protótipica da sexualidade, o acostuma a alcançar fins importantes, sem esforço algum, por caminhos faceis e não mediante intensa elaboração de energia e, em segundo, eleva o objeto sexual, nas fantasias concomitantes á satisfação, a perfeições dificeis de encontrar na realidade. Deste modo, poude, proclamar um escritor erudito (Karl Kraus) invertendo os termos, que «o coito é apenas um subrogado insuficiente do onanismo».

A severidade das normas culturais e a dificuldade de observar a abstinencia coadjuvou a concretizar esta ultima na abstensão do coito com indivíduos do sexo oposto e a favorecer outras praticas sexuais, equivalentes, por assim dizer, a uma semi-obediencia. Dado que o comercio sexual normal é implacavelmente perseguido pela moral — e tambem pela higiene, por causa da possibilidade do contagio — tem aumentado consideravelmente, como importancia social, aquelas praticas sexuais entre indivíduos de sexo oposto às quais se dá o nome de perversas e nas quais as funções genitais são usurpadas por outras partes do corpo. Estas praticas, porém, não podem ser consideradas tão inocuas, como tambem outras transgressões analogas, praticadas no comercio sexual; são condenadas, do ponto de vista etico, transformam as relações eroticas entre os seres, de algo muito fundamental, em um comodo jogo sem perigo, nem participação animica. Outra consequencia das restrições da vida sexual normal, tem sido o in-

cremento da satisfação homosexual. A todos aqueles que já são homosexuais, em virtude de sua constituição, ou passaram a sê-lo na infancia, vêm unir-se, um grande numero de individuos adultos, cuja libido, vendo impedido seu curso principal, deriva para o conal secundario, homosexual.

Todas essas consequencias inevitaveis e indesejaveis da abstinencia imposta por nossa civilização, confluem numa consequencia unica, consistente em transtornar, fundamentalmente, a preparação do matrimonio, no qual, estará, não obstante, segundo a intenção da moral sexual cultural, como unico herdeiro das tendencias sexuais. Todos aqueles homens que em consequencia de praticas sexuais onanistas ou perversas, tem levado sua libido a situações e condições distintas das normais, desenvolvem, no matrimonio, uma potencia diminuida. Igualmente, mulheres que apenas mediante tais auxilios tem conseguido conservar sua virgindade, mostram, no matrimonio, uma anestesia completa para a relação sexual normal. Estes matrimonios, em que ambos os conjuges apresentam, desde o principio, uma diminuição de suas faculdades eroticas, sucumbem muito mais rapidamente ao fenomeno da dissolução. Por causa da escassa potencia do homem, a mulher fica insatisfeita e permanece anestesica, mesmo naqueles casos em que sua disposição á frigidês, obra da educação, cedera á ação de intensas experiencias sexuais. Para tais casais tornase ainda mais dificil que para os sadios, evitar a

concepção, pois a potencia diminuida do homem suporta mal o emprego de medidas preventivas. Nesta indecisão o comercio conjugal fica logo interrompido, como fonte de preocupações e doenças, renegado, assim, o fundamento da vida matrimonial.

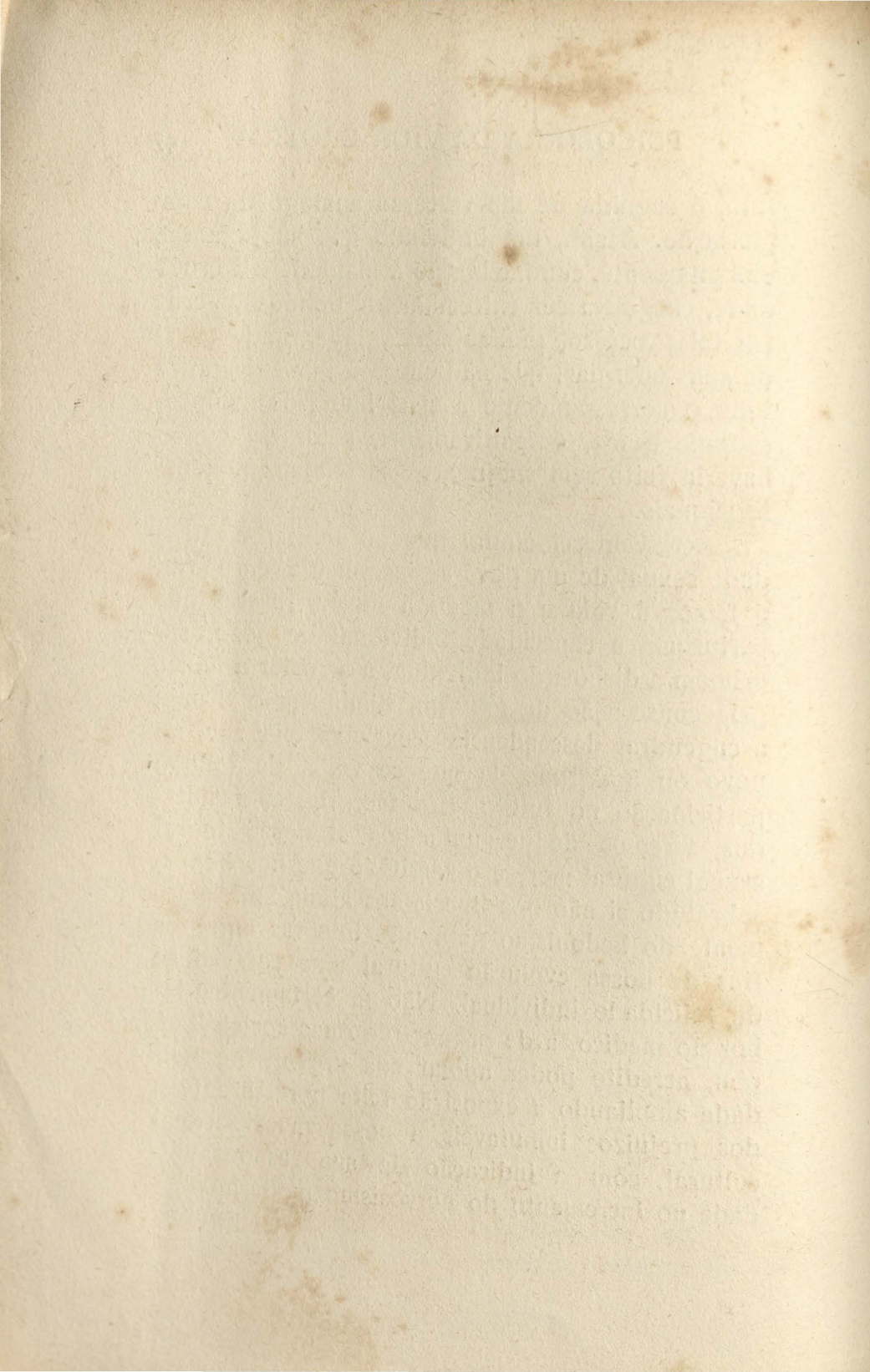
Todas as pessoas peritas nesses assuntos terão de reconhecer que não exagero em nada, mas que apenas me limito a descrever fatos comprovados em todo o momento. Para os não iniciados, ha de parecer incrivel, quão raro, se acha nos matrimonios realizados sob o imperio da nossa moral sexual cultural uma potencia normal do marido e quão frequente, ao contrario, a frigidês da mulher. Não suspeitam, certamente, quantas renunciações traz consigo, às vezes, para ambas as partes, o matrimonio, nem a que fica reduzida a felicidade da vida conjugal, tão apaixonadamente desejada. Já indicamos que em tais circunstancias, o desenlace mais proximo é a doença nervosa. Descreveremos agora em que forma atua um tal matrimonio sobre o filho unico ou os poucos filhos por eles gerados. A primeira vista, parece-nos estarmos nesses casos, ante uma transferencia hereditaria, que examinada detidamente, resulta ser apenas o efeito de intensas impressões infantis. A mulher não satisfeita por seu marido e como consequencia disso, neurótica, torna os seus filhos objeto de uma ternura exagerada, atormentada por constantes aflições, pois concentra neles sua necessidade de amor e desperta neles, uma maturidade sexual prematura. Por outro lado,

o desacordo reinante entre os pais excita a vida sentimental da criança e a faz experimentar, ainda na mais tenra idade, amor, odio e ciumes. Seja, a severa educação, que não tolera atividade alguma a esta vida sexual tão precocemente despertada, que intervem como poder repressor e o conflito surgido assim na idade tão tenra do indivíduo integra todos os fatores precisos para a produção de um nervosismo que não o abandonará jamais em toda a vida.

Volto agora á minha afirmação anterior de que ao julgar as neuroses, não se lhes concede, em geral, toda a sua verdadeira importancia. Ao falar assim, não me refiro a aquela equivoca apreciação desses estados, que se manifesta num descuido absoluto por parte dos da familia do doente, e nas seguranças eventualmente dadas pelos medicos, que umas tantas semanas de tratamento hidroterapico ou alguns meses de repouso conseguirão dar cura á enfermidade. Esta atitude não é adotada hoje em dia, sinão por gente ignorante, sejam ou não medicos, ou tende, tão sómente, a procurar para o paciente um consolo de curta duração. Em geral, já se sabe, que uma neurose cronica, si bem que não destrua, por completo, as faculdades do enfermo, representa, para êle, uma pesada carga, tão grave, aliás, como uma tuberculose ou uma doença de coração. Ainda poderiamos considerá-los, de certo modo, como semelhantes, si as neuroses se limitassem a excluir do labor cultural, a um certo numero de indivíduos, debeis sob qualquer forma, consentindo

participar dela os demais, ao preço, de apenas algumas molestias subjetivas. O que sucede, porém, e a isso se refere, precisamente, minha afirmação inicial, é que a neurose, qualquer que seja o indivíduo a que ataque, sabe fazer fracassar, em todo o seu raio de ação, a intenção cultural, executando, assim, o labor das forças animicas inimigas da cultura e por êle recalcadas. Deste modo, si a sociedade paga com um incremento do nervosismo, a severidade de seus preceitos restritivos, não poderá falar-se de uma vantagem social obtida mediante sacrificios individuais, mas de um sacrificio totalmente inutil. Examinemos, por exemplo, o caso frequentissimo de uma mulher que não quer seu marido porque as circunstancias que presidiram seu enlace e a experiencia de sua vida conjugal posterior não lhe tem trazido motivo algum para querê-lo, porém, que desejaria poder amá-lo, por ser este o unico que corresponde ao ideal do matrimonio em que foi educada. Subjugará pois todos os impulsos que tendem a expressar a verdade e contradizem seu ideal, e se esforçará, em representar o papel de esposa amante, terna e cuidadosa. Consequencia dessa auto-imposição será a enfermidade neurotica, a qual tomará, em pouco tempo, completa vingança do esposo insatisfeito, fazendo-se vitima de tantas molestias e preocupações quantas lhe haveriam causado a franca confissão da verdade. É este um dos exemplos mais tipicos dos resultados da neurose. A repressão de outros impulsos não diretamente sexuais, inimigos da cul-

tura, é seguida de um fracasso analogo da compensação. Assim, um indivíduo que subjugando, violentamente, sua inclinação á maldade e á crueldade, chegou a ser extremamente bondoso, perde em tal processo, muitas vezes, tão grande parte de suas energias, que não chega a por em pratica todo o correspondente a seus impulsos compensadores e faz, defenitivamente, peior do que o haveria feito sem subjugar suas tendencias constitucionais.

Acrescentarei ainda, que ao limitar a atividade sexual de um povo se incrementa, em geral, o temor á vida e o medo á morte, fatores que perturbam a capacidade individual de gozo, suprimem a disposição indivídual a arrostar a morte pela consecução de um fim, diminuem o desejo a engendrar descendencia e excluem, por fim, ao povo ou ao grupo de que se trata, de toda a participação no futuro. Em face desses resultados, teremos de perguntar-nos si nossa moral sexual cultural merece o sacrificio que nos impõe, sobretudo si não nos libertamos ainda suficientemente do hedonismo para não integrar entre os fins de nossa evolução cultural uma certa dose de felicidade individual. Não é, certamente, labor do medico, a de propor reformas sociais, porém, acredito poder apoiar sua urgente necessidade ampliando a exposição feita por Ehrenfels, dos prejuizos imputaveis a nossa moral sexual cultural, com a indicação de sua responsabilidade no incremento do nervosismo moderno.

TEORIAS SEXUAIS INFANTIS

1908.

Os materiais do presente estudo procedem de fontes diversas. Em primeiro lugar, da observação imediata das manifestações e atividades infantis; em segundo, das recordações infantis concientes, comunicadas por indivíduos neuróticos adultos, durante o tratamento psicanalitico, e, por ultimo, da volta ao conciente, das recordações inconcientes de tais indivíduos neuroticos e das deduções e conclusões resultantes de suas analises.

O fato de, a primeira de tais fontes, nos ter proporcionado, já, por si só, todo o material interessante, depende da conduta geralmente observada pelos adultos com respeito á vida sexual infantil. Pretendendo que a criança não desenvolve atividade sexual alguma, se omite realizar um trabalho de observação nesse sentido, e, por outro lado, se coage, imediatamente, todas aquelas manifestações infantis que poderiam ser sinais de uma tal atividade e como tais, merecedoras de atenção e estudo. Assim, pois, as ocasiões de utilizar esta fonte, a mais pura e fecunda de todas, são limitadissimas. Com respeito ao material procedente das manifestações expontaneas de indivíduos adultos sobre suas recordações infantis

concientes, poderá objetar-se, no maximo, a possibilidade de uma alteração de tais recordações ao serem evocados na analise, porém, fora disto, terá que se tomar em conta, ao valorizá-lo, que os indivíduos correspondentes adoeceram, posteriormente, de neurose. Por ultimo, o material extraido da terceira das fontes citadas, será objeto de todas aqueles ataques que se costuma dirigir contra as garantias da investigação psicanalitica e a segurança das conclusões dela deduzidas. Por nosso lado, só acrescentaremos aqui, que o conhecimento e a pratica da tecnica psicanalitica, dá lugar, em pouco tempo, a uma ampla confiança em seus resultados. Com referencia aos que integram esse trabalho, posso garantir haver procedido, em sua dedução, com o maximo cuidado.

Outra questão muito dificil de decidir, é saber até que ponto deve supor-se em toda criança, sem exceção alguma, o que aqui nos propomos expor sobre as crianças, em geral. O influxo da educação e a diferente intensidade do instinto sexual hão de dar, seguramente, origem a grandes oscilações individuais na conduta sexual infantil, determinando, especialmente, a emergencia, mais ou menos longinqua, do interesse sexual. Por esta razão, não articulei minha exposição em relação ás epocas infantis sucessivas, preferindo apresentar reunido tudo aquilo que a vida infantil nos oferece em epocas mais ou menos longinquas, segundo o indivíduo. Desde logo, tenho a convicção de que nenhuma criança — ou pelo menos, nenhuma criança de inteligencia normal

ou superior — chega á puberdade sem que os problemas suxuais hajam ocupado já seu pensamento, nos anos anteriores á mesma.

Não me parece muito aceitavel a alegação de que os neuroticos constituem uma classe especial de indivíduos, caracterizados por uma disposição degenerativa, de cuja vida infantil não é licito deduzir conclusões sobre a infancia, em geral. Os neuroticos são homens como os demais, sem que seja possivel diferenciá-los, com precisão, dos normais, nem distinguí-los, em sua infancia, dos que se conservam sãos. Um dos mais valiosos resultados de nossas investigações psicanaliticas tem sido o de comprovar que as neuroses não possuem um conteudo psiquico peculiar e exclusivamente seu, podendo-se afirmar, assim, segundo a expressão de C. G. Yung, que os neuroticos adoecem em consequencia daqueles mesmos complexos com os quais lutam os sadios. A diferença está em que os sadios sabem dominar tais complexos sem sofrer graves prejuizos, praticamente comprovaveis, enquanto que o nervoso não consegue dominá-los, sinão a preço de custosos produtos substitutivos, cuja emergencia equivale, praticamente, ao fracasso do trabalho executado para alcançar tal dominio. As diferenças entre nervosos e normais são muito menores, na infancia, razão porque não podemos considerar como um erro de metodo o aproveitamento de tais recordações infantis dos neuroticos, para deduzir deles, por analogia, conclusões

sobre a infancia normal. Alem disso, como os indivíduos neuroticos costumam trazer consigo ao mundo, em sua constituição, um instinto sexual muito intenso, que tende a amadurecer e manifestar-se prematuramente, suas recordações da infancia nos permitirão apreender grande parte da atividade sexual infantil, com uma clareza e uma precisão muito maiores, das que nos é possivel obter aplicando, diretamente a outras crianças, nossas faculdades de observação, nada penetrantes.

De qualquer modo, o verdadeiro valor deste material procedente das manifestações de indivíduos neuroticos adultos, não poderá ser fixado, até que se recolham tambem as recordações infantis dos adultos normais, trabalho que Havelock Ellis iniciou.

Por causa das circunstancias desfavaroveis que presidem este genero de investigações, nosso presente trabalho se refere quasi exclusivamente ao desenvolvimento sexual nos indivíduos masculinos. O valor, porém, de uma copia de casos como a que aqui intentamos apresentar, pode não ser meramente descritivo. O conhecimento das teorias sexuais infantis, tal e como o pensamento infantil as compreende, pode ser interessante em mais de um sentido, e assim, resulta sê-lo tambem, surpreendentemente, para a interpretação dos mitos e fabulas da antiguidade. Mas torna-se indispensavel para a concepção das proprias neuroses, tais teorias infantis que conservam ainda

todo seu valor e exercem uma influencia determinante sobre a estrutura dos sintomas.

⁂

Si nos fosse possivel renunciar ao nosso envoltorio corporal, e, assim convertidos, em seres só pensamento, procedentes, por exemplo, de outro planeta, observar com olhares extranhos e isenta de todo prejuizo, as causas terrenas, o que, aliás, mais extranhariamos seria a existencia de dois sexos, que sendo tão semelhantes, evidenciam, não obstante, sua diversidade com sinais manifestos. Mas não parece que as crianças tomem tambem este fato fundamental como ponto de partida de suas investigações sobre os problemas sexuais. Conhecendo desde o inicio de sua vida, um pai e uma mãe, aceitam sua existencia como uma realidade que não necessita investigação alguma. Identica conduta têm a criança em relação á uma irmãzinha da qual apenas o separam um ou dois anos. A curiosidade sexual das crianças não desperta expontaneamente em consequencia de uma necessidade congenita da causalidade, mas sob o aguilhão dos instintos egoistas nele dominantes, quando, ao completar os dois anos, por exemplo, se vêm surpreendidos pelo aparecimento de uma nova criança. Aquelas crianças que permanecem unicas no lar, se transferem tambem a tal situação por suas observações em outras familias. A diminuição — experimentada ou temida — dos mimos familiares, e a previsão de que, daí por diante, deverá compartilhar deles o recem-

chegado, despertam a sensibilidade do indivíduo e aguçam seu pensamento. A criança maior manifesta uma franca hostilidade contra seu competidor, exteriorizando-a em opiniões nada amaveis sobre o mesmo, no desejo de «a cegonha levá-lo novamente», e, ás vezes, inclusive em pequenos atentados contra a criatura que jaz inerme em seu berço. Uma diferença maior de idade debilita, em geral, a expressão dessa hostilidade primaria. Assim mesmo, no caso de filho unico, pode chegar a dominar, mais tarde, o desejo de ter um irmãozito que o acompanhe nos brinquedos, como observei em algumas casas.

Sob o estimulo desses sentimentos e preocupações começa a criança a refletir sobre o primeiro e maior problema da vida e se pergunta, donde vêm as crianças, ou melhor, em principio, donde veio aquela criança que pôs fim á sua situação privilegiada. Em muitos dos enigmas que nos impõem as muitas lendas, acreditamos perceber o éco desta primeira interrogação, que por sua vêz é, como toda investigação, um produto da luta do homem com a vida, como si o pensamento se tivesse imposto o trabalho de prevenir a repetição de um sucesso tão temido. Suponhamos, entretanto, que o pensamento da criança se liberta logo da excitação nele provocada pelo sucesso indesejado e continua trabalhando como instinto expontaneo de investigação. Si a criança não foi já intimidada, tomará, mais cedo ou mais tarde, o caminho mais proximo e irá, em demanda da resposta, a seus pais e responsaveis, que re-

presentam, para êle, a fonte de todo conhecimento. Este caminho, porém, falha, em absoluto. As pessoas interrogadas evitam a resposta, repreendem a criança, sua curiosidade ou saem da dificuldade recorrendo a uma fabula qualquer — nos países germanos a da cegonha, muito importante do ponto de vista mitologico e segundo a qual é esta ave que traz as crianças, colhendo-as da agua. Tenho minhas razões para supor que o numero das crianças que não se satisfazem com esta explicação e a ouvem com intensa incredulidade é muito maior do que os pais supõem. Sei de uma criança de 3 anos, que poucos momentos após obter tal explicação, foi notada a sua falta em casa e achado no bordo de um tanque proximo, onde havia-se dirigido para ver as crianças que a cegonha ia aí buscar. Outro deu timida expressão á incredulidade, assegurando com convicção, que quem trazia as crianças não era a cegonha, mas... a garça real. As multiplas observações que realizei ou que me foram comunicadas, levaram-me a crer que as crianças recuzam toda fé na teoria da cegonha, e que, a partir desse primeiro engano, alimentam, em si, grande desconfiança para os «mais velhos» e mantêm, em segredo, a prossecução de suas investigações. Em tais acontecimentos, porém, vivem já, a primeira fase de um «conflito psiquico», posto que certas opiniões suas, pelas quais sentem uma predileção de carater instintivo, mas que não «parecem bem» aos mais velhos, se chocam com as mantidas pela autoridade dos mesmos e que a êles

não parecem aceitaveis. Este conflito psiquico pode dar origem, rapidamente, a uma «dissociação psiquica». A opinião «oficial», cuja aceitação dará á criança o titulo de «judicioso», ao mesmo tempo que, coagirá sua atividade reflexiva, chegará a dominar num psiquismo conciente; a outra, a cujo favor tendo trazido, entretanto, o trabalho de investigação, novas provas, que, sem embargo, terão que ser destruidas, será subjugada e sobreviverá em estado inconciente, ficando assim constituido o complexo nuclear da neurose.

Com a analise de uma criança de cinco anos, levada a efeito pelo proprio pai, que autorizou-me a publicá-lo, imediatamente, trouxe, não ha muito, a prova irrefutavel de uma descoberta, para a qual já me havia orientado, muito antes, minhas psicanalises dos adultos. Agora estabelecermos, que as transformações provocadas no aspeto pela gravidês, não escapam aos olhos da criança, a qual não tarda em estabelecer a relação exata entre o aumento de volume da mãe e o aparecimento de um novo filho. No caso antes citado, a criança tinha tres anos e meio quando nasceu a irmãzinha e quatro anos e nove meses quando deixou ver, com alusões bem claras, seu perfeito conhecimento do sucedido. Esse prematuro conhecimento, porém, é sempre mantido em segredo e sucumbe, mais tarde, ao recalcamento e ao esquecimento, como todos os demais resultados da investigação sexual infantil.

Desse modo, a fabula da cegonha não pertence ao numero das teorias sexuais infantis. Pelo

contrario, a observação dos animais, que não dissimulam sua vida sexual e, dos quais, tão perto se sente a criança, é o que mais coadjuva em robustecer sua incredulidade. Com a descoberta de que a criatura se forma dentro do corpo da mãe, descobrimento que a criança realiza, ainda, por si mesmo, e sem auxilio algum alheio, já se encontraria o infantil investigador em caminho de resolver o problema, no qual, pela primeira vêz, põe a prova suas energias intelectuais. Chegado a este ponto, porém, vê impedido o progresso posterior de seu trabalho de investigação pelo desconhecimento de um dado insubstituivel e por teorias erroneas que lhe são inspiradas pela situação de sua propria sexualidade.

Essas falsas teorias sexuais, que agora examinaremos, mostram um singularissimo carater comum. Ainda que todas errem de um modo grotesco, cada uma delas possue alguma parte da verdade, assemelhando-se, nisso, áquelas teorias que qualificamos de «geniais», construidas por adultos como tentativas para resolver os problemas universais que desafiam o pensamento humano. A parte de verdade integrada nessas teorias sexuais infantis se explica por sua derivação dos componentes do instinto sexual, ativos já na criança, pois tais hipoteses não são o fruto de um capricho psiquico, nem de impressões carnais, mas de uma necessidade da constituição psicosexual, sendo esta a razão porque podemos falar de teorias sexuais infantis tipicas e achamos em todas aquelas crianças, em cuja vida sexual

não é possivel penetrar, as mesmas opiniões erroneas.

A primeira de tais teorias se relaciona ao conhecimento das diferenças sexuais, indicado já, antes, como caracteristica infantil, e consiste em atribuir a toda pessoa, inclusive ás do sexo feminino, orgãos genitais masculinos, como as que a criança conhece por seu proprio corpo. Precisamente naquela constituição sexual que reconhecemos como «normal», é, já na infancia, o penis, a zona erógena diretiva e o principal objeto sexual auto-erotico, e o valor que o indivíduo lhe concede se reflete, logicamente, em uma tal impossibilidade de representar-se a uma personalidade análoga ao Ego, sem um elemento tão essencial. Quando a criança vê núa a sua irmãzinha ou a outra menina, suas manifestações demonstram que seu engano chegou a ser bastante energico para falsear a percepção do real. Assim não comprova a falta do membro, mas diz, regularmente, com intensão consoladora e conciliadora: «Ele... é ainda pequenino, porém, crescerá, quando fôr mais crescida». A imagem da mulher provida de um membro viril volta ainda nos sonhos dos adultos. O adormecido, preso de forte excitação sexual, se dispõe a realizar o coito com uma mulher, porém, ao despí-la, descobre, em vêz dos orgãos genitais femininos, um longo membro viril, e esta visão põe fim ao sonho e á excitação sexual. As numerosas figuras hermafroditas que a antiguidade classica nos legou, reproduzem, fielmente, esta representação in-

fantil, geralmente ampliada um dia, sendo de observar, que tal imagem não fere a sensibilidade da maioria dos homens normais, enquanto que os casos reais de hermafroditismo genital despertou, quasi sempre, grande repugnancia.

Quando esta representação da mulher provida de um membro viril chega a se tornar « fixa » na criança, resistindo a todas as influencias da vida posterior e creando a incapacidade de renunciar ao penis no objeto sexual, o indivíduo — cuja vida sexual pode permanecer normal em outro qualquer aspeto — se torna necessariamente, homosexual, e busca seus objetos sexuais entre homens que por certos caracteres somaticos ou animicos lembram a mulher. A mulher real, tal qual em breve, a descobre, não póde constituir para êle, um objeto sexual, pois carece, a seus olhos, do atrativo sexual essencial, e pode chegar, inclusive, a inspirar-lhe horror, por sua relação com outra impressão de sua vida infantil. A criança na qual domina, principalmente, a excitação do penis, contrae, em geral, o habito de procurar prazer por meio de estimulos manuais, e ao ser surpreendido, alguma vêz, por seus pais ou responsaveis, em tais manejos, é atemorizado com a ameaça de se lhe cortar o membro. O efeito dessa « ameaça de castração » é, por corresponder ao alto valor do orgão ameaçado, extraordinariamente profundo e duradouro. As lendas e os mitos testemunham a excitação e o espanto que na sensibilidade infantil se misturam a este com-

plexo de castração, o qual só muito a contragosto é lembrado pela conciencia. A visão posterior dos orgãos genitais femininos, cuja forma interpreta como a resultante de uma mutilação, recorda ao indivíduo a ameaça anterior, despertando assim, no homosexual, espanto em vêz de prazer. Esta reação já não é suscetivel de modificação alguma quando o homosexual chega ao conhecimento cientifico de que a hipotese infantil que atribue á mulher a posse de um penis, não é, na realidade, tão erronea. A anatomia reconheceu no clitoris feminino, o orgão homologo ao penis, e a fisiologia dos fenomenos sexuais acrescentou que este penis incipiente e não passivel de maior desenvolvimento, se conduz na infancia da mulher como um verdadeiro penis e constitue a séde de estimulos que incitam o indivíduo a manobras de carater onanista, atribuindo sua excitabilidade um marcado carater masculino á atividade sexual da menina, fazendo-se necessario, nos anos da puberdade, um aumento de repressão destinado a apagar esta sexualidade masculina e dar nascimento á mulher. A persistencia da excitabilidade clitoriana diminue a função sexual da mulher, fazendo-a anestesica para o coito. Inversamente, a repressão indicada antes, pode tambem se tornar excessiva e ficar então, parcialmente anulados seus efeitos, pela emergencia de produtos substitutivos histericos. Todos esses fatos não contradizem, certamente, a teoria sexual infantil de que a mulher possue, assim como o homem, um penis.

Não é dificil observar que a menina compartilha do elevado valor que seu irmão concede aos orgãos genitais masculinos. Mostra, por esta parte do corpo dos meninos, um vivo interesse e não tarda a transparecer a inveja. Sente-se inferiorizada, tenta orinar na mesma posição que o menino, e afirma que teria preferido ser homem. Não cremos necessario assinalar o que serviria de compensação á realização de tal desejo.

Si a criança pudesse aproveitar para as suas deduções, a indicação que supõe a excitação experimentada em seus orgãos genitais, se aproximaria, aproximadamente, á solução do seu problema. Que o menino se forme dentro do corpo da mãe não é, desde logo, uma explicação suficiente. Como penetra nele? Quem provoca seu desenvolvimento? É muito provavel que o pai tenha algo a ver com isso, pois declara que a criança é «sua» (1). Por outro lado, a excitação que a criança sente em seus orgãos genitais sempre que maneja no seu pensamento tais questões, o faz suspeitar que o penis ha de ter alguma intervenção em tais enigmaticos fenomenos. A esta excitação se mesclam, aliás, impulsos que a criança não consegue explicar, obscuros impulsos a um ato violento, a uma penetração, a romper algo ou abrir um buraco em alguma parte. Quando a criança, porém, parece achar-se encaminhada para postular a existencia da vagina e descobrir na penetração do penis paterno no corpo

(1) Veja-se a «Analise da fobia de uma criança de cinco anos».

materno, o ato por meio do qual nasce a creatura no seio materno, fica bruscamente interrompida a investigação ao tropeçar com a teoria de que a mãe possue tambem, como o pai, um penis. A existencia da cavidade que acolhe o penis permanece ignorada para a criança, e o fracasso de suas meditações o faz deixar de pensar nelas e esquecê-las mais tarde. Tais falsidades e duvidas, porém, se constituem em protótipo de todo processo mental posterior encaminhado para a solução de problemas e o primeiro fracasso, exerce já, para sempre, uma influencia paralizante.

O desconhecimento da vagina continua tambem na criança na segunda de suas teorias sexuais. Si a criança se forma dentro do corpo da mãe, desprendendo-se, em breve, dele, tal separação só póde ser feito por um unico caminho, isto é, pelo conduto intestinal. A criança é expelida como um excremento, numa defecação. Quando nos anos infantis posteriores, volta esta questão ao pensamento da criança ou chega a ser objeto de uma conversação com alguns de seus companheiros, surge, como nova explicação, o fato de que as crianças nascem através o umbigo ou por uma abertura praticada no ventre materno, para extaí-los, como o « Chapeuzinho Vermelho » da barriga do lobo. Essas teorias são expostas em voz alta e lembradas logo concientemente, pois nada mais têm de repulsivo. Ao contrario, as mesmas crianças esqueceram, por completo, que, em anos anteriores, acreditavam em outra teoria do nasci-

mento, diferente, á qual agora se opõe a repressão dos componentes sexuais anais, sobrevinda no intervalo. Naqueles primeiros tempos, a defecação era algo, de que se poderia falar sem asco na «nursery». A criança não se achava tão longe ainda de suas tendencias constitucionais coprófilas, e não era, para êle, nada degradante ter vindo ao mundo como u'a massa fecal, não condenada ainda pela repugnancia. A teoria da cloaca, exata em tantos animais, era a mais natural e a unica que a criança podia achar verosimil.

Pensando posteriormente, nega a criança á mulher o doloroso privilegio de parir filhos. Si as crianças são concebidas pelo amor, tambem os homens podem tê-los. Assim pois, o menino pode imaginar que dá a luz um filho, sem que, por isso, tenhamos de imputar-lhe tendencias femininas.

Quando a teoria da cloaca perdura na conciencia da criança nos anos infantis posteriores, o que sucede algumas vezes, traz tambem, consigo, uma solução ao problema da origem das crianças, mas já sem o carater primitivo. Sucede então como nos contos. Tem-se um filho por haver comido certa cousa. As enfermas mentais costumam logo reviver esta teoria infantil. Assim, u'a maniaca, ao receber a visita do medico, o conduziu ante um monte de excremento que depositou no canto de sua sela, e lho mostrou dizendo: «Olhe o filho que tive hoje».

A terceira das teorias sexuais infantis tipicas surge quando as crianças chegam a ser testemunhos casuais do comercio sexual de seus pais, ainda que, naturalmente, não tenham conseguido mais que uma percepção muito incompleta do mesmo. Porém, qualquer que tenha sido a sua percepção — a situação reciproca dos dois protagonistas, os ruidos ou certos detalhes acessorios — sua interpretação do coito é sempre de carater sádico, vendo nele algo que a parte mais forte impõe, violentamente, à mais debil e comparando-a, sobretudo os observadores masculinos, a uma luta corpo a corpo, como as que eles sustentam com seus camaradas de brinquedo e que não deixam de integrar uma certa mescla de excitação sexual. Não pude comprovar si as crianças descobrem em tais cenas, por eles surpreendidas o dado que lhes faltava para a resolução de seu problema. Em muitos casos, parecia que, si tal relação permanecia oculta aos olhos da criança, era, precisamente, por haver interpretado o ato erotico como um ato de violencia. Esta interpretação parece, porém, por sua vêz, um retorno daquele obscuro impulso para uma ação cruel, que se mesclava é excitação do penis nas primeiras meditações da idade infantil sobre o problema da origem das crianças. Não se pode negar tãopouco a possibilidade de aquele longinquo impulso sádico, que quasi deixou adivinhar o coito, surgirá, por sua vêz, sob o influxo de reminiscencias obscurissimas do comercio sexual dos pais, reminiscencias cujo material havia reu-

nido a criança, sem utilizá-lo ainda, durante os primeiros anos de sua vida, nos quais compartilhou a alcova de seus progenitores (2).

A teoria sádica do coito, que não sendo relacionada com outras impressões, induz o indivíduo a erro em vêz de trazer-lhe uma confirmação de suas hipoteses, é, por sua vêz, expressão de um dos componentes sexuais congenitos, mais ou menos intensa em cada criança, e, em consequencia, se torna parcialmente exata, adivinhando, em parte, a essencia do ato sexual e a «luta dos sexos» que a ele precede. Não é tãopouco raro que a criança ache confirmada esta sua teoria por observações casuais que interpreta, parte exata e parte erroneamente, ou de um modo antitetico. Em muitos matrimonios, resiste, realmente, a mulher, ao abraço conjugal, que não lhe proporciona prazer algum e traz, ao contrario, consigo, o perigo de uma nova complicação. A mãe oferece assim á criança, que supõe adormecido, (ou que finge está-lo), uma impressão que só póde ser interpretada como uma defeza contra um ato de violência. Outras vezes, é toda a vida conjugal que oferece á criança o espetaculo de uma continua disputa expressa em palavras e gestos hostis, não podendo assim extranhar o infantil observador, que tal disputa prossiga durante a noite e tenha o

(2) Em sua autobiografia — «Monsiér Nicolas» — publicada em 1794, confirma Restif de la Brétonne esta erronea interpretação sádica do coito, ao relatar uma impressão de seus quatro anos.

mesmo violento desenlace que suas disputas com seus irmãos ou companheiros de brinquedos.

As manchas de sangue nos lençóis ou nas roupas interiores da mãe confirmam tambem as hipoteses sádicas da criança, que vê nelas uma prova de que o pai repetiu, durante a noite, suas violencias, quando a interpretação real seria antes um descanço no comercio sexual. O «horror ao sangue», de certos nervosos, só se torna explicavel relacionando-o com estas impressões infantis. O erro infantil integra aqui, de novo, alguma parte da verdade, posto que a efusão do sangue constitue, em determinadas circunstancias, uma prova da iniciação sexual.

Numa relação menos estreita com o insoluvel problema da origem das crianças, se interroga tambem a criança em que consiste «estar casado» e dá a essas interrogações respostas diferentes, segundo as coincidencias de suas observações ocasionais das relações de seus pais, com seus proprios instintos parciais, então revestidos de prazer. Tais respostas parecem integrar apenas um unico elemento comum: o de prometer-se no matrimonio, a satisfação do prazer e a subjugar o pudor. A teoria mais frequentemente descoberta por mim, tem sido a de que os casados «orinam um diante o outro» ou que «o marido orina no orinol da mulher», variante que parece querer indicar, simbolicamente, um conhecimento mais exato. Outras vezes, se transfere o significado do matrimonio no fato de mostrar mutuamente o trazeiro (sem envergonhar-se). Num caso em que a educação

havia conseguido atrazar, mais do que habitualmente, o conhecimento do sexual, o paciente, uma moça de quatorze anos, na qual a menstruação já aparecera, concebeu, sob a sugestação de leituras, a ideia de que o matrimonio consistia em os conjuges «misturarem seu sangue», e como em sua irmã mais jovem a menstruação ainda não aparecera, tentou uma agressão sexual contra uma amiga que lhe comunicou estar menstruanda no momento, querendo obrigá-la a uma tal «mistura de sangue».

As opiniões infantis sobre a essencia do matrimonio costumam perdurar na memoria conciente do indivíduo e acarretam grande importancia para a sintomatica das eventuais neuroses posteriores. A principio, tomam importancia, naqueles brinquedos infantis nos quais realizam as crianças, umas com as outras, aqueles atos que supõem constituir o matrimonio e, posteriormente, o desejo de estar casado pode se tornar a expressão infantil e originar uma fobía, inexplicavel á primeira vista, ou um sintoma correspondente ([3]).

Tais seriam as principais teorias sexuais tipicas da criança, estruturadas por ela, expontaneamente, nos primordios da infancia, sob a unica influencia dos componentes instintivos sexuais. Sei muito bem que não consegui ainda reunir todo o material existente, nem relacionar, sem solução de continuidade, esses produtos mentais, com o resto da vida infantil. Pelo menos acres-

---

([3]) Os jogos infantis mais importantes sob este aspeto são os da «visita do medico» e «papai-mamãe».

centarei algumas observações que toda pessoa conhecedora da questão terá pelo menos de arrostar. Assim a importánte teoria de que a criança ę gerada num beijo, teoria que mostra, claramente, o predominio da zona bucal. Que eu saiba, é esta teoria exclusivamente feminina e a achamos, ás vezes, com carater patógeno em meninas cuja investigação sexual infantil, foi vigorosamente, coagida, por seus pais ou responsaveis. Uma das minhas clientes chegou, por si só, em virtude de uma observação casual, á teoria da «couvade», que, como é sabido, constitue em alguns povos, um costume geral, tendo por fim, muito provavelmente, desvanecer as duvidas sobre a paternidade, nunca livre delas. Tendo observado que um tio seu, indivíduo um tanto original, permanecia varios dias sem saír de casa depois de sua mulher ter um filho, e recebia as visitas em camisa, deduziu que ambos os conjuges participavam no parto e tinham que ficar na cama.

Mais ou menos aos dez anos costumam chegar ás crianças as primeiras revelações sexuais. Uma criança, criada num ambiente social mais livre ou que tenha tido melhores ocasiões de observar os atos sexuais, comunica aos demais suas descobertas, porque lho fazem parecer «mais homem» diante de seus camaradas. O que assim descobrem as crianças é, quasi sempre, a verdade, isto é, a existencia da vagina e seu destino, mas alem disso, as revelações que assim se fazem umas crianças ás outras, costumam conter tambem erros e residuos das anteriores teorias se-

xuais infantis. Quasi nunca são completas nem suficientes para a solução do problema primitivo. O desconhecimento do liquido seminal impede agora, como antes o da vagina, a solução difinitiva, pois a criança não pode adivinhar que o membro viril ejeta um liquido diferente da urina. A essas revelações das crianças proximas da puberdade se mescla um novo impulso da investigação sexual infantil. Porém, as teorias que as crianças contraem agora, caracem já daquele sinal tipico e primitivo que caracterizam as primitivas teorias sexuais infantis primarias, edificadas, durante uma época, na qual os componentes sexuais podiam emerger nelas sem obstaculo, nem modificação alguma. Não me tem parecido que os esforços mentais posteriores mereçam ser recolhidos, não podendo tãopouco, ser-lhes atribuida uma importancia patogena. Sua diversidade depende, naturalmente, em primeiro lugar, da natureza das explicações transmitidas á criança, e sua importancia então volta a despertar as lembranças, já inconcientes, daquele primeiro periodo de interesse sexual, não sendo raro ver misturar-se a eles uma atividade sexual onanista e um principio de repugnancia sentimental aos pais. Daí o juizo condenatorio dos educadores, que pretendem que tais revelações sexuais nestes anos, «perverteram» ás crianças.

Uns quantos exemplos nos mostrarão que elementos integram estes posteriores sofismas sexuais das crianças. Uma menina confessa ter ouvido dizer as suas condiscipulas que o marido

dá á mulher um ovo que ela choca dentro de seu corpo. Uma criança, a quem tambem fora comunicada esta teoria, identifica o «ovo» com os testiculos os quais se rompe a casca, imaginando como se pode renovar em cada caso o conteudo do escroto. As revelações infantis são quasi sempre insuficientes para prevenir duvidas essenciais sobre os fenomenos da vida sexual. Assim, ha meninas que supõem que o ato sexual é realizado uma só vêz e dura muito tempo, até vinte e quatro horas, provindo, desta unica vêz, sucessivamente, todos os filhos. Poderia suspeitar-se que essa teoria havia sido sugerida a tais meninas por um previo conhecimento da reprodução de certos insetos. Esta hipotese, porém, não se confirma jamais. Outras meninas não advertidas da duração da gestação supõem que a criança nasce logo depois da primeira noite conjugal. Marcel Prevost utilizou este erro dos adolescentes numa narração divertida, que constitue parte de suas «Cartas de mulheres». O tema desta posterior investigação sexual das crianças ou dos adolescentes que permaneceram na fase infantil, é dificil de esgotar, e não carece, em geral, de interesse, mas, por hora, terei de limitar-me a indicar, que em tal investigação, chegam tambem as crianças a conclusões erroneas, destinadas a contradizer outros conhecimentos anteriores, mais exatos, porém, já recalcados e inconcientes.

Tambem tem sua importancia a forma porque as crianças reagem às explicações que lhe são dadas. Em alguns deles, já alcançou a re-

pressão sexual tão alto gráu, que se negam a dar ouvidos a toda explicação e logram permanecer ignorantes, ou pelo menos, aparentemente ignorantes, pois nas analises dos indivíduos neuroticos, surgem á luz os conhecimentos sexuais que o indivíduo possuiu nos primordios de sua infancia, e, em breve, sucumbiram ao recalcamento, ficando relegados ao inconciente. Sei tambem de dois meninos entre os sete e treze anos, que depois de escutar serenamente uma explicação sexual, responderam a seu iniciador: É possivel que teu pai e outras pessoas façam isso, mas que nosso pai não o faria jamais, estamos certos. Mas, por estranha que possa ser essa conduta posterior das crianças ante a satisfação de sua curiosidade sexual, temos de aceitar, para seus primeiros anos infantis, um proceder, totalmente uniforme, e crer que, nessa época, se esforçam para averiguar o que os pais faziam, entre si, para terem filhos.

CONTRIBUIÇÕES Á PSICOLOGIA DA VIDA ERÓTICA

1910-1912.

I

Em torno de um tipo especial da escolha do objeto no homem.

Até agora, temos abandonado aos poetas a descrição das «condições eróticas» segundo as quais os homens realizam a escolha do objeto, e, igualmente, a forma porque conseguem harmonizar as exigencias de sua fantasia. Os poetas reunem, com efeito, certas condições, que os capacitam para tal labor, possuindo, sobretudo, sensibilidade para perceber os movimentos animicos secretos dos demais e valor para deixar falar, em vóz alta, o seu proprio inconciente. Do ponto de vista do conhecimento, porém, o valor de suas descrições fica muito diminuido por uma determinada circunstancia. O poeta se acha preso á condição de provocar um prazer estetico e intelectual, alem de certos efeitos sentimentais, e, em consequencia, não póde apresentar a realidade tal e como ela se lhe oferece, pois se vê obrigado a isolar alguns de seus fragmentos, a ex-

cluir da totalidade os elementos indesejaveis, a interpolar outros que completam o conjunto e a mitigar e suavisar as asperezas do mesmo. São esses, os privilegios da chamada «liberdade poetica». Além disso, porém, o poeta só pode dedicar mui pouco interesse à origem e à evolução de estados animicos que descreve, já completamente constituidos. Torna-se, pois, inevitavel, que tambem a ciencia entre a manejar — com mão mais torpe e menor satisfação de prazer — aquele mesmo assunto cuja elaboração poetica vem deleitando aos homens desde ha milenios. Todas essas observações terão de justificar nossa tentativa de submeter tambem a uma elaboração estritamente cientifica, a vida erótica humana. A ciencia constitue, precisamente, a mais completa libertação do principio do prazer de que é capaz nossa atividade psiquica.

***

Os tratamentos psicanaliticos nos oferecem ocasiões frequentes de acumular dados sobre a vida erótica dos enfermos neuroticos, e durante este trabalho, recordamos que, tambem nos indivíduos sãos do tipo medio e inclusive em personalidades estranhas, temos observado ou averiguado uma conduta analoga. A acumulação de tais dados permite, desde logo, diferenciar, mais precisamente, tipos isolados. Um desses tipos de escolha masculina do objeto amoroso merece ser descrito, em primeiro lugar, por ser a caracteristica de toda uma serie de «condições eróticas», cuja coinci-

dencia, especialmente, á primeira vista, torna-se facilmente explicavel na analise.

1) A primeira de tais condições eróticas é de carater especifico; sua descoberta presupõe a existencia dos demais caracteres desse tipo. É a que poderiamos chamar condição de «prejuizo de terceiro» e consiste em o indivíduo não escolher jamais como objeto amoroso u'a mulher que se acha ainda livre, isto é, uma moça solteira ou u'a mulher independente de todo laço amoroso. Sua escolha recairá, pelo contrario, invariavelmente, em alguma mulher sobre a qual já pode fazer valer um direito de propriedade outro homem, marido, noivo ou amante. Esta condição mostra, ás vezes, tal inflexibilidade, que uma mulher indiferente ao indivíduo ou até desprezada por êle, enquanto permaneceu livre, passa a constituir-se em objeto do seu amor, depois que trava relações amorosas com outro homem.

2) A segunda condição é, aliás, menos constante, porém, não menos estranha. O tipo cuja descrição nos propuzemos, surge de sua coincidencia com a primeira, coincidencia que não é, desde logo, obrigatoria, pois tal primeira condição aparece tambem isolada em muitos casos. Esta segunda condição consiste em que a mulher casta e irrepreensivel não exerce nunca, sobre o indivíduo, aquela atração que poderia constituí-la em objeto amoroso, ficando reservado tal privilegio, áquelas outras, suspeitas sexualmente, cuja pureza e fidelidade podem ser postas em duvida. Dentro desse caraceter, cabe toda uma serie de matizes,

desde a casada ligeiramente acessivel ao «flirt», até á cocote francamente entregue á poligamia, porém, o indivíduo do nosso tipo não renunciará jámais, em sua escolha, a algo dessa ordem. Exagerando um pouco, podemos chamar a esta condição, a do «amor á prostituta».

A primeira condição facilita a satisfação de impulsos revoltados e hostis contra o homem a quem se rouba a mulher amada. A segunda, que exige a leviandade da mulher, provoca os ciumes, que parecem constituir uma necessidade para os amantes desse tipo. Só quando podem arder em ciumes, alcança o seu amôr a maxima intensidade e adquire para eles a mulher seu valor total, pelo qual, nunca deixarão de aproveitar toda ocasião possivel de viver sensações tão intensas. Mas, para maior estranheza não é o possuidor legal da mulher amada quem provoca seus ciumes, mas outras pessoas diferentes, cujo trato com o objeto do seu amor pode inspirar-lhes alguma suspeita. Nos casos extremos, o indivíduo não mostra desejo algum de ser o unico dono da mulher e parece encontrar-se muito a gosto com o «ménage à trois». Um de meus clientes a quem as infidelidades de sua amada haviam feito sofrer o inexplicavel, não opôs objeção alguma a seu matrimonio a ajudou nele com a melhor vontade, não mostrando, durante muitos anos, ciume algum do marido. Noutro caso tipico por mim observado, mostrou-se muito ciumento do marido e obrigou a sua amante a não mais travar comercio sexual algum com o mesmo, no seu pri-

meiro enamoramento desta ordem; porém, com outras mulheres em paixões analogas, já se comportou como os demais indivíduos desse tipo, não vendo no esposo legitimo estorvo algum.

Os divorciados já não se referem às condições exigidas ao objeto sexual, mas á conduta do amante para com êle mesmo.

3) Na vida erótica normal, o valor da mulher é determinado por sua integridade sexual e diminue na razão direta de sua aproximação da prostituta. Parece pois, uma singular anormalidade, que os amantes desse tipo considerem como objetos eróticos valiosissimos, precisamente áquelas mulheres cuja conduta sexual é, pelo menos, duvidosa. Em suas relações com mulheres desta ordem, põem nossos indivíduos todas as energias psiquicas, desinteressando-se, por completo, de quanto não se refere ao seu amor. São, para eles, as unicas mulheres a quem se pode amar, e em cada uma das suas paixões desta classe, juram, a si mesmo, observar uma absoluta fidelidade ao objeto amado, ainda que, em breve, não cumpram proposito tão apaixonado. Esses caracteres das relações amorosas descritas, mostram, claramente impresso, carater obsidente, proprio ademais, em um certo gráu, a todo apaixonamento. Porém, da fidelidade e intensidade de um destes apaixonamentos não se deve deduzir que encha a vida inteira do indivíduo e constitua nele um caso unico. Pelo contrario, na vida dos indivíduos pertencentes a este tipo, se repetem tais enamoramentos com identicas singularidades.

Os objetos eróticos podem chegar a constituir uma grande serie, substituindo-se, uns aos outros, conforme as circunstancias exteriores, por exemplo, as mudanças de residencia e de meio.

4) Um dos caracteres mais particulares desse tipo de amantes é a sua tendencia de «salvar» a mulher eleita. O indivíduo tem a convicção de ser necessario a sua amada, que sem êle, perderia todo apoio moral e cairia, rapidamente, num nivel lamentavel. Salva-a, pois, não abandonando-a, aconteça o que acontecer. A intenção redentora pode justificar-se, algumas vezes, pela leviandade sexual da mulher e pela ameaça que pende sobre sua posição social, porém, surge, igualmente, e com identica intensidade naqueles casos em que não sucedem tais circunstancias reais. Um dos indivíduos desse tipo, que sabia conquistar as suas damas com artes perfeitas de sedução e ingeniosa dialetica, não retrocedia em face de esforço algum, para conservar as suas amantes no caminho da «virtude», escrevendo para elas originais tratados de moral.

Si abrangermos agora, num golpe de vista, os diferentes elementos do quadro descrito, ou seja, as condições de falta de liberdade e leviandade sexual da amada, sua alta valorização, a necessidade de sentir ciumes, a fidelidade, compativel, não obstante, com a substituição do objeto por outro, numa grande serie, e, por ultimo, a intenção redentora, não suporemos provavel que todos esses caracteres tenham sua origem numa fonte unica. Sem embargo, a investigação

psicanalitica, da vida desses indivíduos não tarda em revelar-nos uma tal fonte comum. Sua escolha do objeto, tão singularmente determinada, e sua extranha conduta amorosa, têm a mesma origem psiquica que a vida erótica do indivíduo normal. Derivam-se da fixação infantil do afeto na pessoa da mãe, e constituem um dos desenlaces de tal fixação.

A vida erótica normal não mostra já senão poucos sinais que denunciam o carater prototipico de tal fixação para a ulterior escolha do objeto, por exemplo, a predileção dos jovens pelas mulheres idosas. Nesses casos, a libido do indivíduo ja se desligou quasi completamente da mãe. Pelo contrario, em nosso tipo, a libido continuou ainda ligada á mãe depois da puberdade, e durante tanto tempo, que os caracteres maternos permanecem impressos nos objetos eróticos posteriormente escolhidos, os quais se tornam, assim, substitutos maternos, facilmente reconheciveis. Impõe-se nos aqui a comparação com a estrutura craneana do recem-nascido, na qual se nos oferece um molde do pelvis materna.

Provaremos agora, que os traços caracteristicos de nosso tipo, tanto no que se refere ás condições de sua escolha de objeto, como á sua conduta amorosa, procedem, realmente, do ambiente materno. Nada mais facil quanto á primeira condição, a da dependencia previa da mulher ou do «terceiro prejudicado». É evidente que para a criança criada em família, o fato de pertencer a mãe ao pai, constitue um atributo essencial da

figura materna. Assim pois, o «terceiro prejudicado» é tão sómente o proprio pai. Não fica tambem dificil integrar no ambiente materno a exagerada valorização que leva o indivíduo a considerar unico e insubstituivel o objeto de cada um de seus namoros; nunca tivemos mais que uma mãe e nossa relação com ela, se baseia num fato indubitavel e que não se pode repetir.

Si os objetos eróticos escolhidos por nosso tipo, hão de ser, antes de tudo, subrogados da figura materna, explicaremos assim mesmo sua repetida substituição em serie, tão incompativel, ao parecer, como mesmo firme proposito de fidelidade coracteristica desses indivíduos. Á psicanalise nos ensina tambem em casos de ordem diferente, que aqueles elementos, no inconciente, como algo insubstituivel costumam exteriorizar sua atividade provocando a formação de series inacabaveis, posto que nenhum dos subrogados proporciona a satisfação desejada. Assim o insaciavel interrogar das crianças em idade determinada, depende de uma só interrogação, que não se atrevem a formular e a inesgotavel verbosidade de certos neuroticos é produto do peso de um segredo, que quer aparecer, mas que não revelam apesar de todas as tentações.

Ao contrario, a segunda condição, isto é, a da leviandade do objeto sexual, não parece poder derivar-se do complexo materno. O pensamento conciente do adulto vê na mãe uma personalidade, de inatacavel pureza moral, e, nada ha tão ofensivo, quando vem do exterior, ou tão

doloroso, quando surge na conciencia intima, do que uma duvida sobre esta qualidade da mãe. Porém, precisamente, a antitese entre a « mãe » e a « prostituta » ha de estimular-nos a investigar a evolução e a relação inconcientes desses dois complexos, pois sabemos já de antes, que no inconciente costumam confundir-se num só, elementos que a conciencia nos oferece antiteticamente dissociados. Tal investigação nos leva ao periodo em que a criança chega a um certo conhecimento da natureza das relações sexuais dos adultos, periodo que situamos nos anos imediatamente anteriores á puberdade. Revelações brutais, de franca tendencia repressiva e rebelde, iniciam a criança no segredo da vida sexual, destruindo a autoridade dos adultos, incompativel com a descoberta de sua vida sexual. O que mais impressiona á criança é a aplicação de tais revelações á vida de seus proprios pais. Assim, não é raro, vê-lo repelir tal possibilidade dizendo a seu iniciador: É possivel que teus pais e outras pessoas façam isso, porém, os meus não.

Como corolario quasi regular da « educação sexual », averigua a criança, ao mesmo tempo, a existencia de certas mulheres que realizam como profissão o ato sexual, sendo, por isso, geralmente depreciadas. A principio, não compartilha tal despreso e o que experimenta é uma mescla de atração e de horror, ao perceber que tambem o podem iniciar tais mulheres na vida sexual, que supunha previlegio exclusivo dos « mais ido-

sos». Quando, mais tarde, não póde já manter aquela primeira duvida que excluia a seus pais das baixas normas da atividade sexual, chega a dizer-se, com logico cinismo, que a diferença entre a mãe e a prostituta, não é, em ultima analise, tão grande, pois ambas realizam o mesmo ato. As revelações sexuais despertaram, nele, os vestigios mnemicos de suas impressões e desejos infantis mais longinquos, reanimando, por conseguinte determinados impulsos psiquicos. Começa, pois, a desejar a mãe, no novo sentido descoberto e a odiar de novo o pai como a um rival que estorva a satisfação de tal desejo. Em nossa terminologia dizemos que o indivíduo fica dominado pelo complexo de Edipo. O fato de a mãe ter outorgado ao pai o favor sexual lhe parece constituir algo como uma infidelidade imperdoavel. Quando esses impulsos não se desvanecem rapidamente, seu unico desenlace possivel é imaginar fantasias que giram ao redor da atividade sexual da mãe e a tensão provocada por tais fantazias induz o indivíduo a procurar a sua descarga no onanismo. A causa da constante atuação conjunta dos dois motivos impulsores, o desejo e a vingança, predominam nas fantasias cujo argumento é a infidelidade conjugal da mãe. O amante com quem a mãe comete tais infidelidades, apresenta, quasi sempre, os traços de sua personalidade, porém, idealizado e situado na idade do pai rival. Com o nome comum de «novela familiar», descrevemos em outro

lugar [1], os multiplos produtos dessa atividade imaginativa e seu entrelaçamento com diversos interesses. Pois bem; uma vêz conhecido esse fragmento do desenvolvimento animico, não pode parecer-nos contraditorio e incompreensivel que a leviandade exigida do objeto, como requisito de sua escolha, se derive tambem diretamente do complexo materno. O tipo de homem a que nos vimos referindo se nos faz, agora, compreensivel, como um resultado da fixação do indivíduo ás fantasias de sua puberdade, as quais logram achar, mais tarde, um acesso á vida real. Não cremos aventurado supor que o onanismo, praticado durante os anos da puberdade, contribue tambem, consideravelmente, para a fixação de tais fantasias.

A tendencia a «redimir» a mulher querida só parece misturar-se de um modo muito indireto e superficial, de carater conciente, com as citadas fantasias, que chegaram a conquistar o dominio da vida erótica real. A inconstancia e a infidelidade da mulher amada, a expõem a graves perigos e é compreensivel que o amante se esforçe em preservá-la disso, conservando sua virtude e opondo-se a suas más inclinações. Sem embargo, o estudo das recordações encobridoras, as fantasias e os sonhos, nos revela tambem, neste caso, uma perfeita racionalização de um motivo inconciente, equiparavel á completa elaboração secundaria do sonho. Em realidade, o «motivo da redenção» possue significação e historia proprias

(1) O. Rank — O mito da origem dos herois — 1909. 2.ª edição — 1922.

e é uma ramificação independente do complexo materno, ou mais exatamente, do complexo relativo aos pais. Quando a criança ouve dizer que deve sua vida a seus pais ou que sua mãe «lhe deu a vida» surgem nela impulsos afectivos ligados a outros antagonicos de afirmação pessoal independente, impulsos que dão origem ao desejo de corresponder a seus pais com um dom analogo, pagando assim a divida com eles contraída. Sucede como si o indivíduo se dissesse, móvido por um sentimento de rebeldia: Não necessito nada de meu pai e quero devolver-lhe tudo o que lhe custei. Sob o dominio desses sentimentos, constroe então a fantasia de salvar a seu pai de um perigo de morte, ficando assim em paz com êle, fantasia que costuma deslocar para a figura do imperador, o rei ou outra elevada personalidade qualquer, ficando assim capacitado de fazer-se conciente, e ser utilizada na creação poetica. Quando a fantasia de salvamento é aplicada ao pai, predomina, francamente, seu sentido rebelde de independencia pessoal. Ao contrario, quando se refere á mãe, toma, o mais das vezes, seu sentido afetivo. A mãe deu a vida á criança e não é facil corresponder a esse dom particular com outro equivalente. Mas por uma ligeira troca de sentido, facil no inconciente dos conceitos, o salvamento da mãe adquire o sentido de mimá-la ou tomá-la, por criança; naturalmente uma criança em tudo semelhante ao indivíduo. Essa mudança de sentido não é nada arbitraria e o significado da nova modalidade da fantasia de salvamento

não se afasta do seu sentido primitivo tanto, quanto, á primeira vista podia parecer. A mãe lhe deu uma vida, a propria vida, e êle corresponde a este dom dando-lhe outra vida, a de uma criança em tudo semelhante a êle. O filho mostra seu agradecimento desejando ter, de sua mãe, um filho igual a êle, o que equivale a identificar-se, totalmente, com o pai, na fantasia do salvamento. Esse desejo do indivíduo, de ser seu proprio pai, satisfaz todos os seus instintos, os afetivos, os de gratidão, os sensuais e os rebeldes. Tãopouco o fator constituido pelo «perigo» que justifica o salvamento, fica perdido na mudança de sentido: o proprio nascimento é o sucesso perigoso no qual está salva a criança pelos esforços da mãe. O nascimento, primeiro perigo de morte para o indivíduo, constitue-se em protótipo de todos os perigos ulteriores que nos causam medo, sendo provavelmente este fenomeno o que nos lega a expressão daquele afeto a que damos o nome de angustia. Macduff da lenda escossesa, não nascera; tendo sido arrancado do ventre de sua mãe, não conhecia, por isso, o medo.

Artemidoro, o antigo onirocritico, estava com a razão, ao afirmar que o sonho mudava de sentido conforme quem o sonhava. De acordo com as leis que regem a expressão das idéias inconcientes, o «salvamento» pode variar de significado segundo seja imaginado por um homem ou uma mulher. Pode significar tanto, engendrar um filho (no homem), como parir um filho (na mulher).

Esses diversos significados do « salvamento » nos sonhos e nas fantasias, se fazem mais visiveis naqueles fenomenos desta ordem, nos quais intervem, como elemento, a agua. Quando um homem salva nos sonhos u'a mulher das aguas, quer isso dizer que a torna mãe, o que equivale, segundo as observações precedentes, a fazê-la sua mãe. Quando uma mulher salva uma criança de igual perigo, confessa com isso, como a filha do Faraó na lenda de Moysés ([2]), ser sua mãe.

Em certas ocasiões, a fantasia do « salvamento » em relação ao pai, contem tambem um sentido afetivo. Quer então expressar o desejo de ter ao pai por filho, isto é, de ter um filho que se assemelhe ao pai. Assim, pois, si a tendencia a salvar a mulher amada constitue um traço essencial do tipo erótico aqui descrito, é, precisamente, a causa das relações indicadas com o complexo.

Não creio necessario justificar o metodo seguido no presente estudo e consistente — como no dedicado ao erotismo anal — em destacar primeiro, do material de observação, tipos extremos e precisamente delimitados. Em ambos os setores é muito maior o numero de indivíduos que só mostram alguns traços isolados do tipo descrito, ou os mostram muito mais caracterizados. Naturalmente, só a exposição do conjunto total em que aparecem integrados tais tipos, torna possivel seu estudo exato.

([2]) O. Rank — l. c.

II

Em torno de uma degradação geral da vida erótica.

1

Si perguntarmos a um psicanalista qual a enfermidade para cujo remedio se recorre a êle, com mais frequencia, nos indicará — previa exceção das multiplas formas de angustia — a impotencia psiquica. Esta singular perturbação ataca a indivíduos de natureza intensamente libidinosa e se manifesta de modo que os orgãos que executam a sexualidade recusam sua colaboração ao ato sexual, não obstante encontrar-se mais cedo ou mais tarde, perfeitamente intactos e apesar de existir, no indivíduo, uma intensa inclinação psiquica para a realização do dito ato. O primeiro dado para a compreensão de seu estado, obtem o paciente ao observar que a impotenccia não se produz senão em relação a uma determinada pessoa e nunca com outras. Descobre assim, que a inibição de sua potencia viril depende de alguma qualidade do objeto sexual, e, às vezes, indica haver advertido, no seu interior, um obstaculo, uma especie de vontade contraria, que se opõe, com exito, á sua intenção conciente. Não lhe é possivel, porém, adivinhar em que consiste tal obstaculo interno, nem que qualidade do objeto sexual é a que o provoca. Nesta perplexidade, acaba por atribuir a primeira falha a uma impressão «casual» e conclue, erroneamente, que sua repetição se deve á ação inibidora da recordação

da tal primeira falha, constituida em representação de angustia.

Sobre esse tema da impotencia psiquica existem já, varios estudos psicanaliticos de autores diversos (1). Todo analista pode confirmar, pela propria experiencia médica, as explicações nelas oferecidas. Trata-se realmente da ação inibidora de certos complexos psiquicos, que se subtraem, ao conhecimento do indivíduo, material patogenico cujo conteudo mais frequente é a fixação incestuosa, não dominada, na mãe ou irmã. Fóra desses complexos, prestar-se-á atenção á influencia das impressões penosas acidentais experimentadas pelo indivíduo em conexão com sua atividade sexual infantil e a todos aqueles fatores suceptiveis de diminuir a libido que será orientada para o objeto sexual feminino (2).

Ao submeter um caso de franca impotenccia psiquica a um penetrante estudo psicanalitico, obtemos, sobre os fenomenos psicosexuais que nele se desenvolvem, os seguintes dados: O fundamento da enfermidade é, de novo, como mui provavelmente em todas as perturbações neuróticas uma inibição do processo evolutivo que conduz a libido á sua estrutura definitiva e normal. No caso em questão, não chegaram a confundir-se as duas correntes cuja confluenccia assegura uma

(1) M. Steiner: A impotencia funcional do homem e seu tratamento, 1907. — W. Stekel: Estados de ansiedade nervosa e seu tratamento, Viena, 1908 (2.a ediç. 1922). — Ferenczi: Significação e tratamento psicanalitico da impotencia sexual do homem. (Psychiat. Neurol. Wochenschrift, 1908).

(2) W. Stekel, l. c. pg. 191.

conduta erótica completamente normal: a corrente «afetiva» e a corrente «sensual».

Destas duas correntes, é a afetiva a mais antiga. Procede dos mais remotos anos infantis. Constituiu-se tomando como base os interesses do instinto de conservação e se orienta para as pessoas de família e os responsaveis da criança. Integra, desde o principio, certas aquisições dos instintos sexuais, determinados componentes eróticos, mais ou menos visiveis durante a propria infancia e sempre comprovaveis, por meio da psicanalise, nos indivíduos, posteriormente, neuroticos. Corresponde á escolha do objeto infantil. Vemos, por aí, que os instintos sexuais encontram seus primeiros objetos, guiando-se pelas valorizações dos instintos do Ego, do mesmo modo que as primeiras satisfações sexuais são experimentadas pelo indivíduo no exercicio das funções somaticas necessarias para a conservação da vida. O «afeto» dos pais e responsaveis que raras vezes oculta, por completo, seu carater erótico («a criança, joguete erótico»), contribue para unir, na criança, as aquisições eróticas às cargas psiquicas dos instintos do Ego, intensificando-as numa medida susceptivel de influir no curso ulterior da evolução, sobretudo, quando concorrem outras circunstancias determinadas.

Estas fixações afetivas da criança perduram através todo o periodo e continuam incorporando, a si, consideraveis quantidades de erotismo, as quais ficam desviadas, deste modo, de seus fins sexuais. Com a puberdade, sobrevem logo a po-

derosa corrente «sensual», que já não ignora seus fins. Ao aparecer, nunca deixa de percorrer os caminhos anteriores, acumulando sobre os objetos da escolha primaria infantil, grandezas de libido muito mais amplas. Ao tropeçar, porém, aqui, com o obstaculo que a barreira moral apresenta contra o incésto, instituido no intervalo, tenderá a transferí-lo, quanto antes, de tais objetos primarios, a outros alheios, ao circulo familiar do indivíduo, com os quais seja possivel uma vida sexual real. Esses novos objétos são escolhidos, sem embargo, em relação ao protótipo (a imagem) dos infantis, porém, com o tempo, atraem para si, todo o afeto dedicado aos primitivos. O homem abandonará a seu pai e a sua mãe — segundo o preceito biblico — para seguir a sua esposa, confundindo-se o afeto com a sensualidade. O gráu maximo da leviandade sexual trará consigo a maxima valorização psiquica (A supervalorização normal do objeto sexual por parte do homem).

Dois fatores diferentes podem provocar o fracasso desta evolução progressiva da libido. Em primeiro lugar, o gráu de interdição real que se oponha á nova escolha do objeto, afastando dela o indivíduo. Não terá, com efeito, sentido algum decidir-se a uma escolha do objeto, quando não é possivel escolher ou não cabe escolher nada satisfatorio. O segundo, o gráu de atração exercido pelos objetos infantis que se trata de abandonar, gráu diretamente proporcional á carga erótica de que foram investidos na infancia. Quando esses

fatores mostram energia suficiente, entra em ação o mecanismo geral da produção das neuroses. A libido se afasta da realidade, é recolhida pela fantasia (introversão), intensifica as imagens dos primeiros objetos sexuais e se fixa neles. Porém, o obstaculo oposto ao incésto obriga, a libido orientada para tais objetos, a permanecer no inconcicente. O onanismo no qual se exterioriza a atividade da corrente sensual, inconciente agora, contribue para intensificar as fixações indicadas. O fato de que o progresso evolutivo da libido, fracassado na realidade, fica instaurado na fantasia, mediante a substituição dos objetos sexuais primitivos, por outros alheios ao indivíduo, nas situações imaginadas que conduzem á satisfação onanista, não modifica em nada o estado de cousas. A substituição permite o acesso de tais fantasias á conciencia, porém, não traz consigo progresso algum nos destinos da libido.

Pode suceder, assim, que toda a sensualidade de um jovem fique ligada, no inconciente, a objetos incestuosos, ou em outras palavras, fixada a fantasias incestuosas inconcientes. O resultado é, então, uma impotencia absoluta que, em certas ocasiões, pode ficar reforçada por uma debilitação real, simultaneamente adquirida, dos orgãos genitais.

A impotencia psiquica propriamente dita, exige premissas menos marcadas. A corrente sensual não se verá obrigada a ocultar-se, em sua totalidade, atráz da corrente afetiva, mas ha de conservar

energia e liberdade suficientes para conquistar, em parte, o acesso á realidade.

A atividade sexual, porém, de tais pessoas apresenta sinais visiveis de não estar mantida por toda a sua energia instintiva psiquica, mostrando-se caprichosa, facil de perturbar, incorreta, muitas vezes, na execução e pouco jovial. Sobretudo, porém, se vê obrigada a evitar toda aproximação da corrente afetiva, o que pressupõe uma consideravel limitação da escolha do objeto. A corrente sensual, permanecida ativa, procurará, tão sómente, objetos, que não despertem a recordação dos incéstos proíbidos e a impressão produzida no indivíduo por aquelas mulheres, cujas qualidades poderiam inspirar-lhe uma elevada valorização psiquica, não se transforma nele em excitação sensual, mas em afeto eróticamente ineficáz. A vida erótica desses indivíduos permanece dissociada em duas direções, personificadas, pela arte, no amôr divino e no amôr terreno (ou animal). Si amam a uma mulher não a desejam, e si a desejam não podem amá-la. Procuram objetos aos quais não necessitam amar, para manter afastada sua sensualidade dos objetos amados e de conformidade com as leis da «sensibilidade do complexo» e do «regresso do recalcado», são vitimas da falha singular da impotencia psiquica enquanto o objeto escolhido para evitar o incésto lhes recorda em alguns traços, às vezes, insignificantes, o objeto que tratam de evitar.

Contra esta perturbação, os individuos que sofrem de dissociação erótica descrita, se refugiam,

principalmente, na degradação psiquica do objeto sexual reservando para o objeto incestuoso e seus substitutos, a supervalorização que normalmente corresponde ao objeto sexual. Dada uma tal degradação do objeto, sua sensualidade já se pode exteriorizar livremente, desenvolver um importante rendimento e alcançar intenso prazer. A esse resultado contribue ainda outra circunstancia. Aquelas pessoas em que as correntes afetiva e sensual não influiram devidamente, vivem, em geral, uma vida sexual pouco propria. Perduram nelas, fins sexuais perversos, cujo inadimplemento é percebido como uma sensivel diminuição de prazer, que só parece possivel alcançar, porém, com um objeto sexual rebaixado e inestimado.

Já descobrimos os motivos das fantasias no descrito antes, em que o adolescente rebaixa sua mãe ao nivel da prostituta. Tais fantasias tendem a construir, pelo menos na imaginação, uma ponte sobre o abismo que separa as duas correntes eróticas e, degradando a mãe, ganhá-la para objeto da sensualidade.

2

Desenvolvemos, até aqui, uma investigação médico-psicologica da impotencia psiquica, alheia, em aparencia, ao titulo do presente estudo. Em breve se verá, sem embargo, que tal introdução nos era necessaria para chegarmos ao nosso verdadeiro tema.

Reduzimos a impotencia psiquica, á não confluencia das correntes afetiva e sensual na vida erótica e atribuimos essa perturbação da evolução normal da libido, ao influxo de intensas fixações infantis e ao obstaculo oposto, em realidade, á corrente sensual, pela barreira erigida contra o incésto no periodo intermediario. Contra essa teoria ha uma importante objeção: Nos dá demasiado; explica-nos porque certas pessoas sofrem de impotencia psiquica, porém, leva-nos a estranhar que alguem possa escapar a tal achaque. Com efeito, posto que os fatores assignalados — a intensa fixação infantil, a barreira erigida contra o incésto e a proíbição oposta ao instinto sexual nos anos imediatos á puberdade, — são comuns a todos os homens pertencentes a um certo gráu de cultura e seria de esperar que a impotencia psiquica fosse uma doença geral de nossa sociedade civilizada e não se limitasse a casos individuais.

Poderiamos inclinar-nos a evitar uma tal conclusão refugiando-nos ao fator quantitativo da produção da enfermidade, ou seja aquela maior ou menor grandeza das aquisições dos diferentes fatores etiologicos, da qual depende que se constitua ou não um estado patologico manifesto. Mas, ainda que nada pareça opor-se a esta conduta, não haveremos de seguí-la para impugnar a conclusão indicada. Pelo contrario, queremos assentar a afirmação de que a impotencia psiquica se acha muito mais difundida do que se supõe, aparecendo caracterizada, de uma certa ma-

neira, por esta perturbação, a vida erótica do homem civilizado.

Si damos ao conceito da impotencia psiquica um sentido mais amplo, não limitando-a á impossibilidade de levar a termo o ato sexual, não obstante a perfeita normalidade dos orgãos genitais e á intenção conciente de comprazer-se nele, teremos de incluir tambem, entre os indivíduos atacados de tal enfermidade, aqueles indivíduos que designamos com o nome de psicoanestesicos, os quais podem realizar o coito sem dificuldade alguma, porém, não acham nele um prazer particular, fato bastante mais frequente do que se poderia crer. A investigação psicanalitica desses casos, tropeça com os mesmos fatores etiologicos descobertos na impotencia psiquica, estritamente considerada, porém, não nos oferece, a principio, explicação alguma das diferenças sintomaticas. Uma analogia facilmente justificavel, relaciona esses dois casos de anestesia masculina aos de frigidez feminina, infinitamente frequente, sendo o melhor meio para descobrir e explicar a conduta erótica de tais mulheres e sua comparação com a impotencia psiquica do homem, muito mais ruidosa (1).

Prescindindo de uma tal extensão do conceito da impotencia psiquica e atendendo apenas ás gradações de sua sintomatologia, não podemos evitar a impressão de que a conduta do homem civilizado apresenta, hoje em dia, geralmente,

(1) Reconhecer-se-á, de qualquer modo, que a frigidêz feminina, é um tema complexo, acessivel tambem sobre outros pontos de vista.

o selo da impotencia psiquica. Só numa limitada minoria aparecem devidamente dosadas as correntes afetiva e sensual. O homem sente, quasi sempre, coagida sua atividade sexual, pelo respeito a mulher, e só desenvolve toda a sua potencia com objetos sexuais degradados, circunstancia a que coadjuva o fato de integrar em seus fins sexuais, componentes perversos, que não se atreve a satisfazer na mulher amada. Só experimenta, pois, um completo prazer sexual, quando pode entregar-se sem escrupulos á satisfação, o que não se permitirá, por exemplo, com a propria mulher. Daí sua necessidade de um objeto sexual rebaixado, de u'a mulher éticamente inferior na qual não pode supor repugnancias esteticas e que não conhece as demais circunstancias de sua vida nem pode julgá-lo. A uma tal mulher dedicará então, suas energias sexuais, ainda que seu afeto pertença a outro tipo mais elevado. Esta necessidade de um objeto sexual degradado, ao qual se una fisiologicamente, a possibilidade de uma completa satisfação, explica a frequencia com que os indivíduos pertencentes às mais altas classes sociais, buscam suas amantes, e, às vezes, suas esposas, em classes inferiores.

Não creio arriscado tornar tambem responsaveis desta conduta erótica, tão frequente entre os homens de nossas sociedades civilisadas, aos dois fatores etiologicos da impotencia psiquica, propriamente dita: a intensa fixação incestuosa infantil e a proíbição real oposta ao instinto sexual na adolescencia. Ainda que pareça desagra-

davel e, alem disso, paradoxal, há de se afirmar, que para ser inteiramente livre, e, com isso, verdadeiramente feliz na vida erótica, é preciso ter vencido o respeito á mulher e o horror á idéia do incésto com a mãe ou com a irmã. Aqueles que ante essa exigencia, procedem a uma seria introspecção, descobrirão que, no fundo, consideram o ato sexual como algo degradante, cuja ação impurificadora não se limita só ao corpo. A origem desta valorização, que só a contragosto reconhecerão, terão de buscá-la, naquele periodo da sua juventude em que sua corrente sensual, já desenvolvida intensamente, encontrava proíbida toda satisfação, tanto nos objetos incestuosos como nos estranhos.

Tambem as mulheres aparecem submetidas, em nosso mundo civilizado, a consequencias analogas, emanadas de sua educação, e, além disso, como resultantes da conduta do homem. Para ela, é, naturalmente, tão desfavoravel, que o homem não desenvolva, a seu lado, toda sua potencia, como que a supervalorização inicial do enamoramento fique substituida pelo desprezo, depois da posse. O que não parece existir na mulher, é a necessidade de rebaixar o objeto sexual, circunstancia mesclada, seguramente, ao fato de não se dar nela, nada semelhante á supervalorização masculina. Porém, seu largo campo da sexualidade e o confinamento da sensibilidade na fantasia, tem, para ela, outra importante consequencia. Em muitos casos, não lhe é já possivel dissociar as idéias de atividade sensual e proibição, ficando

assim, psiquicamente impotente, ou frigida, quando, por fim, lhe é permitida tal faculdade. Daí a tendencia de muitas mulheres a manter em segredo, durante algum tempo, relações perfeitamente licitas, e, em outras, a possibilidade de sentir, normalmente, enquanto a proíbição volta a ficar estabelecida, por exemplo, numas relações ilicitas. Infieis ao marido, podem consagrar, ao amante, uma fidelidade de segunda ordem.

A meu ver, este requisito da proíbição, que aparece na vida erótica feminina, póde equiparar-se á necessidade de um objeto sexual degradado no homem. Ambos os fatores são consequencia do grande intervalo exigido pela educação, com fins culturais, entre a maturidade e a atividade sexual, e tendem, igualmente, a desvanecer a impotencia psiquica resultante da não confluencia das correntes afetiva e sensual. O fato de as mesmas causas produzirem, no homem e na mulher, efeitos tão diferentes, depende, aliás, de outra divergencia comparavel na sua conduta sexual. A mulher não costuma infringir a proíbição oposta á atividade sexual durante o periodo de espera, ficando assim estabelecido nela a intima ligação entre as idéias de proíbição e sexualidade. Ao contrario, o homem infringe, geralmente, tal preceito, com a condição de rebaixar o valor do objeto, e, acolhe, consequentemente, esta condição, na sua vida sexual posterior.

Ante a forte corrente de opinião que propugna, atualmente, a necessidade de uma reforma da vida sexual, não será, aliás, inutil recordar,

que a investigação psicanalitica não segue tendencia alguma. Seu unico fim é descobrir os fatores que se ocultam atraz dos fenomenos manifestados. Verá, com agrado, que as reformas que se intentam, utilizam suas descobertas, para substituir o prejudicial pelo proveitoso. Não póde assegurar, porém, que tais reformas não terão de impor a outras instituições sacrificios diferentes e, aliás, mais graves.

3

O fato de o refreiamento cultural da vida erótica trazer consigo uma degradação geral dos objetos sexuais, nos obriga a transferir nossa atenção de tais objetos aos proprios instintos. O prejuizo da proíbição inicial do gozo sexual se manifesta em que sua ulterior permissão no matrimonio, não proporciona já satisfação completa. Porém, tãopouco uma liberdade sexual ilimitada, desde o principio, oferece melhores resultados. Não é dificil comprovar que a necessidade erótica perde consideravel valor psiquico, enquanto se lhe torna facil e comoda a satisfação. Para que a libido alcance um alto gráu, é necessario opor-lhe um obstaculo, e ao tornar-se insuficiente, crearam os homens outras convenções, para que o amor constituisse, verdadeiramente, um gozo. Isto pode dizer-se tanto dos indivíduos como dos povos. Em épocas em que a satisfação erótica não tropeçava com dificuldades, por exemplo, durante a decadencsia da civilização antiga, o amor perdeu todo o seu valor, a vida ficou

vasia e fizeram-se necessarias energicas reações, para restabelecer os valores afetivos indispensaveis. Neste sentido poude afirmar-se que a corrente ascetica do cristianismo creou, para o amor, valorizações psiquicas que a antiguidade pagã não tinha podido oferendar-lhe jamais. Esta valorização alcançou seu maximo nivel nos monges ascéticos, cuja vida era apenasmente uma continua luta contra a tentação libidinosa.

A principio, inclinamo-nos a atribuir as dificuldades aqui surgidas a qualidades gerais de nossos instintos organicos. E' tambem exato, em geral, que a importancia psiquica de um instinto cresce com a sua proíbição. Si submetemos, por exemplo, aos tormentos da fome, a um certo numero de indivíduos, muito diferentes entre si, veremos que as diferenças individuais, apagar-se-ão, com o incremento da imperiosa necessidade, sendo substituidas pelas manifestações uniformes do instinto insatisfeito. Pois bem, pode-se afirmar igualmente que a satisfação de um instinto diminue sempre tão consideravelmente seu valor psiquico? Pensemos, por exemplo, na relação entre o indivíduo que bebe e o vinho. O vinho proporciona sempre ao indivíduo que bebe a mesma satisfação toxica, tantas vezes comparada pelos poetas á satisfação erótica e comparavel realmente a ela, mesmo no ponto de vista cientifico. Nunca se disse que o indivíduo que bebe se vê necessitado a trocar constantemente de bebida, porque cada uma delas perde, uma vez saboreada, o seu atrativo. Pelo contrario, o habito

estreita cada vez mais o laço que une o indivíduo que bebe á espécie de vinho preferida. Sabemos tambem que o indivíduo que bebe não sente a necessidade de emigrar para um país em que o vinho seja mais caro ou seu consumo seja proíbido, para reanimar com tais excitantes o valor de sua satisfação imperfeita. Nada disso sucede. As confissões de nossos grandes alcoolatras, de Boecklin, por exemplo, com a sua relação com o vinho (1), oferecem uma perfeita harmonia que poderia servir de modelo a muitos matrimonios. Porque será então tão diferente a relação entre o amante e o objeto sexual?

A meu ver, e por mais estranho que pareça, teremos que suspeitar que, na propria natureza do instinto sexual, existe algo desfavoravel á emergencia de uma completa satisfação. Na evolução desse instinto, longa e complicada, destacam-se dois fatores que poderiam ser os responsaveis da dificuldade. Em primeiro lugar, como consequencia do desdobramento da escolha do objeto e da creação intermediaria da barreira contra o incésto, pois o objeto definitivo do instinto sexual nunca é o primitivo, mas apenasmente subrogado seu. A psicanalise, porém, nos demonstrou, que quando o objeto primitivo de um impulso escolhido sucumbe ao recalcamento, é substituido, em muitos casos, por uma serie interminavel de objetos substitutivos, nenhum dos quais, satisfaz por completo.

(1) Floerke: Dois anos com Boecklin, 1902.

Em segundo lugar, sabemos que o instinto sexual se decompõe, a principio, numa ampla serie de elementos — ou melhor, origina-se dela — e que alguns desses componentes não podem ser logo aceitos em sua estrutura ulterior, devendo ser recalcados ou destinados a fins diferentes. Trata-se sobretudo, dos componentes instintivos copró-filos, incompativeis com nossa cultura estética desde o ponto e momento em que a atitude vertical afastou do sólo nossos orgãos olfativos e, alem disso, de grande parte dos impulsos sádicos adscritos á vida erótica. Todos esses processos evolutivos, porém, não vão além dos estratos superiores da complicada estrutura. Os fenomenos fundamentais, que dão origem á excitação erótica, permanecem invariaveis. O excremento se acha ligado intima e inseparavelmente ao sexual, e a situação dos orgãos genitais — inter urinas et faeces — continua sendo o fator determinante invariavel. Modificando uma conhecida frase de Napoleão, o Grande, pode dizer-se que «a anatomia é o destino». Os proprios orgãos genitais não seguiram tãopouco a evolução geral das formas humanas para a beleza. Conservam sua animalidade primitiva, e, no fundo, nem o amor perdeu tal carater. Os instintos eróticos são dificilmente educaveis e as tentativas desta ordem dão, tanto resultados exiguos, como excessivos. Não parece possivel que a cultura consiga aqui seus propositos sem provocar uma perda sensivel de prazer, pois a parcial sobrevivencia dos

impulsos não utilizados se manifesta por causa da satisfação procurada na atividade sexual.

Deveremos pois, familiarizar-nos, com a idéia de que não é possivel harmonizar as exigencias do instinto sexual com as da cultura, nem tão pouco, excluir dessas ultimas a renunciação e a dor, e, por fim, em ultima analise, o perigo da extinção da especie humana, vitima de seu desenvolvimento cultural. De qualquer modo, esse tenebroso prognostico não se funda, senão na unica suspeita de que a insatisfação caracteristica de nossas sociedades civilizadas é a consequencia necessaria de certas particularidades impressas ao instinto sexual pelas exigencias da cultura. Pois bem; Esta mesma incapacidade de proporcionar uma completa satisfação, que o instinto sexual adquire enquanto é submetido ás primeiras normas da civilização é, por outro lado, fonte de maximos rendimentos culturais, conseguidos mediante uma sublimação progressiva de seus componentes instintivos. Pois, que motivos teriam os homens para empregar diferentemente as suas energias instintivas sexuais, si tais energias, qualquer que fosse sua distribuição, proporcionassem uma completa satisfação de prazer? Não poderiam já se libertar de tal prazer e não realizariam progresso algum. Parece, assim, que a inestinguivel diferença entre as exigencias dos instintos — o sexual e o egoista — os capacita para sentimentos cada vez maiores, si bem que sob um constante perigo, cuja forma atual é a neurose, á que sucumbem os mais debeis.

A ciencia não se propõe a atermorizar, nem a consolar. Mas, por minha parte, estou pronto a conceder, que as conclusões apontadas, tão extremas, deveriam repousar sobre base mais ampla e que, aliás, outras orientações evolutivas da humanidade lograrão corrigir os resultados que aqui expusemos isoladamente.

III

O tabú da virgindade.

Entre as peculiaridades da vida sexual dos povos primitivos, não ha nenhum, tão estranho aos sentimentos, quanto a sua valorização da virgindade. Para nós, o fato de o homem atribuir um alto valor á integridade sexual de sua pretendida, é algo tão natural e indiscutivel, que ao tentar deduzir as razões em que fundamentamos um tal juizo, ficamos perplexos por um momento. Não tardamos, porém, em notar que a exigencia da mulher, não levar, ao matrimonio, a recordadação do comercio sexual com outro homem, é apenas uma ampliação consequente do direito exclusivo de propriedade que constitue a essencia da monogamia, uma extensão deste monopolio ao passado da mulher.

Assentado isso, já não se torna dificil justificar o que antes nos parecia um prejuizo nascido das nossas opiniões sobre a vida erótica feminina. O homem que foi o primeiro a satisfazer os desejos amorosos da mulher, trabalhosamente refreiados durante muitos anos, tendo tido que

vencer, previamente as resistencias creadas nela pela educação e do meio ambiente, é ele que a conduz a uma associação duradoura, cuja possibilidade exclue para os demais. Tomando este fato como base, se estabelece, para a mulher, uma sujeição que garante sua posse ininterrupta e lhe outorga capacidade de resistencia contra novas impressões e tentações.

A expressão «servidão sexual» foi escolhida, em 1822, por Krafft-Ebing [1], para designar o fato de uma pessoa poder chegar a depender, extraordinariamente, de outra, com a qual mantem relações sexuais. Esta servidão pode alcançar, algumas vezes, situações extremas, até chegar a perda de toda vontade e ao sacrificio dos maiores interesses pessoais. Pois bem; o autor não esquece de assinalar que uma certa medida de tal servidão «é absolutamente necessaria, si o laço lograr alguma duração». Esta certa medida de servidão sexual é, com efeito, indispensavel, como garantia do matrimonio, tal é como se compreende nos países civilizados, para sua defesa contra as tendencias polígamas que o ameaçam. Entendendo-o assim, nossa sociedade civilizada reconheceu, sempre, este fator importante.

Krafft-Ebing fez originar-se a servidão sexual do encontro de um «gráu extraordinario de enamoramento e debilidade de carater», de um lado e um egoismo ilimitado do outro. A expe-

(1) Krafft-Ebing: Observações sobre «Servidão sexual» e masoquismo. (Jahrbuecher fuer Psychiatrie. Vol. X, 1892).

riencia analitica, porém, não nos permite satisfazer-nos com esta comum tentativa de explicação. Pode comprovar-se melhor, que o fator decisivo é a grandeza da resistencia sexual vencida e, secundariamente, a concentreção e a unidade do processo que culminou em tal vitoria. A servidão é, assim, mais frequente e intensa na mulher do que no homem, si bem que este ultimo pareça, atualmente, muito mais propenso a isso que na antiguidade. Naqueles casos em que pudemos estudar a servidão em indivíduos masculinos, comprovamos que constituia a consequencia de umas relações eróticas em que uma mulher determinada havia logrado vencer a impotencia psiquica do indivíduo, o qual permaneceu ligado a ela desde esse momento. Muitos matrimonios singulares e alguns tragicos destinos — ás vezes, de mui amplas consequencias — parecem explicar-se por essa origem da fixação erótica a uma mulher determinada.

Voltando á mencionada conduta dos povos primitivos, teremos de fazer constar, que seria inexato descrevê-la dizendo que não dão valor algum á virgindade e citando, como prova, seu costume de fazer deflorar as adolescentes fóra do matrimonio e antes do primeiro coito conjugal. Muito pelo contrario, parece que tambem para eles constitue o defloramento um ato importantissimo, porém, que tem chegado a ser objeto de um tabú, isto é, de uma proíbição de carater religioso. Em lugar de reservá-lo ao prometido e

futuro marido da adolescente, o costume exige que o mesmo evite tal função (2).

Não é minha intenção reunir todos os testemunhos literarios da existencia desta proibição moral, nem seguir sua difusão geografica e enumerar todas as formas porque se manifesta. Me limitarei, pois, a fazer constar, que esta perfuração do himen fóra do matrimonio ulterior, é mui difundido entre os povos primitivos hoje existentes Crawley diz a esse respeito: «Esta cerimonia de casamento consiste na perfuração do himen, por certas pessoas a isso destinadas ou pelo marido; isto é muito comum, nos estagios mais rudimentares de cultura, especialmente na Australia» (3).

Pois bem; si o defloramento não ha de ser realizado no primeiro coito conjugal, terá que ser realizado por alguem e de alguma maneira — antes do mesmo. Citaremos algumas passagens da obra de Crawley que nos esclareceu sobre esta questão, dando-nos, além disso, margem a algumas observações criticas.

A' pagina 191: «Entre os Dieri e algumas tribus vizinhas (Australia), é costume geral proceder á ruptura do himen ao alcançar as jovens a puberdade. Nas tribus de Portland e Glenelg, recorre-se para tal função a uma anciã, recorren-

---

(2) Crawley: A rosa mistica, um estudo sobre o casamento primitivo. Londres, 1902; Bartels-Ploss: A mulher na historia natural e na etnografia, 1891; Frazer: Tabú e os perigos da alma; Havelock Ellis: Estudos sobre a psicologia sexual.

(3) l. c. pg. 347.

do-se tambem, para a execução de tal serviço, às vezes, aos brancos».

Á pagina 307: «A perfuração artificial do himen é executada, ás vezes, na infancia, porém, mais geralmente, na puberdade... Frequentemente, aparece em conjunção — como na Australia — com um coito cerimonial».

Á pagina 348: (Com referencia a certas tribus australianas em que se observam determinadas limitações exogamas do matrimonio). «O himen é perfurado artificialmente e os homens que assistiram á operação realizam depois o coito (de carater ceremonial) com a jovem, por uma ordem de sucessão preestabelecida... O ato se divide, pois, em duas partes: perfuração e coito».

Á pagina 349: «Entre os Masai (Africa equatorial), a pratica desta operação é um dos preparativos, mais importantes, do casamento. Entre os sacais (malaios), os tatas (Sumatra) e os alfoes (ilhas Celebes), a defloração é executada pelo pai da noiva. Nas ilhas Filipinas, havia homens que tinham, por oficio, deflorar as noivas, si estas já não o foram na infancia, por uma anciã encarregada de tal função. Em algumas tribus Esquimós, compete a defloração ao «angekok», o sacerdote».

As observações criticas antes enunciadas se referem a dois pontos determinados. É de lamentar, em primeiro lugar, que nos dados transcritos, não se distinga, com mais precisão, entre a mera destruição do himen, sem coito, e o coito realizado com tal fim. Num lugar apenas nos é dito

explicitamente, que o ato se divide em duas partes, o defloramento (manual ou instrumental) e o ato sexual imediato. O rico material trazido por Bartel-Ploss é de escassa utilidade para os nossos fins, por ater-se, quasi exclusivamente, no resultado animico do defloramento, não atendendo á sua importancia psicologica. Em segundo lugar, desejariamos que nos explicassem em que se diferencia o coito «cerimonial» (puramente formal, solene, oficial) realizado nessas ocasiões, do coito propriamente dito. Os autores que pude consultar foram, aliás, pundonorosos demais para entrar em explicações mais minuciosas ou não viram a importancia psicologica de tais detalhes sexuais. É de esperar, que os relatorios originais dos exploradores e missionarios sejam mais explicitos e inequivocos, porém, não me sendo, no momento, acessivel tal bibliografia, estrangeira na sua maior parte, nada posso assegurar sobre esse ponto. Ademais, as duvidas a isso referentes podem desvanecer-se com a reflexão de que um coito aparente, cerimonial, não seria sinão a substituição do coito completo, realizado em épocas passadas (4).

Para a explicação desse tabú da virgindade podemos referir-nos, a diversos fatores, que exporemos rapidamente. O defloramento das jovens provoca, em geral, efusão de sangue. Uma primeira tentativa de explicação pode, pois, basear-se no horror dos primitivos em relação ao

(4) Em muitas outras cerimonias desta ordem está comprovado que a noiva se entregava completamente a outras pessoas alem do noivo, por exemplo, a seus companheiros (os «garçons d'honneur» de nossos costumes europeus).

sangue, considerado por eles como essencia da vida. Este tabú do sangue aparece evidenciado por multiplos preceitos alheios á sexualidade. Liga-se, evidentemente, á ação de matar, e constitue uma defesa, contra a sede de sangue dos homens primitivos e seus instintos homicidas. Esta explicação liga o tabú da virgindade ao tabú da menstruação, observado quasi sem exceção. Para o primitivo, o enigmatico fenomeno da perda de sangue mensal se une, inevitavelmente, a representações sádicas. Interpreta a menstruação — sobretudo a primeira — com a mordedura de um espirito animal e, aliás, como testemunho do comercio sexual tido com êle. Alguns relatos permitem reconhecer nesse espirito o do antepassado, levando-nos a concluir (5) que as adolescentes são consideradas, durante o periodo menstrual, como propriedade do tal antepassado, sendo portanto nesses dias, um rigoroso tabú.

Por outro lado parece-nos arriscado conceder demasiada influencia a esse horror dos primitivos á efusão de sangue, pois, definitivamente, não logrou desterrar outros usos praticados pelos mesmos povos, — a circuncisão masculina e feminina, muito mais dolorosa, (excisão do clitoris e dos pequenos labios) — vem destruir a validêz de um cerimonial em que tambem se derrama sangue. Não seria, pois, de estranhar, que o horror á efusão de sangue houvesse sido tambem superado com relação ao primeiro coito, em favor do marido.

---

(5) Cf. Freud — «Totem e Tabú».

Segunda explicação, estranha tambem ao sexual, apresenta maior generalidade, consiste em afirmar que o primitivo é vitima de uma constante disposição á angustia, identica á que nossas teorias psicanaliticas atribuem aos neuróticos. Esta disposição á angustia alcançará maxima intensidade em todas aquelas ocasiões que se afastam do normal, trazendo consigo algo novo, inesperado, incompreensivel e inquietante. Daí procedem tambem aquelas cerimonias incorporadas a religiões muito posteriores e ligadas á iniciação de todo assunto novo, ao começo de cada periodo de tempo e ás primicias do homem, do animal ou do vegetal. Os perigos de que o indivíduo angustiado se vê ameaçado, alcançam no seu intimo acovardado, seu mais alto gráu, no inicio da situação perigosa, sendo nessa ocasião que deve procurar uma defesa contra isso. A significação do primeiro coito conjugal justifica plenamente a adoção previa de medidas de defesa. As duas tentativas de explicação, que precedem — a do horror á efusão do sangue e a da angustia em face de todo primeiro ato — não se contradizem. Pelo contrario, reforçam-se. O primeiro ato sexual é, certamente, um ato inquietante, tanto mais quando provoca efusão de sangue.

Uma terceira explicação — a preferida por Crawley — mostra que o tabú da virgindade pertence a um amplo conjunto que abrange toda a vida sexual. O tabú não recái apenasmente sobre o primeiro coito, mas sobre o comercio sexual em geral. Quasi podia-se afirmar que a mulher

é tabú na totalidade. Não o é apenas nas situações derivadas de sua vida sexual: a menstruação, a gravidêz, o parto e o puerperio. Tambem fora delas, pesa sobre o comercio com a mulher tantas e tão severas restrições, que não é possivel sustentar a pretendida liberdade sexual entre os selvagens. É indiscutivel,que em certas ocasiões, a sexualidade dos primitivos se sobrepõe a toda coerção, porém, ordinariamente, mostra-se-nos, restringida por diversas proibições e preceitos, mais ferreamente que nas civilizações superiores. Enquanto o homem inicia alguma empresa especial, uma partida para a caça, uma expedição guerreira ou uma viagem, deve manter-se afastado da mulher. A infração deste preceito paralizaria suas forças e o levaria ao fracasso. Tambem nos usos quotidianos transparece uma tendencia á separação dos sexos. As mulheres e os homens vivem em grupos separados. Em muitas tribus não existe apenas algo semelhante á nossa vida em família. A separação chega até a ser proibido a cada sexo, pronunciar os nomes das pessoas do sexo oposto, possuindo as mulheres um vocabulario especial. A necessidade sexual rompe, naturalmente, de continuo, estas barreiras, porém, existem ainda algumas tribus, nas quais a união sexual dos esposos, celebrar-se-á fóra da casa e em segredo.

Ali onde o primitivo estabeleceu um tabú, é porque temia um perigo e, não pode negar-se que, em todos esses preceitos de isolamento se manifesta um temor fundamental da mulher. Este

temor se baseia, aliás, em que a mulher é muito diferente do homem, mostrando-se, sempre, incompreensivel, enigmatica, estranha, e, por tudo isso, inimiga. O homem teme ser debilitado pela mulher, contagiar-se de sua feminilidade, e mostrar-se incapaz de feitos viris. O efeito enervante do coito, pode muito bem ser o ponto de partida de um tal temor, a cuja difusão contribuiria a percepção da influencia adquirida pela mulher sobre o homem a que se entrega. Em tudo isso nada ha que não subsista ainda entre nós.

Na opinião de muitos autores, os impulsos eróticos dos primitivos são relativamente debeis e não atingem, jamais, as intensidades que costumamos comprovar na humanidade civilizada. Outros discutiram este juizo, porém, de qualquer modo, os usos do tabú enumerados, testemunham a existencia de um poder que se opõe ao amor, expulsando a mulher, por considerá-la estrangeira e inimiga.

Em termos mui analogos aos dos psicanalistas, descreve Crawley, que entre os primitivos, cada indivíduo se diferencia dos demais por um « tabú de isolamento pessoal », fundando, precisamente, nestas pequenas diferenças, dentro de uma afinidade geral, seus sentimentos de individualidade e hostilidade. Seria muito interessante prosseguir o desenvolvimento desta ideia e derivar deste « narcisismo das minimas diferenças » a hostilidade que, em todas as relações humanas, vemos sobrepor-se aos sentimentos de confraternidade, derrocando o preceito geral de amar ao proximo

como a si mesmo. A psicanalise crê haver descoberto uma parte importantissima dos fundamentos em que se baseia a repulsa narcisista da mulher, referindo tal repulsa ao complexo de castração e a sua influencia sobre o juizo estimativo da mulher.

Com estas ultimas reflexões, afastamo-nos, porém, para muito longe do nosso tema. O tabú geral da mulher não atira luz alguma sobre os preceitos especiais referentes ao primeiro ato sexual com uma virgem. Neste ponto, temos que recorrer ás duas primeiras explicações expostas — o horror á efusão de sangue e o temor a todo algo que se considera inseparavel do primeiro tais explicações não penetram tãopouco até o nódulo do preceito tabú que nos ocupa. Este preceito se baseia evidentemente na intenção de negar ou evitar, precisamente ao ulterior marido, algo que se considera inseperavel do primeiro ato sexual, ainda que tal ato tivesse de derivar-se, por outro lado, e, segundo nossa observação inicial, de uma ligação particularmente intensa da mulher á pessoa do marido.

Não é nossa intenção examinar a origem e a significação ultima do preceito tabú. Fizemo-lo já em nosso livro «Totem e Tabú», onde assinalamos, como condição da genese do tabú, a existencia de uma ambivalencia original, e vimos a origem do mesmo nos fenomenos historicos que contribuiram para a formação da familia. Nos usos do tabú atualmente observados entre os primitivos, já não se pode reconhecer tal signi-

ficação inicial. Ao querer achá-la todavia, olvidamos demasiado facilmente, que tambem os povos, os mais primitivos, vivem hoje numa civilização tão antiga como a nossa e que, como ela, corresponde a um estadio, bem distinto, da evolução.

Nos primitivos atuais, encontramos já o tabú desenvolvido, formando um sistema artificial, comparavel ao que nossos neuróticos constroem em suas fobias, sistema no qual os motivos primitivos foram substituidos por novos. Deixando de lado os problemas da genese, expostos antes, voltaremos, pois, á nossa conclusão de que o primitivo estabelece um tabú lá onde teme um perigo. Este perigo é, geralmente, considerado de carater psiquico, pois o primitivo não sente a menor necessidade de levar aí a efeito duas diferenciações que para nós parecem inconfundiveis. Não separa o perigo material do psiquico, nem o real do imaginario. Na sua conceituação do universo, consequentemente animista, todo perigo procede da intenção hostil de um ser dotado, como êle, de uma alma, e tanto o perigo que o ameaça por parte de uma força natural, como as que provêm de animais ferozes ou de outros homens. Mas, por outro lado, costumam tambem projetar seus proprios impulsos hostis sobre o mundo exterior, isto é, atribuí-los áqueles objetos que os desgostam, ou sente-os, simplesmente, estranhos para êle. Deste modo considera tambem a mulher como fonte de perigos, e vê no primeiro

ato sexual com uma delas, um perigo, particularmente ameaçador.

Uma minuciosa investigação da conduta da mulher civilizada contemporanea nas circunstancias a que acabamos de nos referir, pode proporcionar-nos, aliás, a explicação do temor dos primitivos a um perigo concomitante á iniciação sexual. Antecipando os resultados desta investigação, apontaremos que tal perigo existe realmente, resultando assim, que o primitivo se defende, por meio do tabú da virgindade, de um perigo suspeitado como certo, si bem que méramente psiquico.

A reação normal ao coito nos parece ser de que a mulher, completamente satisfeita, estreita o homem entre os braços, e vemos nisso uma expressão de seu agradecimento e uma promessa de sua duradoura servidão. Porém, sabemos tambem, que o primeiro coito não tem, em geral, tal consequencia. Mui frequentemente, resulta apenas num desengano para a mulher, que permanece fria e insatisfeita, e, precisa, em geral, de algum tempo e da repetição do ato sexual para chegar a achar nele plena satisfação. Estes casos de frigidêz, apenas inicial e passageira, constituem o ponto de partida de uma serie gradual, que culmina naquelas outras, lamentaveis, de frigidêz perpetua, contra a qual se quebram todos os esforços amorosos do marido. A meu ver, esta frigidêz da mulher, não foi bem compreendida ainda e, salvo naqueles casos em que ha de ser atribuida a uma relativa impotencia do marido, exige uma

explicação que, aliás podemos dar examinando os fenomenos que lhe são afins.

Entre tais fenomenos não quizeramos interpor a frequentissima tentativa de fuga ante o primeiro coito, pois tais tentativas estão longe de ser univocas e, sobretudo, interpretar-se-ão, ao menos em parte, como expressão da tendencia feminina geral, á defesa. Ao contrario, creio que certos casos patologicos podem atirar alguma luz sobre o enigma da frigidêz feminina. Refiro-me áqueles casos em que após o primeiro coito e depois de cada um dos seguintes, dá a mulher franca expressão á sua hostilidade contra o marido insultando-o, ameaçando-o ou mesmo agredindo-o. Num caso definido deste genero, que pude submeter a uma analise minuciosa, sucedia isso, apesar da mulher amar ternamente o seu marido, sendo, por vezes, ela propria que o incitava ao coito, encontrando nele inegavel e intensa satisfação. A meu ver, esta singular reação contraria é um resultado daqueles mesmos impulsos que, em geral, só conseguem manifestar-se sob a forma de frigidêz sexual, logrando coagir a reação amorosa, porém, não impor seus fins proprios. Nos casos patologicos, aparece dissociado em suas componentes, aquilo que na frigidêz, muito mais frequentemente, se associa para produzir uma inibição, analogamente, como sucede, segundo sabemos, ha já muito tempo, em certos sintomas da neurose obsidente. Assim, pois, o perigo oculto no defloramento da mulher, seria o de atrair a sua hostilidade, sendo precisamente

o marido, quem maior interesse deve ter em afastar tal hostilidade.

A analise nos revela, sem grande dificuldade, quais são os impulsos femininos que dão origem a esta conduta paradoxal, em que esperamos achar a explicação da frigidêz. No primeiro coito, põe em ação uma serie de impulsos contrarios á emergencia da disposição feminina desejavel, alguns dos quais não terão já de surgir obrigatoriamente nas ulteriores repetições do ato sexual. Recordamos aqui, sobretudo, a dor provocada pelo defloramento, e ainda nos inclinaremos a atribuir-lhe carater decisivo e a prescindir em procurar outros. Não tardamos, porém, em reconhecer que, na realidade, não se pode atribuir á dor tão decidida importancia, devendo antes substituí-la pela ofensa narcisista sempre concomitante á destruição do orgão. Tal ofensa figura, precisamente neste caso, uma representação racional no conhecimento da diminuição do valor sexual da deflorada. Os usos matrimoniais dos primitivos provam, pois, contra esta supervalorização. Vimos que, em alguns casos, o cerimonial consta de duas partes, e que ao rompimento do himen, levado a termo com a mão ou com um instrumento, sucede um coito oficial ou simulado, com os camaradas ou testemunhas do marido. Demonstra-nos isso que o sentido do preceito tabú não fica ainda completamente cumprido com a ação de evitar o defloramento anatomico e que o perigo de que o esposo necessita

livrar-se, não reside tão sómente na reação da mulher com a dor do primeiro contato sexual.

Outra das razões que motivam o desengano produzidc pelo primeiro coito, está na impossibilidade de proporcionar á mulher, pelo menos, á mulher civilizada, tudo que dele esperava. Para ela o comercio sexual se achava ligado até aquele momento, a uma severa proíbição, e desaparecendo esta, o comercio legal sexual faz o efeito de algo mais distinto. Esta ultima ligação preexistente entre as idéias de atividade «sexual» e «proíbição», transparece quasi comicamente na conduta de muitas noivas, que ocultam suas relações amorosas a todos os estranhos e inclusive a seus pais, mesmo naqueles casos em que nada justifica tal segredo, nem é de esperar oposição alguma. Tais jovens declaram francamente que o amor perde para elas muito do seu valor, deixando de ser segredo. Esta idéia adquire em certas ocasiões tal predominancia, que impede totalmente o desenvolvimento do amor no matrimonio e a mulher não recobra sua sensibilidade amorosa, a não ser em umas relações ilicitas e rigorosamente secretas, nas quais se sente segura de sua propria vontade, não influenciada por nada nem por ninguem.

Entretanto nem este motivo é suficientemente profundo. Depende, ademais, de condições estritamente culturais e não parece poder ligar-se, sem esforço, á situação dos primitivos. Ao contrario, existe ainda outro fator, baseado na historia evolutiva da libido, que nos parece apre-

sentar maxima importancia. A investigação analitica nos descobriu a regularidade das primeiras fixações da libido e sua extraordinaria intensidade. Trata-se aqui, de desejos sexuais infantis tenazmente conservados, e, na mulher, em geral, de uma fixação da libido ao pai ou a um irmão, sucedaneo daquele, desejos orientados, com grande frequencia, para fins diferentes do coito ou que só o integram como fim vagamente reconhecido. O marido é, sempre, por assim dizê-lo, um substituto. No amor da mulher, o primeiro posto ocupa sempre alguem que não é o marido; nos casos tipicos o pai, e o marido, e nos demais, o segundo. Da intensidade e da profundeza desta fixação depende, o substituto ser ou não repelido como insatisfatorio. A frigidêz se inclue, deste modo, entre as condições de genese das neuroses. Quanto mais poderoso é o elemento psiquico na vida da mulher, maior resistencia terá de opor a distribuição de sua libido á comoção provocada pelo primeiro ato sexual e menos poderosas resultarão os efeitos de sua posse fisica. A frigidêz surgirá então na qualidade de inibição neurotica ou constituirá uma base propria ao desenvolvimento de outras neuroses. A esse resultado, auxilia mui ativamente uma inferioridade da potencia masculina, por menor que seja.

A esta atuação dos primeiros desejos sexuais parece corresponder o costume seguido pelos primitivos ao encomendar o defloramento a um dos anciãos da tribu ou a um sacerdote, isto é, a uma pessoa de carater sagrado, ou, definitiva-

mente, a um substituto do pai. Neste ponto, parece começar um caminho que nos leva até o tão discutido «jus primae noctis» dos senhores feudais. J. Storfer sustenta esta mesma opinião (6) e interpreta, ademais, a tão difundida instituição o «matrimonio de Tobias» (o costume de guardar continencia nas tres primeiras noites) como o reconhecimento dos privilegios do patriarca, interpretação proposta antes por C. G. Jung (7). Não extranharemos já encontrar tambem os idolos entre os subrogados do pai encarregados do defloramento. Em algumas regiões da India, a recemcasada devia sacrificar seu himen a um idolo de madeira, e segundo refere Santo Agostinho, nas cerimonias nupciais romanas (de sua péoca?) existia costume igual, si bem que modificado no sentido da noiva bastar sentar-se sobre o gigantesco falo do deus Priapo (8).

A camada mais profunda, penetra outro motivo, a que temos de atribuir o primeiro lugar na reação paradoxal contra o homem, e, cuja influencia se manifesta igualmente, a meu ver, na frigidêz da mulher. O primeiro coito ativa todavia nesta outros antigos impulsos distintos dos descritos e contrarios, em geral, á função feminina.

Pela analise de um grande numero de mulheres neuroticas, sabemos que passam por um

(6) Condição especial para o assassinato paterno, 1911. (Schriften zur angewandten Seelenkunde, XII).

(7) A significação paterna para o destino de cada um (Jahrbuch für Psychoanalyse, I, 1909).

(8) Ploss e Bartels: A mulher. I, XII e Dulaure: Divindades geradoras. Paris 1885.

estado primitivo no qual invejam ao irmão o signo da virilidade, sentindo-se inferiores e humilhadas pela falta do membro (ou mais propriamente, por sua diminuição). Para nós esta «inveja do penis» pertence ao «complexo de castração». Si entre o «masculino» incluimos o desejo de ser homem, se adaptará muito bem a esta conduta o nome de «protesto masculino», creado por Alf. Adler que tentou elevar esse fator á categoria de sustentaculo geral da neurose. Durante esta fase, não ocultam, muitas vezes, as meninas, tal inveja, nem a hostilidade nela baseada, e tratam de proclamar sua igualdade ao irmão, tentando orinar em pé, como êle. No caso citado antes, de agressão ulterior ao coito, não obstante um terno amor ao marido, pode-se comprovar, que a fase descrita havia excitado anteriormente a escolha do objeto. Só depois dela orientou-se a libido da menina para o pai substituindo-se o desejo de possuir um membro viril pelo de ter um filho.

Não me surpreenderia que, em outros casos, seguisse, em ordem inversa, a sucessão temporal, não entrando em ação esta parte do complexo de castração até depois de realizada a escolha do objeto. Porém, a fase masculina da mulher, durante a qual inveja, ao menino, a posse de um penis, pertence a um estadio evolutivo anterior á escolha do objeto e se acha mais proximo que ela, do narcisismo primitivo.

Não ha muito tive ocasião de analizar um sonho de uma recemcasada, no qual transparecia

uma reação a seu defloramento, mostrando o desejo de castrar seu jovem marido e conservar nela o penis. Cabia, aliás, tambem a interpretação, mais simples, de que o desejado era o prolongamento e repetição do ato, porém, certos detalhes do sonho iam além deste sentido, e, tanto o carater, como a conduta ulterior do indivíduo, estavam a favor da primeira interpretação. Atrás desta inveja do membro viril se vislumbra a hostilidade da mulher contra o homem, hostilidade que nunca falta completamente nas relações entre os dois sexos, e da qual encontramos provas evidentes nas aspirações e nas produções literarias das «emancipadas». Numa especulação paleobiologica, retroage Ferenczi esta hostilidade da mulher até a época em que teve lugar a diferenciação dos sexos. A principio — opina — a copula se realizava entre dois indivíduos identicos, um dos quais alcançou um desenvolvimento mais poderoso e obrigou ao outro, mais fraco, a suportar a união sexual. O rancor, originado desta subjugação perduraria ainda hoje na constituição atual da mulher. Por meu lado, nada encontro para reprovar a esta classe de especulações, sempre que não se chegue a conceder-lhes um valor superior ao que podem alcançar.

Depois desta exposição dos motivos da paradoxal reação da mulher ao defloramento, continuada na frigidêz, podemos concluir, resumindo, que a insatisfação sexual da mulher descarrega, nas suas relações, sobre o homem que a inicia no ato sexual. O tabú da virgindade recebe, as-

sim, um sentido preciso, pois explicamos muito bem a existencia de um preceito destinado a libertar, precisamente, de tais perigos, ao homem que vai iniciar uma longa convivencia com a mulher. Em gráus superiores de cultura, a valorização desses perigos desapareceu ante a promessa da servidão e, seguramente, ante outros motivos diversos e atrativos; a virgindade é considerada como um dote, a que o homem não deve renunciar. Porém, a analise das perturbações do matrimonio nos ensina que os motivos que impelem a mulher a tomar vingança de seu defloramento, não se estinguiu, por completo, na alma da mulher civilizada. A meu ver, ha de extranhar o observador o extraordinario numero de casos em que a mulher permanece frigida num primeiro matrimonio e se considera desgraçada, e, ao contrario, dissolvido esse primeiro matrimonio, ama ternamente e faz feliz o segundo marido. A reação antiga se esgotou, por assim dizê-lo no primeiro objeto.

Não se póde tãopouco afirmar, que o tabú da virgindade tenha desaparecido totalmente da nossa vida civilizada. A alma popular o conhece e os poetas o têm utilizado nas suas creações. Numa das suas comedias apresenta-nos Anzengruber um joven camponês que renuncia casar-se com a noiva a êle destinada, deixando-se convencer inocentemente pelo argumento, de que a rapariga é «uma menina que nada sabe ainda da vida». Permite, assim, seu matrimonio com outra e se resigna pensando casar-se com

ela quando enviuve e não seja já perigosa para êle. O titulo desta obra «O veneno da virgem», lembra a crença de que os encantadores de serpentes as fazem morder antes um lenço, no qual deixam o veneno, podendo depois manejá-las, sem perigo (9).

Uma conhecida figura dramatica, a Judith da tragedia de Hebbel, «Judith e Holofernes», nos oferece uma completa representação do tabú da virgindade e grande parte de sua causa. Judith é uma daquelas mulheres cuja virgindade aparece protegida por um tabú. Seu primeiro marido, paralizado na primeira noite por um enigmatico temor, não se atreveu aproximar-se mais dela. «Minha beleza é como uma flôr venenosa — diz Judith — produz a loucura e a Morte». Ao ver sitiada sua cidade pelo chefe dos assirios, concebeu o plano de seduzí-lo e perdê-lo pela beleza, utilizando assim, um motivo patriotico, para encobrir outro sexual. Deflorada pelo poderoso Holofernes, orgulhoso de sua força e de sua falta de escrupulos, sua indignação lhe dá forças para decapitá-lo, convertendo-se em libertadora do seu povo. A decapitação já é de nós conhecida como

(9) Tambem merece citação aqui, apesar de afastar-se algo, seu enredo da situação descrita, a obra magistralmente concisa, de A. Schuitzler, intitulada: «O destino do barão de Leisenbogh». O amante de uma atriz de muita experiencia amorosa maldiz, ao morrer num acidente, o primeiro homem que depois a possua. Durante algum tempo, a atriz, a quem este tabú creou uma especie de nova virgindade, não se resolve conceder a ninguem, seus favores. Porém, enamorada de um cantor, encontra, por fim, um meio de livrar-se da maldição, entregando-se, antes, uma noite ao barão de Leisenbogh, que vem perseguindo-a, em vão, durante anos. Nele se cumpre a maldição, e morre subitamente, ao descobrir o motivo de sua inesperada satisfação amorosa.

um substitutivo simbolico de castração, e deste modo, Judith é a mulher que castra o homem que a deflorou, como sucedia, no sonho, á minha cliente, recemcasada, antes mencionada. Hebbel sexualizou, intencionalmente, a narração patriotica tomada dos livros apocrifos do Antigo Testamento, nos quais Judith se vangloria, no seu regresso, de não haver sido violada. Tambem falta no texto biblico qualquer dado sobre sua tragica noite de nupcias. Nosso autor, porém, com sua fina sensibilidade de poeta, suspeitou, sem duvida, o motivo primitivo, apagado naquela narração tendenciosa, e devolveu ao tema todo seu conteudo original.

Numa excelente analise, explica I. Sadger como o proprio complexo parental do poeta determinou sua escolha como assunto dramatico e porque na luta dos sexos, tomou sempre o partido da mulher, sabendo penetrar nas suas mais profundas agitações animicos (10). Cita, igualmente a causa que o proprio poeta atribue á sua modificação do assunto e a taxa, com razão, de artificiosa, considerando-a, unicamente, destinada a justificar, superficialmente, e, no fundo, a encobrir, algo inconciente para o proprio autor. Nada tenho a objetar á explicação dada por Sadger, ao fato de converter a Judith, viuva, segundo o texto biblico, em viuva virgem. Porém, acrescentarei que depois de estabelecer o poeta a virgindade de sua protagonista, sua penetrante ima-

(10) Da patografia á psicografia, Imago, I, 1912.

ginação permaneceu ligada á reação hostil desencadeada pelo defloramento.

Podemos, pois, concluir, que o defloramento não tem apenasmente a consequencia cultural de ligar, duradouramente, a mulher ao homem, mas que desencadeia, tambem, uma reação arcaica da hostilidade contra êle, reação que pode tomar formas patologicas, as quais se manifestam, frequentemente, em fenomenos de inibição na vida erótica conjugal, a que temos de acrescentar que as segundas nupcias, muitas vezes, são mais felizes que as primeiras. O tabú singular da virgindade e o temor com que, entre os primitivos, evita o marido o defloramento, ficam plenamente justificados por esta reação hostil.

É muito interessante descobrir, na pratica analitica, mulheres nas quais as duas reações opostas de servidão e hostilidade se manifestam ao mesmo tempo e permanecem ligadas intimamente. Entre essas mulheres, ha algumas, que parecem completamente divorciadas de seu marido e que, no entanto, não podem separar-se dele. Quantas vezes tentam dirigir seu amor para outra pessoa, e a imagem do marido as estorva, imagem que, no entanto, não ama. A analise demonstra, nesses casos, que tais mulheres permanecem ligadas a seus maridos por servidão, mas não por amizade. Não logram libertar-se deles, porque não se vingaram deles de todo, e, nos casos mais extremos, porque ainda não se tornou conciente no seu intimo o impulso de vingança.

ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL

(Adenda á teoria sexual)

1923.

A investigação psicanalitica oferece tais dificuldades que não é possivel deixar despercibidos, consecutivamente, durante decenios de continua observação, os traços gerais e fatos caracteristicos, até o momento em que surgem, á nossa frente, e se impõem á nossa atenção. O presente trabalho tem por fim retificar uma tal omissão no estudo da evolução sexual infantil.

Os leitores dos meus «Tres ensaios sobre uma teoria sexual» (1905) não ignoram que nenhuma das edições posteriores de tal obra não constitue uma renovação total da primeira, tendo-me limitado a integrar nelas, por meio de interpolações e modificações, os progressos do nosso conhecimento, mas sem alterar a ordem primitiva. É portanto muito possivel, que o texto primitivo e as adições e modificações ulteriores, não apareçam, algumas vezes, completamente ordenadas numa unidade salvo de contradições. A principio, a atenção recaía sobre a diferença fundamental entre a vida sexual das crianças e dos adultos. Mais tarde, passaram ao primeiro plano as orga-

nizações pregenitais da libido e o desdobramento da evolução sexual em duas fases, fato este tão estranho como rico em consequencias. Por ultimo, atraíu nosso interesse a investigação sexual infantil e partindo dela, chegamos a descobrir a grande afinidade da forma final da sexualidade infantil (cerca dos cinco anos) com a estrutura sexual definitiva do adulto. Até aqui, a ultima edição de minha teoria sexual é de 1922.

Á pagina 63 desta edição, afirmo que «com frequencia, ou regularmente, têm já lugar nos anos infantis, uma escolha de objeto semelhante á que caracteriza a fase evolutiva da puberdade, escolha que se verifica orientando-se todos os instintos sexuais para uma pessoa, na qual desejam conseguir seus fins. Esta é a maxima aproximação possivel nos anos infantis, da estrutura definitiva da vida sexual posterior á puberdade. A diferença está tão sómente em que a sintese dos sintomas parciais e sua subordinação á primazia dos orgãos genitais não aparecem ainda estabelecidos na infancia ou só muito imperfeitamente. A constituição de tal primazia em favor da reprodução é, portanto, a ultima fase da organização sexual».

A afirmação de que a primazia dos orgãos genitais não aparece ainda estabelecida ou só muito imperfeitamente no primeiro periodo infantil, já não nos satisfáz, por completo. A afinidade da vida sexual infantil com a do adulto vai muito além e não se limita á emergencia de uma escolha de objeto. Si bem que não chegue a estabelecer-se uma perfeita sintese dos instintos

parciais sob a primazia dos orgãos genitais, o interesse dedicado aos orgãos genitais adquirem, de qualquer modo, ao alcançar o curso evolutivo da sexualidade infantil, seu ponto extremo, uma importancia predominante, pouco inferior á que logram na idade madura. No carater principal desta «organização genital infantil», achamos, ademais, sua mais importante diferença da organização genital definitiva do adulto. Este carater diferencial consiste em a criança admitir apenas um só orgão genital, o masculino, para ambos os sexos. Não existe pois, uma primazia genital, mas uma primazia do falo.

Infelizmente, não podemos referir-nos na exposição desse tema, mais que á criança do sexo masculino, pois nos faltam dados sobre o desenvolvimento dos fenomenos correlativos nas meninas. A criança percebe desde logo as diferenças externas entre homens e mulheres, porém, a principio, não têm ocasião de ligar tais diferenças a uma diversidade de seus orgãos genitais. Assim, pois, atribue a todos os demais seres animados, homens e animais, orgãos genitais analogos aos seus e chega até a procurar nos objetos inanimados, um membro igual ao que êle possue ([1]). Este orgão, tão facilmente excitavel, capaz de variar de estrutura e dotado de extrema sensibilidade, ocupa em alto gráu o interesse da criança e apresenta, continuamente, novos problemas

([1]) E', ademais, singular, a pouca atenção que despertam nas crianças os demais elementos do orgão genital masculino (os testiculos). Pelas analises, seria possivel, descobrir que o orgão genital se compõe de algo mais que o penis.

a seu instinto de investigação. Quizera observá-lo em outra pessoas para compará-lo com o seu, e se porta como si suspeitasse que aquele membro poderia e deveria ser maior. A força impulsora que este signo viril desenvolverá, logo após, na puberdade, se exterioriza, neste periodo infantil, sob a forma de curiosidade sexual. Muitas das exibições e agressões sexuais que a criança executa e que verificadas uma idade mais adiantada, seriam julgadas como manifestações de lubricidade, se revelam nas analises, como experiencias postas a serviço da investigação sexual.

No decurso dessas investigações, chega a criança a descobrir que o penis não é um atributo comum a todos os seres a êle semelhantes. A visão casual dos orgãos genitais de uma irmãzinha ou de uma companheira de brinquedos, o inicia nesta descoberta. As crianças de inteligencia viva já conceberam, anteriormente, ao observar que as meninas adotam, para orinar, outra posição e produzem ruidos diferentes, a suspeita de alguma diversidade genital, e tentam repetir tais observações, para conseguir um esclarecimento completo. Já é conhecido como reagem á primeira percepção da falta do penis nas meninas. Negam tal falta, cream ver o membro, e resolvem a contradição entre a observação e o prejuizo, pretendendo que o orgão é ainda muito pequeno e crescerá quando a menina for maior. Pouco a pouco, chegam á conclusão, na verdade, muito importante, de que a menina possuia, a principio, um membro analogo ao seu, do qual foi logo

despojada. A ausencia do penis é interpretada como o resultado de uma castração, surgindo então no menino, o temor á possibilidade de uma mutilação analoga. Os desenvolvimentos ulteriores são conhecidos de sobra para termos de repetí-los aqui. Limitar-me-ei, pois, a indicar que apreciar exatamente a importancia do complexo de castração, e, para isso, é necessario atender ao fato de sua emergencia na fase da primazia do falo (2).

Tambem é sabido quanto despreso ou até horror á mulher, e quanta disposição á homosexualidade se derivam da convicção definitiva da sua privação do penis. Ferenczi preferiu, mui acertadamente, o simbolo mitologico do horror, a cabeça de Medusa, á impressão produzida pela visão dos orgãos genitais femininos, privados de penis (3).

Porém, não se deve crer que a criança generalise rapida e prontamente sua observação de que algumas pessoas do sexo feminino carecem de penis. Já o estorva sua hipotese anterior de que a privação do penis é consequencia de uma castração primitiva. Ao contrario, cre que só al-

---

(2) Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse, IV, 1923, I. Por minha parte, acrescentarei que o mito, se refere aos orgãos genitais maternos. Palas Athenea, que leva em sua armadura a cabeça de Medusa, é, por isso, a mulher impossivel, cuja visão destroe toda a idéia de aproximação sexual.

(3) Indicou-se, acertadamente, que a criança adquire já a representação de um prejuiso narcisista por perda corporal, com a perda do seio materno depois de mamar, pela expulsão diária das fézes, e, ainda, por sua separação do corpo materno no momento do seu nascimento. Porém, não se deve falar de um complexo de castração sinão quando tal representação de uma perda está ligada a dos orgãos genitais masculinos.

gumas pessoas do sexo feminino, indignas, culpadas, provavelmente, de impulsos ilicitos, analogos aos seus foram privadas dos orgãos genitais. As mulheres respeitaveis, como a sua mãe, conservam o penis. A feminilidade não coincide ainda, para a criança, com a falta do membro viril (4). Só mais tarde, quando a criança aborda os problemas da genese e o nascimento das crianças, descobre então que unicamente as mulheres podem gerá-las, e que, quando deixa de atribuir á mãe um membro viril, construe então, complicadas teorias destinadas a explicar a troca do penis pela criança. O orgão genital feminino não parece ser descoberto em tudo isso. Como já sabemos, a criança imagina que os filhos se desenvolvem no seio materno (no intestino) e são concebidas pelo anus. Porém, com estas ultimas teorias, vamos além da duração do periodo sexual infantil.

Não é indiferente ter em conta as transformações que experimenta a polaridade sexual, correntes para nós, durante a evolução sexual infantil. A escolha do objeto, que já pressupõe um sujeito e um objeto, introduz uma primeira antitese. No estadio da organização pregenital sádico-anal não póde falar-se ainda de masculino e feminino; predomina a antitese de ativo e passivo. No estadio seguinte da organização genital infantil, já ha um masculino, porém, não um fe-

(4) A analise de uma senhora, joven, mostrou-me que a paciente, orfã de pai, havia acreditado, até o periodo de latencia, que sua mãe e suas tias, com exceção, de uma, possuiam um penis. Ao contrário, considerava castrada, como ela mesma, a uma de suas tias, idiotas.

minino; a antitese é aqui genital masculino ou castrado. Só com o termino da evolução na puberdade, chega a coincidir a polaridade sexual com o masculino e feminino. O masculino abrange o sujeito, a atividade e a posse do penis. O feminino integra o objeto e a passividade. A vagina é já considerada o albergue do penis e torna-se herança do corpo materno.

O CARATER E O EROTISMO ANAL.

1908.

Entre as pessoas a que procuramos aliviar por meio dos metodos psicanaliticos, achamos com bastante frequencia, um tipo, que se distingue pela coincidencia de certas qualidades de carater, e nas quais atraem a nossa atenção, determinadas particularidades, que as suas funções somaticas e os orgãos nela participantes, tiveram que apresentar durante a infancia. Não posso indicar já, com exatidão, quais foram os sintomas que me levaram a suspeitar uma relação organica entre aquelas qualidades do carater e as particularidades de certos orgãos, pode-se, porém, assegurar, que na emergencia de tal suspeita não participou prejuizo algum teorico. Posteriormente, o acumulo de impressões analogas, robusteceu em mim, de tal modo, a crença de tal relação, que me proponho hoje comunicá-la.

As pessoas que me proponho descrever, atraem nossa atenção por apresentar regularmente associadas tres qualidades: são cuidadosas, economicas e teimosas. Cada uma destas palavras sintetisa, um pequeno numero de traços caracteristicos afins. A qualidade de «cuidadoso» compreende tanto esmero individual como a escrupulosi-

dade de deveres correntes e a garantia pessoal; pelo contrario o «cuidadoso» seria, neste sentido, descuidado ou desordenado. A economia pode aparecer intensificada até a avareza e a tenacidade pode converter-se em obstinação, ligando-se a ela, facilmente, uma tendencia á colera e a inclinações vingativas. As duas ultimas condições mencionadas, a economia e a tenacidade, aparecem mais estreitamente ligadas entre si, que com a primeira. São tambem a parte mais constante do complexo total. De qualquer modo, parece-me indubitavel que as tres se ligam, de certo modo, entre si.

Investigando os primordios da infancia dessas pessoas, averiguamos, facilmente, que necessitaram um logar relativamente amplo, para chegar a dominar a «incontinencia alvi» infantil, e que, todavia, em anos posteriores de sua infancia, tiveram que lamentar alguns fracassos isolados desta função. Parecem haver pertencido a aqueles lactentes que se negam a defecar no orinol porque o ato da defecação lhes produz, acessoriamente, um prazer (1), pois confessam que nos anos imediatamente posteriores, as gostavam reter á expulsão e recordam, ainda, referindo-se, em geral, a seus irmãos e não a si proprios, toda classe de manejos indecorosos com o produto da defecação. Destes sinais deduzimos uma franca acentuação erógena da zona anal na constituição sexual congenita de tais pessoas. Porém, uma vêz passada a infancia não se descobre mais nelas resto algum de tais debilidades e particularidades e temos

(1) Cf. «Tres ensaios sobre uma teoria sexual».

de supor, que a zona anal perdeu sua significação erótica no decurso da evolução e suspeitamos que a constancia daquela triade de qualidades observavel em seu carater pode ser relacionada com o desaparecimento do erotismo anal.

Até agora ninguem se aventure a aceitar a existencia de um estado de cousas enquanto o mesmo lhes permanece incompreensivel e não oferece acesso algum a uma explicação. Porém, algumas das hipoteses desenvolvidas por mim, em meus « Tres ensaios sobre uma teoria sexual », podem aproximar-nos, pelo menos, á compreensão da parte fundamental de nosso tema. No citado estudo, tento mostrar que o instinto sexual humano é algo mui complexo, que nasce das aquisições de numerosos componentes e instintos parciais. Os estimulos perifericos de certas partes do corpo (os genitais, a boca, o anus, o extremo do conduto uretral), a que damos o nome de zonas erógenas, trazem aquisições excenciais á « excitação sexual ». Porém, não todas as grandezas de excitações procedentes destas zonas, recebem o mesmo destino, nem o recebem igualmente em todos os periodos da vida do indivíduo. Em geral, só uma parte delas está ligada á «vida sexual». Uma outra, é desviada, dos fins sexuais e orientada para outros fins diferentes, processo a que damos o nome de « sublimação ». Para aquele periodo da vida individual que designamos com o nome de « periodo de lactencia », ou seja desde a idade de cinco anos até as primeiras manifestações da puberdade (cerca

dos onze anos) são creados na vida animica, ao lado, precisamente, dessas excitações originadas pelas zonas erógenas, produtos de reação ou por assim dizê-lo, ante corpus, tais como o pudor, a repugnancia e a moral, que se opõe, como diques, á ulterior atividade dos instintos sexuais. Dado que o erotismo anal pertença á aqueles componentes do instinto, que no curso da evolução e no sentido de nossa atual educação cultural ficam inutilizados para fins sexuais, não parece muito arriscado reconhecer nas qualidades que tão frequentemente mostram reunidos os indivíduos, cuja infancia apresentou uma especial intensidade deste instinto parcial — o cuidado, a economia e a teimosia — os resultados mais diretos e constantes da sublimação do erotismo anal.

Tambem não se tornou claro para nós a necessidade interior desta relação, porém, podemos deduzir algo que póde aproximar-nos de sua compreensão. O esmero, a ordem e a escrupulosidade, parecem ser os produtos da reação contra o interesse para o torpe, perturbador e não pertencente a nosso corpo («Dont is matter in the wrong place»). O trabalho de relacionar a teimosia com o interesse pela defecação parece muito dificil, porém, podemos recordar, que já o lactente pode portar-se segundo sua vontade propria no que diz respeito á defecação e que a educação se serve, em geral, da aplicação de estimulos dolorosos sobre a região vizinha á zona erógena anal, para curvar a obstinação da criança e inspirar-lhe docilidade. Como impressão

do obstinado desafio se emprega ainda, nas nossas classes populares, uma frase em que o indivíduo incita a seu interlocutor a beijar-lhe o trazeiro, ou seja, em realidade, a uma caricia das que sucumbiram ao recalcamento. O gesto de voltar as costas ao adversario e mostrar-lhe o traseiro nú, é tambem um ato de desafio e desprezo, correspondentes á aquela frase. No Götz von Berlichingen goetheano aparecem exatamente empregadas, como expressão de desafio, o gesto e a frase descritas.

Entre os complexos do amor ao dinheiro e á defecação, aparentemente tão dispares, descobrimos, entretanto, multiplas relações. Todo medico que praticou a psicanalise sabe que por meio desta correlação se logra o desaparecimento da mais rebelde e duradoura constipação, habitual dos nervosos. O assombro que isto póde provocar ficará diminuido ao recordar que tal função se demonstrou tambem, analogamente, docil ao influxo da sugestão hipnotica. Porém, na psicanalise, só alcançamos esse resultado quando tocamos o complexo caracteristico dos pacientes e atraimó-lo, com todas as suas relações, á conciencia dos mesmos. Realmente em todos aqueles casos em que dominam e perduram as formas arcaicas do pensamento, nas civilizações antigas, nos mitos, nas fabulas, na superstição, no pensamento inconciente, no sonho e na neurose, aparece o dinheiro estreitamente relacionado com a imundice. O ouro que o diabo oferece a seus protegidos, transforma-se logo em esterquilinio. E

o diabo não é, certamente, sinão a personificação da vida instintiva, recalcada, inconciente [2]. A superstição que relaciona o descobrimento de tezouros ocultos com a defecação, e as figuras folcloricas de «defecadores dedicados», são, geralmente, conhecidos. Já nas antigas lendas babilonicas é o ouro o esterquilinio do enferno: *Mammon = ilu mammon* [3]. Assim, pois, quando a neurose acompanha os empregos da linguagem, o faz tomando as palavras em seu sentido primitivo, rico em significações, e quando parece representar plasticamente uma palavra, restabelece, regularmente, seu antigo sentido.

É muito possivel que a antitese entre o mais valioso que o homem conheceu, e o mais desprezivel, a escoria que lança de si, é que o levou a esta identificação do ouro com a imundice.

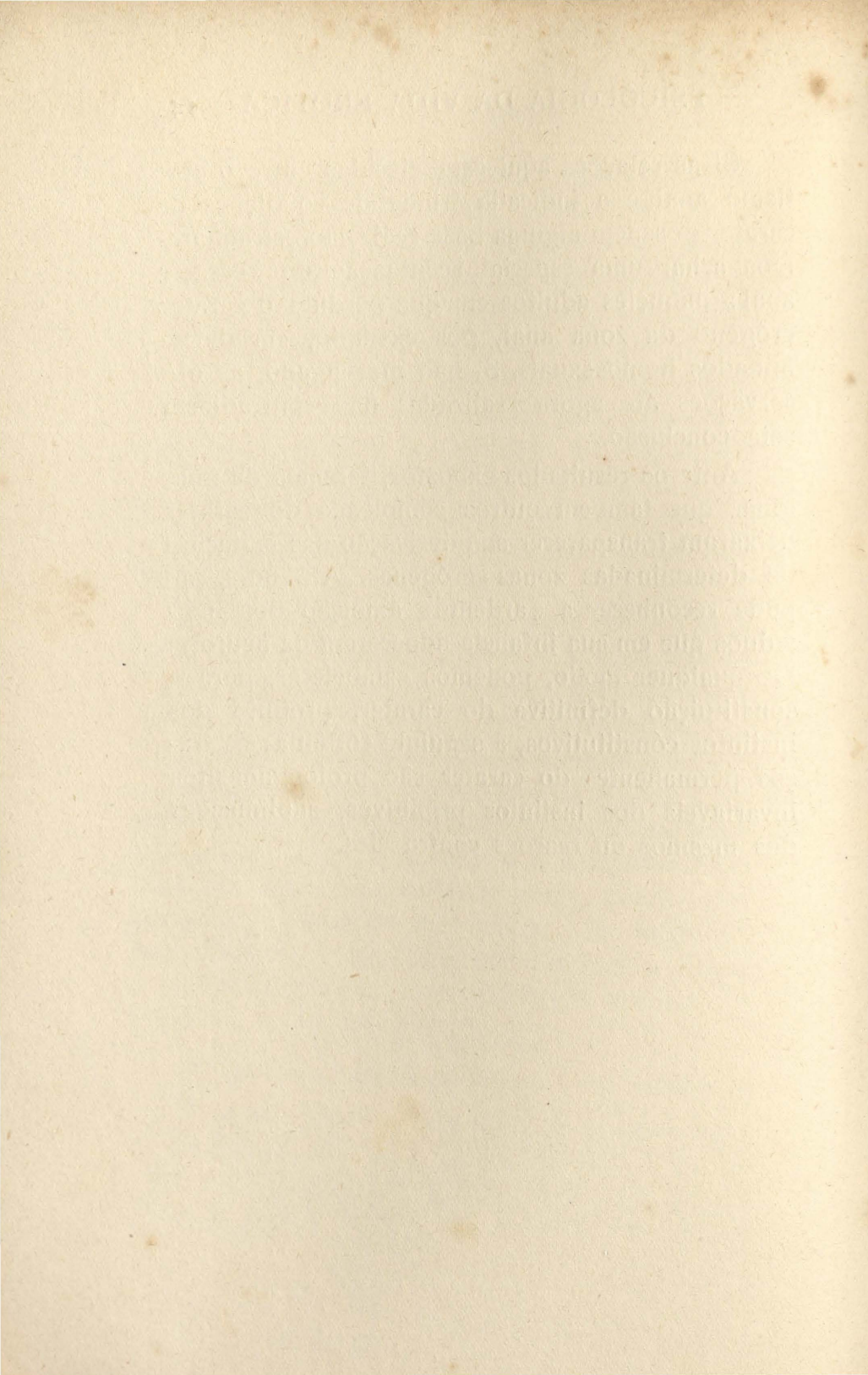
No estabelecimento da neurose ajudaram ainda a tal identificação outras circunstancias. Como já sabemos o interesse primitivamente erótico dedicado á defecação se acha destinado a desaparecer em anos ulteriores. Nestes anos surge, como novo interesse, inexistente na origem, o inspirado pelo dinheiro, e esta circunstancia facilita a que a tendencia anterior, quasi perdendo seu fim, se transfira a um fim novo.

---

(2) Recordem-se da possessão histerica e das epidemias de Satanismo.

(3) Jeremias: O Antigo Testamento á luz do oriente antigo, 2.a ed. 1906 pag. 216 e Babilonios no Novo Testamento, 1906, pg. 96: «Mamon (Mammon) é, em babilonio, man-man, um dos nomes de Nergal, o deus dos enfermos. O ouro encontrado nas lendas e fabulas dos povos é, segundo o mito oriental, o esterquilino do enfermo. Veja-se a obra: «Correntes monoteicas na religião babilonica, pg. 16, nota 1».

Si as relações aqui estabelecidas entre o erotismo anal e a indicada triade de condições de carater possuem alguma base real, não estranharemos achar uma especial acentuação do «carater anal» naqueles adultos em que perdura o carater erógeno da zona anal, por exemplo, em determinados homosexuais. Si não me engano, as observações até agora realizadas não contradizem esta conclusão.

Ante os resultados expostos, teremos de imaginar que tambem outros complexos do carater deixaram transparecer sua derivação das exitações de determinadas zonas erógenas. Até hoje, só pude reconhecer a «ardente» ambição dos indivíduos que em sua infancia adoeceram de neurose. De qualquer modo, podemos estabelecer, para a constituição definitiva do carater, produto dos instintos constitutivos, a seguinte formula: os traços permanentes do carater são prolongamentos invariaveis dos instintos primitivos, sublimações dos mesmos ou reações contra eles.

EM TORNO DAS TRANSFORMAÇÕES DOS INSTINTOS E, PARTICULARMENTE, DO EROTISMO ANAL.

1916-17.

Baseado nas minhas observações psicanaliticas, expuz, ha anos, a suspeita de que a coincidencia de tres condições do carater — a ordem, a economia e a teimosia — num mesmo indivíduo, indicava uma acentuação dos componentes neuroticos anais, terminada, ao progredir a evolução sexual, na constituição de tais reações predominantes do Ego [1].

Interessava-me então, sobretudo, dar a conhecer uma relação comprovada em multiplas analises e não me ocupei muito com o seu desenvolvimento teorico. De então até hoje, comprovei todas e cada uma das tres condições citadas: a avareza, o pedantismo e a teimosia, nascem dessas fontes, ou de modo mais prudente e exato, recebem delas importantissimas aportações. Aqueles casos nos quais impunha, a coincidencia dos tres traços mencionados um selo especial (carater anal) eram apenas casos extremos, nos quais a relação

---

[1] Veja-se o meu estudo: «O carater e o erotismo anal».

que vimos estudando se revelava menos penetrante á observação.

Alguns anos após, guiado pela imperiosa coerção de uma experiencia psicanalitica que se impunha á toda duvida, deduzi, da ampla serie de impressões acumuladas, que na evolução da libido anterior á fase da primazia genital, teriamos de supor a existencia de uma «organização prégenital» na qual o sadismo e o erotismo anal desempenham os papeis diretivos (2).

A interrogação sobre os destinos ulteriores dos instintos eroticos anais, já não se oferecem aqui de um modo iniludivel. Que sorte teriam uma vêz despojada de sua significação na vida sexual, pela constituição da organização genital definitiva. Continuavam existindo sem alteração alguma, porém, em estado de repressão; consumiam-se numa transformação; sucumbiam á sublimação; consumiam-se numa transformação em condições do carater; ou eram recolhidas na nova estrutura da sexualidade, determinada pela primazia dos orgãos genitais? Ou melhor, não sendo, provavelmente, um só desses destinos o unico do erotismo anal, em que forma e medida colaboram essas diversas possibilidades no destino do erotismo anal, cujas fontes organicas não puderam ficar estancadas pela constituição da organização genital?

Parecia que não careceriamos de material para dar resposta a estas interrogações, posto que os

(2) Veja-se o meu estudo: «A predisposição á neurose obsidente».

processos de evolução e transformação correspondentes tivessem de se desenvolver, em todas as pessoas, como objeto da investigação psicanalitica. Esse material, porém, é tão pouco claro e a multiplicidade de seus aspetos produz tal confusão, que ainda, atualmente, me é impossivel oferecer uma solução completa do problema, podendo apenas trazer alguns elementos para o mesmo. Ao fazê-lo assim, não terei de excluir as boas ocasiões que se me ofereçam de mencionar outras transformações, de instintos alheios ao erotismo anal. Por ultimo, faremos constar, ainda que me parece quasi desnecessario, que os processos evolutivos que passamos a descrever, foram deduzidos — como sempre na psicanalise — das regressões a dos fatos impostos pelos processos neuroticos.

Como ponto de partida, podemos escolher a impressão geral de que o conceito de excremento (dinheiro, luxo), criança e penis, não são exatamente discriminados, mas, facilmente confuudidos, nas fantasias do inconciente. Expressando-nos assim, sabemos, desde logo, que transferimos, indebitamente, ao inconciente, termos aplicados a outros setores da vida animica, deixando-nos seduzir pelas comodidades que as comparações nos oferecem. Repetiremos, pois, em termos mais livres de objeção, que tais elementos são frequentemente tratados, no inconciente, como equivalentes e passiveis de mutua permuta.

A relação entre a «criança» e o «penis» é a mais facil de observar. Não pode ser indife-

rente que ambos conceitos possam ser substituidos na linguagem simbolica do sonho e na vida quotidiana, por um simbolo comum. A criança é, como o penis «o pequeno» (das «Kleine»). É sabido que a linguagem simbolica se sobrepõe, muitas vezes, á diferença dos sexos. O «pequeno» que, originariamente, se referia ao membro viril, poude, pois, passar a designar, secundariamente, os orgãos genitais femininos.

Si investigamos bastante profundamente a neurose de uma mulher, tropeçamos, frequentemente, com o desejo recalcado de possuir, como o homem, um penis. Um fracasso acidental de sua vida, consequencia, muitas vezes, desta mesma disposição masculina, voltou a alimentar esse desejo infantil, integrado por nós, como a «inveja do penis», no complexo de castração, por meio de uma regressão da libido, em sustentaculo principal dos sintomas neuroticos. Em outras mulheres, não chegamos a descobrir vestigio algum deste desejo do penis, desejo este, cuja não satisfação pode originar, imediatamente, a neurose. É como se estas mulheres tivessem compreendido — cousa impossivel na realidade — que a natureza deu á mulher os filhos como compensação, de tudo o mais que lhe negou. Por fim, numa terceira classe de mulheres, averiguamos, que abrigaram sucessivamente ambos os desejos. Primeiro quizeram possuir um penis como o homem, e, numa época ulterior, mas ainda infantil, esse desejo foi substituido pelo de ter filhos. Não podemos afastar a impressão de que tais diferenças depen-

dem de fatores acidentais da vida infantil — a falta de irmãos ou sua existencia, o nascimento de um irmãozinho em época determinada, etc. — de maneira que o desejo de possuir um penis seria identico, no fundo, ao de ter um filho.

Nãc nos é dificil indicar o destino que segue o desejo infantil de possuir um penis, quando a pessoa permanece isenta de toda perturbação neurotica na vida ulterior. Transforma-se nela, então, na intenção de encontrar marido, aceitando assim o homem, como um elemento acessorio, inseparaevl do penis. Esta transformação inclina, a favor da função sexual feminina, um impulso originariamente contrario a êle, fazendo-se, assim, possivel, a estas mulheres, uma vida erótica adaptada ás normas do tipo masculino do amor a um objeto, o qual pode coexistir com o propriamente feminino, derivado do narcisismo. Já vimos, porém, que em outros casos, é o desejo de um filho o que traz consigo a transição do egoismo narcisista ao amor a um objeto. Assim, pois, tambem neste ponto, pode a criança representar o penis.

Tive varias ocasiões de conhecer sonhos femininos subsequentes a um primeiro ato sexual. Estes sonhos descobriam sempre o desejo de conservar, no proprio corpo, o membro masculino, correspondendo, portanto, a parte de sua base libidinosa, a uma rapida regressão do homem, ao penis, como objeto desejado. Inclinar-nos-emos, seguramente, a referir de um modo completamente racional, o desejo orientado para o homem, ao desejo de ter um filho, já que terá de

compreender um dia que sem a colaboração do homem não póde alcançar tal desejo. Porém, o que parece suceder, é que o desejo cujo objeto é o homem, nasce independentemente, do de ter um filho e que quando surge, obedecendo a razões compreensiveis, pertencentes de todo á psicologia do Ego, se associa a êle, como reforço libidinoso inconciente, o antigo desejo de um penis.

A importancia do processo descrito está em que transforma-se em feminilidade uma parte da masculinidade narcisica da joven, tornando-a inofensiva para a função sexual feminina. Por outro lado se torna tambem utilizavel na fase da primazia anal, uma parte do erotismo da fase prégenital. A criança é considerada um «excremento» (Veja-se a analise de Juanito), como algo saído do corpo pelo intestino. A linguagem corrente nos oferece um testemunho desta identidade na expressão «fazer» um filho (ein Kind schenken). O excremento é, com efeito, o primeiro regalo infantil. Constitue uma parte do proprio corpo, do qual o lactente só se separa com os rogos de pessoas amadas, ou expontaneamente para demonstrar-lhe seu carinho, pois em geral, não suja a pessoas estranhas. (Analogas reações, ainda que menos intensas, se passam com relação á urina). Na defecação, se apresenta á criança uma primeira decisão entre a disposição narcisista e o amor a um objeto. Explicará docilmente os excrementos como «sacrificios» ao amor, e os reterá para a satisfação auto-erotica, e mais

tarde, para a afirmação de sua vontade pessoal. Com a adoção desta segunda conduta, ficará constituida a obstinação (a teimosia) que, portanto, tem sua origem numa persistencia narcisista do erotismo anal.

A significação mais imediata que adquire o interesse pelo excremento não é, provavelmente, a de ouro — dinheiro, mas a de presente. A criança só conhece o dinheiro que lhe é dado de presente; não conhece dinheiro proprio nem ganho, nem herdado. Como o excremento é o seu primeiro regalo, transfere facilmente seu interesse desta materia para a nova, que se lhe apresenta, na vida, como o regalo mais importante. Aqueles que duvidam da exatidão desta derivação do regalo, podem consultar a experiencia adquirida em seus enfermos e as tempestuosas transferencias que podem provocar ao fazer algum presente ao paciente.

Assim, pois, o interesse pelos excrementos persiste, em parte, transformado em interesse pelo dinheiro, e é derivado, na outra parte, para o desejo de ter uma criança. Neste ultimo desejo coincidem um impulso erótico anal e um impulso genital (inveja do penis). O penis tem, porém, ainda uma significação erótica-anal independente do desejo de um filho. A relação entre o penis e a cavidade mucosa por êle ocupada e estimulada, existe já na fase pregenital, sádico-anal. A massa fecal — ou «toco» fecal, segundo a expressão de um de meus pacientes —, é, por assim dizer, o primeiro penis, e a mucosa por êle ex-

citada, a do intestino delgado. Ha indivíduos cujo erotismo anal persistiu invariavel e intenso até os anos imediatos á puberdade (até os 10 ou 12 anos). Por êles averiguamos que já durante esta fase prégenital haviam desenvolvido em fantasias e brinquedos perversos, uma organização análoga á genital, na qual o penis e a vagina apareciam representados pela massa fecal e pelo intestino. Em outros indivíduos — neuroticos obsidentes — pude comprovar o resultado de uma degradação regressiva da organização genital, consistindo em transferir ao anus todas as fantasias primitivamente genitais, substituindo o penis pela massa fecal e a vagina pelo intestino.

Quando a evolução segue seu curso normal e desaparece o interesse pelos excrementos, a analogia organica exposta atua transferindo ao penis o interesse. Ao chegar o indivíduo, em sua investigação sexual infantil, á teoria de que as crianças são concebidas pelo intestino, fica constituida a criança em herdeira principal do erotismo anal, porém, seu predecessor foi sempre o penis, tanto nesse sentido, como noutro diferente.

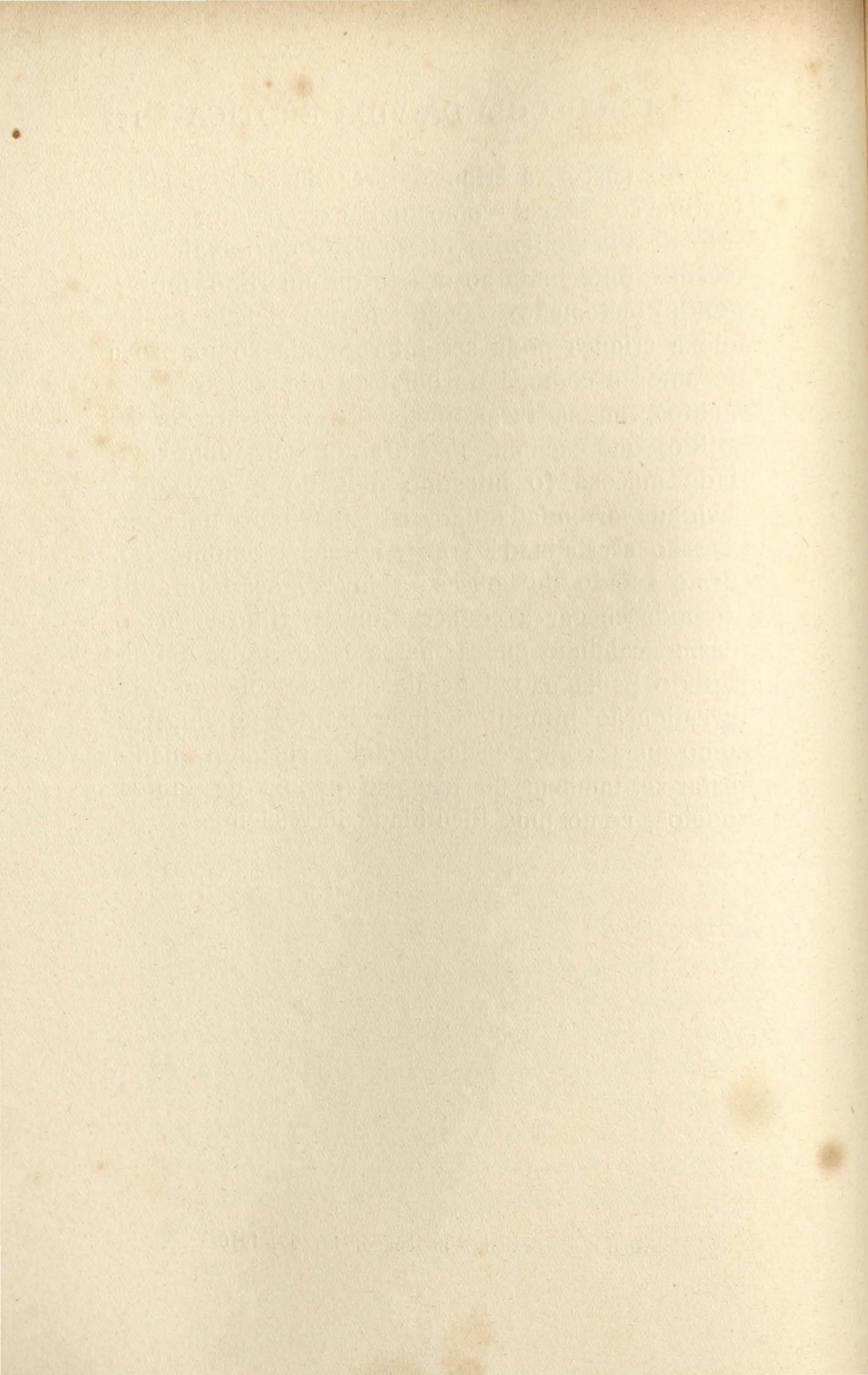
Certamente não tem sido possivel a meus leitores reter todas as multiplas relações expostas entre os elementos da serie excremento — penis — filho. Portanto, e para reunir tais relações uma vista de conjunto, tentaremos uma representação gráfica, em cuja explicação passamos a examinar de novo, porém, em diferente ordem de sucessão, o material estudado. Infelizmente esse meio tecnico auxiliar não é bastante flexivel para nossos

propositos, ou não sabemos servir-nos dele. Assim pois, rogamos não exigir demasiado do esquema seguinte:

Do erotismo anal, surge, com fins narcisistas, a obstinação, como importante reação do Ego contra as exigencias dos demais. O interesse dedicado ao excremento se transforma em interesse para o regalo; mais tarde para o dinheiro. Com a descoberta do penis, origina-se, nas meninas, a inveja do mesmo, que se transforma, em breve, em desejo do homem, como possuidor de um penis. Antes, porém, do desejo de possuir um penis, transformou-se em desejo de ter um filho, ou surgiu esse desejo no lugar daquele. A posse de um simbolo comum (o «pequeno») assinala uma analogia organica entre o penis e o filho (linha pontilhada). Do desejo de um filho, parte um caminho racional (linha dupla), que conduz ao desejo do homem. Examinamos assim a significação do instinto.

No homem, se faz muito mais perceptivel outro fragmento do processo, que surge quando a investigação sexual da criança a leva a comprovar a falta do penis na mulher. O penis fica assim reconhecido como algo separavel do corpo e relacionado, por analogia, com o excremento, primeira «parte» do nosso corpo, a que tivemos de renunciar. A antiga obstinação anal entra desse modo, na constituição do complexo de castração. A analogia organica, por cuja consequencia o conteudo intestinal se constituiu em precursor do penis, durante a fase pregenital, não poude entrar como elemento de causa. A investigação sexual, porém, lhe procura uma substituição psiquica.

Ao nascer, a criança é reconhecida, pela investigação sexual como um excremento, revestido de um poderoso interesse erótico-anal. Esta mesma fonte junta ao desejo de um filho, um segundo incremento, quando a experiencia ensina que a criança pode ser interpretada como prova de amor e como a de um presente. Os tres elementos, massa fecal, penis e filho, são corpos solidos que excitam, ao entrar ou sair, uma cavidade mucosa (o intestino delgado e a vagina, cavidade arrendada para isso, segundo uma expressão acertada de Lon. Andreas — Salomé ([3]). Deste estado de cousas, a investigação infantil só pode chegar a conhecer que o filho segue o mesmo caminho que a massa fecal, pois, a função do penis não é geralmente descoberta pela investigação infantil. É interessante, porém, ver como uma coincidencia organica chega a manifestar-se tambem no psiquico depois de tantos rodeios, como uma identidade inconciente.

(3) «Anal» e «Sexual», in Imago, IV, 5 — 1916.

SURRAM UMA CRIANÇA

Contribuição ao conhecimento da genese das perversões sexuais.

1910.

I

A fantasia da representação, como «surram uma criança» é confessada, com surpreendente frequencia, por pessoas que se submeteram ao tratamento psicanalitico, em busca da cura de uma histeria ou de uma neurose obsidente, e aparece, ainda, com maior frequencia, em outras que não se viram impelidos a tal decisão por uma enfermidade manifesta. A esta fantasia, se ligam sensações de prazer, por cuja causa tem sido reproduzidas infinitas vezes ou continuam sendo-o. Ao culminar a situação imaginada, impõe-se, ao indivíduo, regularmente, uma satisfação sexual de carater onanista, voluntaria a principio, que pode tomar, porém, mais tarde um carater obsidente. A confissão desta fantasia custa grandes esforços ao indivíduo; a lembrança de sua primeira emergencia é muito apagada e sua investigação analitica tropeça com sua resistencia inequivoca. A vergonha e o sentimento de culpa parecem atuar aí com muito maior energia que em con-

fissões analogas sobre as primeiras recordações da vida sexual.

Conseguimos estabelecer, por fim, que as primeiras fantasias deste genero surgiram numa época muito longinqua, antes do periodo escolar, cerca dos cinco ou seis anos. Quando a criança via surrar a outra na escola, isso despertava novamente a fantasia, naqueles casos em que já fora abandonada, ou ainda a intensificava quando ainda existia, modificando seu conteudo de um modo particular. A partir daí «surravam a muitas crianças». A influencia da escola era tão clara, que os pacientes se limitavam, a principio, a referir exclusivamente suas fantasias de flagelação a esta impressão da época escolar posterior aos seis anos. Esta hipotese, porém, nunca poude manter-se, pois sempre se demonstrava que tais fantasias haviam existido já anteriormente.

Quando nos anos mais adiantados do colegio cessava a possibilidade desses acontecimentos, sua influencia ficava substituida pelas leituras. No meio em que viviam os meus clientes, tinham sido sempre os mesmos livros acessiveis á juventude, que lhes havia subministrado novos elementos a suas fantasias de flagelação: a chamada «Biblioteca rosa», «A cabana do pai Tomáz» e outros semelhantes. Competindo com estas narrações começou já a propria atividade imaginativa da criança a inventar uma grande quantidade de situações e instituições nas quais as crianças são maltratadas, ou castigadas de certa maneira, por sua má conduta ou seus vicios.

Nas representações da fantasia de como surram uma criança, aparecia regularmente ligado, um grande prazer e culminava em um ato de satisfação erótica de prazer, e, seria de esperar, que tambem ao presenciar na escola o castigo de outra criança, constituisse isso fonte de semelhante prazer. Isto, porém, nunca sucedia. A assistencia a cenas reais deste genero provocava no espectador infantil, sentimentos estranhamente tumultosos, e, provavelmente mixtos, nos quais havia grande parte de repulsa. Em alguns casos a assistencia real ao castigo tornava-se intoleravel para o indivíduo. Ademais, tambem, nas mais refinadas fantasias dos anos ulteriores, constituia um requisito necessario que a criança castigada não recebesse nenhum dano serio.

Temos de perguntar que relação pode existir entre o sentido destas fantasias e as correções corporais recebidas realmente pela criança em sua educação em família. A suspeita de que se tratava de uma relação inversa, não poude ser comprovada por causa da unilateralidade do material. As pessoas que nos ministraram o conteudo dessas analises só mui raramente haviam sido surradas na infancia e nunca se tratava de indivíduos educados a força de pancada, ainda que, naturalmente, não tivessem deixado de experimentar alguma vêz, a superioridade fisica dos pais e educadores, e não tivessem tomado parte nas brigas que jamais faltam entre irmãos ou companheiros de brinquedo.

Naquelas fantasias mais antigas e simples que não mostravam relação direta alguma com as impressões escolares ou as leituras da infancia, a investigação tratou de alcançar um conhecimento mais profundo. Quem era a criança castigada? O proprio indivíduo ou uma outra criança? Quem castigava a criança? E depois, que pessoa era esta? Ou imaginava a criança ser ela mesma que surrava a outra? Todas essas interrogações recebiam a mesma rudimentar resposta: «Não sei... surravam uma criança».

As averiguações com respeito ao sexo da criança que tiveram mais exito, não nos aproximam tão-pouco á compreensão. A resposta era, ás vezes: «sempre meninos» ou «sempre meninas», e com maior frequencia: «não sei» ou «isto não importa». O que interessava ao investigador, ou seja o descobrimento de uma relação constante entre o sexo do sujeito da fantasia e a da criança castigada, nunca surgia. Algumas vezes se agregava ao conteudo da fantasia, algum detalhe caracteristico, tal como a de que a criança era surrada sobre o traseiro desnudo.

Nestas circunstancia, não se podia siquer decidir si o prazer concomitante á fantasia de flagelação, era de carater sádico ou masoquista.

II

Uma tal fantasia surgida nos primordios da idade infantil, como estimulo de impressões casuais e conservada para a satisfação auto-erótica,

havia de ser considerada pela analise, como um signo primario de perversão. Um dos componentes da função sexual se havia antecipado aos demais na evolução, fizera-se, prematuramente, independente e se fixara, escapando assim aos processos evolutivos ulteriores e testemunhando uma constituição especial anormal do indivíduo correspondente. Sabemos que uma tal perversão infantil não persiste obrigatoriamente através toda a vida, pois pode sucumbir ao recalcamento, ser substituida por um produto da reação ou transformada por uma sublimação. (Entretanto o que sucede, é a sublimação nascer de um fenomeno especial, obstaculizado pelo recalcamento). Porém quando esses acontecimentos não sucedem, a perversão persiste na vida adulta e, ao comprovar num indivíduo uma aberração sexual — perversão, fetichismo, inversão —, esperamos, justificadamente, descobrir, por meio de investigações anamnésicas, um acontecimento infantil que haja provocado uma fixação. Já antes dos tempos da psicanalise houve observadores como Binet, que referiram as singulares aberrações da idade madura, a tais impressões infantis e, precisamente, ás recebidas pelo indivíduo a partir de cinco ou seis anos. A investigação, porém, desses observadores tropeçou com o fato desconcertante de que, as impressões que geram as fixações, careciam de toda força traumatica, mostrando-se, na maior parte, insignificantes, sem que pudessem dizer por que a tendencia sexual havia ficado fixada precisamente nelas. Sem embargo, podia-se tentar

encontrar um sentido no fato de haver oferecido uma ocasião casual á fixação, aos componentes sexuais antecipados e havia de supor-se que a concatenação casual apresentaria, em um ponto qualquer, um fim provisorio. Precisamente a constituição congenita parecia preencher todas as condições exigiveis a um tal fim.

Si o componente sexual prematuramente independente é o sádico, teremos que esperar, baseados em nossa experiencia analitica, que seu recalcamento ulterior faça surgir uma disposição á neurose obsidente. Não se póde dizer que esta hipotese haja sido controvertida pelos resultados da investigação. Entre os seis casos em cujo estudo minucioso baseamos este trabalho (quatro mulheres e dois homens), havia, com efeito, dois de neurose obsidente, gravissimo um deles, outro menos grave, acessivel ao influxo analitico, e por fim, um terceiro que, pelo menos, mostrava alguns traços precisos de tal neurose. Um quarto caso era de franca histeria, com sintomas dolorosos e de inibição, e o quinto era constituido por um indivíduo que se submetia a analise, unicamente por causa de certa indecisão ante a vida e que não teria sido classificado pelo diagnostico clinico geral ou simplesmente incluido entre os «psicastenicos». Não devemos considerar que esta estatistica frusta nossas esperanças, pois em primeiro lugar, sabemos que nem toda a disposição continuará desenvolvendo-se até a enfermidade e, em segundo, bastar-nos-á explicar o que achamos

antes, sem entrar em explicações, por nada se ter produzido.

Até estes pontos ou apenas até este, nos permitem penetrar nossos conhecimentos atuais da compreensão das fantasias de flagelação. Porém, o medico analista, ha de suspeitar que o problema fica insoluvel, ao reconhecer que tais fantasias permanecem, em geral, alheias ao conteudo residual da neurose e não encontram lugar apropriado para se intrometer nele.

III

Na realidade, só podemos falar de uma psicanalise perfeita, quando o trabalho psicanalitico conseguiu suprimir a amnesia que oculta ao adulto o conhecimento de sua vida infantil entre os dois e os cinco anos. Não se póde dizer isso demasiado alto nem repetir muito ante os analisados. Os motivos que impelem a não fazer caso desta advertencia são facilmente compreensiveis. Todos queriam adquirir resultados aproveitaveis, em pouco tempo e com pouco esforço. Atualmente, porém, o conhecimento teórico é muito mais importante, para nós todos, que o êxito terapeutico e aqueles que descuidam da analise da época infantil, caem em graves erros. Esta acentuação da importancia das experiencias antigas não significa que desprezamos a influencia das ulteriores. Estas, porém, já são estimadas e descritas pelo proprio enfermo, enquanto que as infantis terão que ser buscadas e devolvidas a sua verdadeira signifi-

cação pelo médico. O periodo infantil que se prolonga entre os dois e os quatro ou os cinco anos é aquele em que despertam e são relacionados a determinados complexos, pelas experiencias do indivíduo, os fatores libidinosos congénitos.

As fantasias de flagelação aqui estudadas não se mostram senão no fim desse periodo, ou depois dele. Puderam, pois, muito bem, ter uma prehistoria, haver realizado uma evolução e corresponder a um desenlace e não a um principio. Esta hipotese é confirmada pela analise. A aplicação consequente do mesmo nos ensina que as fantazias de flagelação têm uma historia evolutiva muito complicada, em cuja trajetoria variam mais de uma vez todos os seus elementos: sua relação com o sujeito, seu objeto, seu conteudo e sua significação.

Para acompanhar mais facilmente estas transformações das fantasias de flagelação, limitar-me-ei a expor as observações realizadas em pessoas do sexo feminino, predominantes no material de que disponho (quatro casos de mulheres e dois de homens). Além disso, porém, ás fantazias de flagelação dos homens se relaciona outro tema que não nos queremos referir neste trabalho. Em nossa exposição trataremos tambem de não exquematizar mais do que o suficiente. Ainda que novas observações ulteriores demonstrem maior diversidade nos fatos, estamos certos de havermos apreendido um fenomeno tipico nada raro.

Assim, pois, a primeira fase das fantasias de flagelação nas pessoas do sexo feminino terá de corresponder aos primordios da infancia. Em tais fantasias, ha algo que permanece particularmente indeterminavel, como se fosse indiferente por completo. A escassa informação que obtemos das enfermas no seu primeiro relato — «surram uma criança» — parece, pois, justificada. Ao contrario, ha outra causa que se póde determinar com plena segurança e sempre no mesmo sentido. A criança castigada, não é jamais o proprio sujeito, mas um outro, em geral, um irmão ou irmã menor, quando os tem. Porém, o fato de poder ser um irmão ou uma irmã os surrados, ainda não nos descobre uma relação constante entre o sexo do indivíduo e o do protagonista de sua infancia. Esta não é, pois, de carater masoquista, e nos inclinariamos a considerá-la de carater sádico, si não atendessemos ao fato de o proprio sujeito não ser tãopouco o que castiga a criança na fantasia. A personalidade do autor dos castigos não aparece definida claramente a principio. Só averiguamos que não se trata de outra criança mas de um adulto. Nesta pessoa adulta indeterminada nos é possivel reconhecer inequivocamente o pai (da menina).

Portanto, esta primeira fase da fantasia de flagelação pode ficar descrita dizendo que o pai surra a criança. Deixaremos entrever grande parte do conteudo a que em breve nos temos que referir, substituindo esta descrição pela seguinte: o pai surra a criança odiada por mim. Por outro

lado, podemos vacilar em reconhecer tambem o carater de fantasia, neste gráu preliminar da ulterior fantasia de flagelação. Trata-se aliás, antes de lembranças relativas a acontecimentos desse genero presenciados pelo indivíduo em sua primeira infancia, ou de desejos surgidos no seu intimo, em ocasiões diversas. Estas duvidas, porém, carecem de importancia.

Nesta primeira fase e na seguinte, têm lugar, grandes transformações. A pessoa que surra uma criança continua sendo a mesma, porém, a criança castigada é outra, geralmente a propria criança da fantasia que provoca já um grande prazer e recebe um importante conteudo, de cuja derivação nos ocuparemos adiante. Sua descrição por óra será a seguinte: eu sou surrada por meu pai. Tem, pois, um indubitavel carater masoquista.

Esta segunda fase é a mais importante de todas. Num certo sentido, porém, podemos dizer, não teve uma existencia real. Jamais é recordada, nem teve nunca acesso á conciencia. É uma construção da analise, porém, não deixa por isso de constituir uma necessidade.

A terceira fase se assemelha novamente á primeira. Sua descrição nos é conhecida pelas informações dos pacientes, antes consignadas. A pessoa que surra, nunca é a do pai, fica indeterminada, como na primeira fase, ou representada tipicamente por um subrogado paterno (o mestre). A propria pessoa do sujeito da fantazia não aparece já nesta. Ás perguntas do médico, os clientes respondem com uma absoluta ignorancia ou se limi-

tam a declarar que lhes parece figurar na fantasia como simples espectadores. Nas fantasias das meninas são, predominantemente, meninos, os surrados, sem que o indivíduo possa identificá-los individualmente. A situação primitiva da fantasia, simples e monotona, pode experimentar multiplas variações, e a propria flagelação pode ficar substituida por castigos e humilhações de outro genero. Porém, o carater essencial em que inclusive as fantasias mais simples desta fase se diferenciam das da primeira, e que estabelece sua relação com a fase media, e o seguinte: a fantasia é agora o sustentaculo de uma intensa excitação, inequivocamente sexual, e provoca, como tal, a satisfação onanista. Porém, precisamente isto é o enigmatico: Qual o caminho porque esta fantasia, já de carater sádico, em que são castigadas crianças desconhecidas, chega a converter-se, a partir desta fase, num elemento persistente da tendencia libidinosa da menina?

Não ocultamos, que tanto a relação como a sucessão das tres fases desta fantasia, com todas suas demais peculiaridades, continuam sendo para nós incompreensiveis.

IV

Si conduzimos a analise através aquelas épocas longinquas nas quais está localizada a fantasia de flagelação e, ao ser recordada pelos clientes, comprovamos que a menina se achava em tal época

sob o influxo dos estimulos emanados do seu complexo parental.

A menina aparece, nesse periodo, ternamente fixada ao pai, que fez, provavelmente, todo o necessario para provocar tal fixação, espalhando com isso a semente de uma atitude contra a mãe, atitude que persistirá ao lado de uma tendencia afetiva, e pode estar reservada que a tornar-se mais intensa e mais claramente conciente com o transcurso dos anos ou provocar, por reação, uma adesão amorosa exagerada á personalidade materna. Pela fantasia de flageração nos aparecem as relações entre mãe e filha. Na familia, ha outras crianças, pouco maiores ou menores, ás quais o indivíduo não quer, por diversas razões, porém, sobretudo, porque há de dividir com eles o amôr dos pais, afasta-os, portanto, de si, com a selvagem energia propria da vida sentimental nesta idade. Quando se trata de uma irmãzinha menor (como em tres dos meus quatro casos), a pessoa a despreza além de odiá-la, porém, tem que presenciar como recebe aquele excesso de ternura que os pais têm sempre para o filho menor. Compreende perfeitamente que surrar alguem, mesmo sem causar-lhe dôr, significa uma negação de afeto e uma humilhação. São, assim, muitas as crianças que creem possuir o inquebrantavel amôr de seus pais e a quem um só golpe faz cair das alturas de sua imaginada onipotencia. A ideia de que o pai surra áquele menino odiado, será, pois, muito agradavel e surgirá independentemente do fato de haver ou não

presenciado tal acontecimento. Tal idéia significava: O pai não quer a este outro filho, só me quer a mim.

Este é, portanto, o conteudo e o sentido da fantasia de flagelação em sua primeira fase. A fantasia satisfáz plenamente os ciumes da criança e depende diretamente de sua vida erótica, porém, é apoiada tambem, com grande energia, por seus interesses egoistas. Não poderemos, pois, resolver-nos a considerá-la puramente sexual, nem nos atreveremos tãopouco a qualificá-la, decididamente, de sádica. Os caracteres nos quais estamos acostumados a estabelecer nossas diferenciações, vão fazendo-se mais velados conforme nos acercamos de sua origem. Assim, pois, podemos parafrazear o prognostico das « tres irmãs do destino » de Banquo, e dizer com respeito a estas fantasias: Não são, desde o inicio, sexuais, nem tãopouco sádicas, porém, constituem o sinal de que serão ambas as cousas para o futuro. Ao contrario, nada nos faz suspeitar que já esta primeira fase de fantasia provoca uma excitação que ha de ser derivada num ato onanista.

Nesta prematura escolha do objeto do amôr incéstuoso alcança claramente a vida sexual da criança o gráu da organização social, circunstancia que torna desde logo, mais facil comprovar o fato nos meninos, porém, que nas meninas pode dar lugar a grandes duvidas. A tendencia libidinosa infantil aparece, com efeito, dominada por uma suspeita dos fins sexuais ulteriores, definitivos e normais. Podemos interrogar assom-

brados, a causa de uma tal particularidade, porém temos de aceitar como prova o fato de os orgãos genitais iniciarem já nesta época sua intervenção no processo da excitação. O desejo de ter um filho com a mãe, não falta jamais no menino e o de conceber um filho com o pai, é constante nas meninas; tudo isso apesar de uma completa incapacidade para conceber o caminho que pode levar á realização de tais desejos. A criança parece suspeitar que os orgãos genitais têm nisso alguma intervenção, ainda que sua atividade de investigação, pode buscar a excencia da intimidade pressuposta entre os pais, em outras relações distintas, tais como a de dormir juntos, a de orinar ao mesmo tempo, etc., representações mais faceis de apreender em conceitos verbais, do que a obscura suspeita relativa aos orgãos genitais.

Não tarda, porém, em chegar á época em que esses longinquos brótos sexuais desaparecem. Nenhum desses enamoramentos incéstuosos escapa á fatalidade do recalcamento. Sucumbem a ele, por causas externas, facilmente comprovaveis, que provocarão uma decepção — ofensas inesperadas, o nascimento de um irmãozinho, considerado como uma infidelidade, etc. —, ou por motivos internos, ou simplesmente por fazer-se esperar demasiado o cumprimento do desejo. Desde logo, porém, a causa eficiente não se procurará em nada disto, sendo de supor que tais relações amorosas se acham destinadas a sucumbir mais tarde, sem que possamos dizer a que. O mais verosimil é que se extinguiram lentamente, porque passa sua

epoca, e porque as crianças entram numa nova fase de evolução, na qual se vêm forçadas a repetir o recalcamento da escolha do objeto incestuoso da historia da humanidade, como antes se viram impelidos a realizar tal escolha de objeto (recorde-se o destino na lenda de Édipo). Aquilo que persiste no inconciente como resultado psiquico dos impulsos eróticos incestuosos, não é colhido pela conciencia da nova fase, e o que já se havia tornado conciente, é expulso novamente da conciencia. Simultaneamente a este processo de recalcamento, surge uma conciencia de culpa, tambem de origem desconhecida, porém relacionada indubitavelmente á aqueles desejos incestuosos e justificada pela persistencia dos mesmos no inconciente.

A fantasia da época erótica incestuosa dizia: Ele (o pai) quer só a mim e não ao outro filho, posto que o surre. A conciencia de culpa não encontra castigo mais severo que a inversão desse triunfo: «Não, não te quer, pois te surra». Deste modo, a fantasia da segunda fase, na qual o proprio indivíduo é castigado pelo pai, chega a ser expressão direta da conciencia de culpa, á qual sucumbe então o amor ao pai. Tornou-se pois masoquista. Que eu saiba, é este um fato constante; a conciencia de culpa é sempre o fator que transforma o sadismo em masoquismo. Porém, não é este, certamente, todo o conteudo do masoquismo. A conciencia de culpa não pode ser o unico elemento suficiente; compartilhará o dominio com as tendencias eróticas. Recordemos que

se trata de crianças nas quais o componente sádico pode surgir de modo prematuro e isolado, por causas constitucionais. Não necessitamos abandonar esse ponto de vista; precisamente nessas crianças, torna-se muito facil uma regressão á organização prégenital sádico-anal da vida sexual. Quando a organização genital apenas alcançada, sucumbe ao recalcamento, não surgem, como consequencia unica, todos os elementos psiquicos representativos do amôr incestuoso para se tornarem ou permanecerem inconcientes. Acontece tambem, que a mesma organização genital sofre uma degradação regressiva. A ideia: o pai me ama — teria um sentido genital; a regressão a transforma no seguinte: o pai me surra (ou sou surrado por meu pai). Este «ser surrado» constitue uma confluencia de culpa com o erotismo; não é só o castigo da relação genital proíbida, mas tambem sua substituição agressiva, e desta ultima fonte tira a excitação libidinosa que desde então unida a ela, buscará uma descarga em atos onanistas. Esta, porém, é já a essencia do masoquismo.

A fantasia da segunda fase, na qual a pessoa é surrada pelo pai, permanece, em geral, inconciente, provavelmente como consequencia da intensidade do recalcamento. Não posso indicar porque num dos meus seis casos (um masculino) era recordada concientemente. Este homem, já em plena idade madura, tinha conservado, com toda a clareza, na conciencia, a lembrança de haver utilizado para fins onanistas, a representação de ser surrado pela mãe, si bem que esta ultima foi

em breve substituida, em tais fantasias, pelas mães de alguns de seus condiscipulos ou por outras mulheres quaisquer, que apresentavam alguma semelhança com ela. Não se deve olvidar, que ao transformar-se as fantasias incestuosas das meninas nas fantasias masoquistas correspondentes, tem lugar uma inversão, mais frequente que no caso das meninas, inversão que consiste na substituição da atividade pela passividade, e que esta maior quantidade de deformação, pode, aliás, evitar á fantasia a permanencia no inconciente como resultado do recalcamento. Á conciencia de culpa teria bastado, portanto, a regressão no lugar do recalcamento. Nos casos femininos, a conciencia de culpa, mas exigente aliás, só ficaria satisfeita com a ação congenita de ambos os fenomenos.

Nos meus quatro casos femininos, a fantasia masoquista de flagelação constituirá a base de uma serie de sonhos diurnos, muito importantes na vida dos interessados, aos quais correspondem a função de tornar possivel um sentimento de excitação satisfeita, renunciando ainda ao ato onanista. Num desses casos a fantasia de ser surrado pelo pai podia arriscar-se ainda a surgir na conciencia, sob a condição de que o proprio Ego aparecesse irreconhecivelmente disfarçado. O heroi dessas historias era, regularmente, maltratado pelo pai e, mais tarde, castigado, humilhado, etc.

Repetiremos, entretanto, que, em geral, a fantasia permanece inconciente e tem de ser reconstituida na analise. Isso dá, aliás, razão á aqueles clientes que acreditam ter o onanismo sur-

giu neles anterior á fantasia da flagelação da terceira fase, da qual vamos ocupar-nos, em breve. Esta fantasia se terá agregado, mais tarde, ao onanismo, sob a impressão de cenas escolares. Quantas vezes damos credito a esta informação, nos inclinamos a supor que o onanismo se achava, a principio, sob o imperio da fantasia inconciente, substituida depois pela conciente.

Como tal substituição interpretamos, pois, a fantasia de flagelação da terceira fase, ou seja a estrutura definitiva da mesma, na qual a criança imaginada, aparece, apenas, como espectador, conservando-se nela o pai, representado pela pessoa de um mestre ou outro superior qualquer. A fantasia, analoga agora á aquela da primeira fáse, parece ter voltado a adquirir o carater sádico. Aparece-nos como si na frase: o pai surra a outros meninos e não quer a ninguem mais que a mim, tivesse retrocedido o acento á primeira parte, depois de ter sucumbido a segunda ao recalcamento. Apenas a forma desta fantasia é sádica; a satisfação dela extraída é masoquista; sua significação está em ter tomado a carga libidinosa da parte reprimida, e com ela, tambem o sentimento de culpa concomitante ao conteudo. Todos os meninos desconhecidos castigados pelo mestre, são apenas substitutos da propria pessoa.

Tambem aqui se mostra, pela primeira vêz, algo como uma constancia do sexo dos personagens da fantasia. As crianças castigadas são, quasi sempre, do sexo masculino, tanto na fantasia dos meninos como no das meninas. Esta particularidade

não se explica entretanto por uma ocurrencia eventual dos sexos, pois na fantasia dos meninos, seriam meninas as maltratadas, nada teriam a ver com o sexo da criança odiada na primeira fase, mas indicariam o desenvolvimento de um complicado fenomeno nas meninas. Quando estas se afastam do amor incestuoso de sentido genital, ao pai, rompem, em geral, facilmente, com sua feminilidade, reanimam seu «complexo de masculinidade» (van Ophuysen) e abrigam, a partir desse momento, o desejo de ser homem. Daí serem tambem meninos os representantes de sua propria personalidade nas fantasias. Nos casos de sonhos diurnos antes citados, os protagonistas eram sempre rapazes, não aparecendo, a principio, em tais creações, mulher alguma, e sim, ao cabo de muitos anos e como personagens secundarias.

V

Espero ter exposto meus resultados analiticos com bastante detalhes. Só terei de acrescentar, que os seis casos mencionados não constituem todo meu material, pois disponho, como tambem outros analistas, de um numero muito maior de casos, menos detidamente investigados. Estas observações podem ser utilizadas, para fins diferentes, e, sobretudo, para a investigação da genese das perversões, especialmente do masoquimo, e, para o estudo da intervenção da diferença sexual na dinamica das neuroses.

O primeiro resultado de nosso estudo se refere á genese das perversões. Não temos razões para mudar a nossa hipotese, que atribue, nesse ponto, maxima importancia á intensificação constitucional ou á antecipação de um componente sexual; porém, não está dito tudo. A perversão não aparece isolada na vida sexual da criança, mas é acolhida no conjunto dos fenomenos tipicos — para não dizer normais — que já conhecemos. Fica relacionada com o amor objetivado incestuoso da criança, com seu complexo de Édipo, surge por sua vêz primeiro baseado nesse complexo e a sua desaparição fica subsistente como resto unico do mesmo, muitas vezes, como legado de sua carga libidinosa e sustentaculo da conciencia de culpa a êle aderida. Por ultimo, a constituição sexual anormal mostrou sua energia impondo ao complexo de Édipo uma orientação especial e obrigando-o a subsistir num fenomeno residual desacostumado.

Como é sabido, a perversão infantil pode constituir a base do desenvolvimento de uma perversão de igual sentido, que persiste através toda a existencia do indivíduo e traga completamente sua vida sexual, e, pelo contrario, pode ser interrompida e permanecer no fundo de um desenvolvimento sexual normal, ao qual roubará, de qualquer modo uma certa quantidade de energia. O primeiro caso era já conhecido na época pré-analitica; porém, o abismo aberto entre ambos, foi explorado, por completo, pela investigação analitica de tais perversões completamente des-

envolvidas. Achamos, com efeito, com bastante frequencia, que esses pervertidos experimentaram tambem, em geral, na época da puberdade, uma tendencia á atividade sexual normal. Porém, a tendencia não fora bastante energica, e foi abandonada ante os primeiros obstaculos, sempre presentes, retrocedendo então, o indivíduo, definitivamente, á fixação infantil.

Naturalmente, seria muito importante saber si a genese das perversões infantis pode derivar-se, de um modo geral, do complexo de Édipo. Não nos parece impossivel, mas para chegar a tal afirmação seriam precisas ulteriores investigações. Si recordamos as anamnesias encontradas em adultos pervertidos, observamos que a impressão decisiva, a «primeira experiencia» de todos esses pervertidos, fetichistas, etc., não é situada quasi nunca, por eles, em época anterior aos seis anos. Porém, nessa época, desapareceu já o complexo de Édipo. O acontecimento lembrado, de uma enigmatica eficiencia, poderia constituir muito bem uma supervivencia do mesmo. As relações entre êle e o complexo, já reprimidas, têm que permanecer na obscuridade, pois a analise não chega a esclarecer a época anterior á primeira impressão «patógena». Teremos que pensar quão pouco valor tem, por exemplo, a afirmação de uma homosexualidade congénita apoiada na circunstancia de que a pessoa interessada sentiu já, antes dos oito ou dos seis anos, uma inclinação para pessoas de seu proprio sexo.

Porém, si se torna possivel derivar, em geral, as perversões do complexo de Édipo, nossas hipoteses sobre o mesmo ficaram novamente robustecidas. Opinamos, com efeito, que o complexo de Édipo, é o verdadeiro nódulo da neurose, e a sexualidade infantil que nele culmina, a verdadeira condição, e afirmamos que os residuos subsistentes dele no inconciente representam a disposição para uma aquisição posterior, pelo adulto, da enfermidade neurótica. A fantasia de flagelação e outras fixações perversas analogas seriam tambem, então, residuos do complexo de Édipo, cicatrizes deixadas pela evolução do fenomeno, do mesmo modo que o sentimento de «inferioridade» corresponde a uma tal cicatriz narcisista. Nessa hipotese temos que aceitar, sem reserva alguma, a hipotese de Marcinowski, com tanta felicidade exposta por êle em um recente estudo (As fontes eróticas do sentimento de inferioridade, 1918). Esta mania de inferioridade dos neuróticos é perfeitamente compativel com uma exagerada estima da propria pessoa, procedente de outras fontes. Sobre a origem do proprio complexo de Édipo, como o destino exclusivamente reservado ao homem entre todos os seres, de ter que começar duas vezes a vida sexual, primeiramente, como todas as demais criaturas, nos primordios da infancia, e, outra vêz, depois de uma larga interrupção, na época da puberdade, e sobretudo aquilo que se relaciona com a sua «herança arcaica», manifestei já minhas opiniões e não as exporei, novamente, aqui.

O exame de nossas fantasias de flagelação não nos traz dados sobre a genese do masoquismo. Parece confirmar-se, antes de tudo, que o masoquismo não é uma manifestação instintiva primaria, mas que nasce de um retorno do sadismo contra a propria pessoa, ou seja por regressão do objeto ao Ego ([1]). Temos de aceitar desde logo, e, sobretudo na mulher, a existencia de instintos de finalidade passiva, porém, a passividade não constitue todo o masoquismo. Ha de juntar-se ainda seu carater displicente, tão singular na satisfação do mesmo. A transformação do sadismo em masoquismo, parece ser um produto do influxo da conciencia de culpa que colabora no recalcamento. Este ultimo se manifesta aqui, em tres efeitos diferentes: impele ao inconciente os resultados da organização genital, impõe á mesma uma regressão á fase anterior sadico-anal e transforma seu sadismo em masoquismo passivo e de certa maneira, novamente narcisista. O segundo desses tres resultados se torna possivel pela debilidade que temos de atribuir á organização genital nestes casos; o terceiro se torna necessario porque a conciencia de culpa, sente ante o sadismo a mesma repugnancia que ante a escolha do objeto incestuoso de sentido genital. As analises não dizem donde procede a conciencia de culpa. Ao aparecer, é trazida pela nova fase em que entra a criança, e quando persiste a partir dela, parece corresponder a uma cicatrização analoga á constituida pela sentimento de

([1]) Cf. « Metapsicologia ».

inferioridade. De acordo com a nossa orientação, ainda insegura, na estrutura do Ego, o odiado é aquela instancia que se opõe, em qualidade de conciencia critica, ao resto do Ego, originando, no sonho, o fenomeno funcional de Siberer e segregando-se do Ego na mania de consideração.

De passagem, faremos constar tambem que a analise da perversão infantil aqui estudada, nos ajuda, por si mesmo, a resolver um antigo enigma, que desde cedo, preocupou muito mais que aos analistas, aos investigadores alheios á analise. Recentemente ainda, o mesmo E. Bleuler declarou singular e inexplicavel que os neuróticos situem o onanismo no centro de sua conciencia de culpa. Por nosso lado, suspeitamos sempre que esta conciencia de culpa se referia ao primitivo onanismo infantil e não ao onanismo da puberdade, e que na sua maior parte, devia relacionar-se, não ao ato onanista, mas á fantasia subjacente, inconciente e emanada do complexo de Édipo.

Indicamos já, qual é a significação que adquire a terceira fase, aparentemente sádica, da fantasia de flagelação, como sustentaculo da excitação que impôs o onanismo e qual a atividade imaginativa que costuma provocar, em parte, como continuação orientada em sentido igual, e, em parte, como compensação; porém, a fase mais importante é a segunda, inconciente e masoquista, na qual a fantasia apresenta, como conteudo, a flagelação da pessoa por seu pai. Não só continua atuando através a seguinte, mas a subs-

titue; podemos assinalar tambem determinadas influencias exercidas por ela sobre o carater e derivadas diretamente de seu conteudo inconciente. Aqueles homens que trazem em si tal fantasia, desenvolvem uma susceptibilidade especial contra as pessoas que podem ser incluidas na serie paterna. Consideram-se ofendidos por elas ao menor pretesto e transferem assim, á realidade, a situação imaginada de ser castigada pelo pai, para seu maior dano e vergonha. Não me admiraria descobrir nesta mesma fantasia a base da mania paranoica de questionar.

VI

Nossa descrição das fantasias de flagelação infantis teria ficado muito intrincada si não a houvessemos limitado ás observações efetuadas em pessoas do sexo feminino. De qualquer modo repetiremos em resumo os resultados: a fantasia de flagelação forjada pela menina passa por tres fases, das quais, a primeira e a ultima, são lembradas concientemente, permanecendo, ao contrario, inconciente a segunda. As duas fases concientes parecem ser de natureza sádica e a intermediária, inconciente, de indubitavel natureza masoquista. Seu conteudo, é o ser castigado pelo pai, ligando-se a ele uma carga libidinosa e uma conciencia de culpa. A criança surrada é, nas duas primeiras fantasias, sempre distinta da propria pessoa, e na intermediaria, é objeto da fantasia a propria pessoa. Na terceira fase, conciente, são,

em geral, meninos, os maltratados. A pessoa que maltrata a criança é, a principio, o pai, substituido em breve por um subrogado pertencente á serie paterna. A fantasia inconciente da fase intermediaria teria, originariamente, uma significação genital e surgiria por recalcamento e regressão do desejo incestuoso de ser amada pelo pai. Acrescentaria a isto, uma relação menos intima, o fato de as meninas imaginarem mudar de sexo, entre a segunda e a terceira fase, julgando-se meninos.

Meu conhecimento das fantasias de flagelação dos meninos é muito menor, aliás sómente por condições desfavoraveis do material. Naturalmente, esperavamos achar, nos meninos, fenomenos analogos em tudo aos descobertos nas meninas, com a unica diferença de ficar substituida, na fantasia, o pai pela mãe. Esta suposição pareceu confirmar-se, pois a fantasia suposta correspondente, do menino, teria tambem como argumento o de ser surrado pela mãe (e mais tarde por um subrogado seu). Esta fantasia, porém, em que aparecia como protagonista a propria pessoa do paciente, se diferençava das fantasias femininas da segunda fase em poder fazer-se conciente. Mas se pendessemos em igualá-la á terceira fase das fantasias infantis, surgiria uma nova diferença, consistente em que a pessoa do paciente não aparecia substituida por diversas meninas indeterminadas. Nossa hipotese de completo paralelismo não teve pois confirmação.

Meu material masculino compreendia apenas muito poucos casos de indivíduos com fantasias

infantis de flagelação, porém, isentas de outros graves desvios da atividade sexual, integrando, ao contrario, u'a maior quantidade de pessoas que deviam ser consideradas masoquistas propriamente ditas, no sentido da perversão sexual. Tratava-se de indivíduos que só encontravam sua satisfação sexual no onamismo simultaneo á fantasia masoquista ou que haviam logrado ajustar o masoquismo e a atividade genital, de forma tal, que dada uma situação masoquista conseguiam a ereção e a ejaculação ou se tornavam capazes de realizar o coito normal. Entre outros casos, havia um, mais raro, em que a atividade pervertida do indivíduo masoquista ficava perturbada pela emergencia de representações obsidentes intoleravelmente intensas. Aqueles pervertidos que encontram uma completa satisfação em suas perversões, só raramente possuem um motivo para submeter-se á analise; porém, os tres grupos de masoquistas antes citados, podem encontrar motivos coercitivos para procurar o analista. O onanista masoquista encontra-se totalmente impotente quando tenta alguma vêz o coito com u'a mulher, e aqueles que conseguem realizá-lo, durante um tempo mais ou menos longo, com a ajuda de uma representação ou uma situação masoquista, podem comprovar desde logo que esta comoda aliança lhes falha por completo, pois os orgãos genitais reagem ao estimulo masoquista. Estamos acostumados a prometer confiadamente aos indivíduos acometidos de impotencia psiquica que se nos dirigem, uma cura eficaz, mas, na reali-

dade deviamos ser mais prudentes neste prognostico, enquanto não é conhecida a dinamica da perturbação. Ficamos, com efeito, desagradavelmente surpresos, quando a analise nos revela a causa da impotencia «puramente psiquica» numa refinada atitude masoquistica, fundamente arraigada, aliás, ha muito.

Nesses indivíduos masoquistas realizamos uma descoberta, que nos incita a não prosseguí-la, no momento, que está na sua analogia com os fenomenos femininos e nos leva a estudar independentemente seu caso. Resulta, com efeito, que tanto em suas fantasias masoquistas, como nas situações creadas por eles para transportar tais fantasias á realidade, atribuem-se, regularmente, o papel de mulher, de maneira que seu masoquismo coincide com uma atitude feminina. Esta particularidade se torna facil comprovar nos detalhes das fantasias; porém, alguns clientes, têm conciencia dela e a confessam com inteira segurança objetiva. Esta circunstancia não fica alterada pelo fato de a cena masoquista ter como argumento o castigo aplicado por suas faltas a um menino, a um criado, a um aprendiz. As pessoas que desempenham na fantasia um papel ativo, são sempre mulheres, do mesmo modo que nas situações creadas para transferir á realidade tais fantasias. Este fato torna-se um tanto desconcertante e nos leva a perguntar, si já o masoquismo da fantasia infantil de flagelação não se baseará tambem sobre uma atitude feminina.

Deixemos, pois, os fatos dificilmente explicaveis do masoquismo dos adultos e voltemos nossa atenção ás fantasias infantis de flagelação imaginadas por sujeitos do sexo masculino. A analise da mais longinqua época infantil nos oferece, de novo, uma surpreendente descoberta. A fantasia conciente ou capaz de se tornar conciente que tem por conteudo o ser surrado pela mãe, não é primaria. Tem um estadio preliminar, constantemente inconciente, e cujo conteudo é como segue: Sou surrado por meu pai. Assim, pois, esse estadio preliminar corresponde realmente á segunda fase da fantasia na menina. A fantasia conciente na qual o indivíduo é surrado pela mãe ocupa um lugar na terceira fase feminina, na qual, como já indicamos, os objetos castigados são meninos desconhecidos. Ao contrario, não me foi possivel achar um estadio preliminar de natureza sádica comparavel á primeira fase feminina, porém, não quero negar de todo a possibilidade de sua existencia, pois suspeito ser possivel existir tipos ainda mais complicados.

O «ser esbordoado» da fantasia infantil é tambem um «ser amado» degradado por regressão, no sentido genital. Assim, o conteudo da fantasia masculina inconciente não foi: eu sou surrado por meu pai, como afirmamos antes, provisoriamente, mas: eu sou amado por meu pai. Os fenomenos que já conhecemos a transformaram na fantasia conciente em: eu sou surrado por minha mãe. Deste modo a fantasia de flagelação da criança é, a principio, passiva, e surge,

realmente, da atitude feminina (a da menina), ao complexo de Édipo; porém, o paralelismo por nós esperado entre ambas fica substituido por um fato comum de outro genero: a fantasia de flagelação deriva, em ambos os casos, da ligação incestuosa ao pai.

Conseguiremos maior clareza em nossa exposição expondo aqui as demais coincidencias e divergencias entre as fantasias de flagelação de ambos os sexos. Na menina, a fantasia inconciente masoquista parte da atitude normal, produzida pelo complexo de Édipo; no menino, da atitude inversa, que toma o pai como objeto erotico. Na menina, a fantasia apresenta uma fase preliminar (a primeira fase), na qual os castigos surgem com uma significação indiferente e recaem sobre uma pessoa odiada por ciumes. Ambas as circunstancia faltam no menino, si bem que seja ainda possivel que uma observação mais feliz consiga anular estas diferenças. Na transição para a fantasia conciente substitutiva, a menina conserva a pessoa do pai, e, com ela, o sexo da pessoa que exerce ação ativa; ao contrario, varia a pessoa do pai e, com ela, o sexo da pessoa castigada e o sexo do protagonista ativo da fantasia, substituindo o pai pela mãe, e conserva sua propria pessoa, de forma que, no fim, a pessoa que esbordoa e a que recebe os golpes são de sexo diferente. Na menina, a situação masoquista (passiva) originaria, é transformada pelo recalcamento, numa situação sádica, cujo carater sexual aparece muito apagado; no menino conserva o

carater masoquista e mantem, consequentemente, a diferença de sexo entre flagelador e flagelado, u'a maior analogia com a fantasia originaria de sentido genital. O menino escapa á sua homosexualidade pelo recalcamento e transformação da fantasia inconciente; o mais estranho de sua fantasia, posteriormente conciente, é apresentar uma atitude feminina sem uma escolha homosexual do objeto. Ao contario, a menina, evita, por completo, no mesmo fenomeno, as exigencias da vida erotica; imagina ser homem, ainda mesmo sem desenvolver atividade alguma masculina, e se limita a presenciar, como simples expectadora, aquele ato, substitutivo de outro sexual.

Não é arriscado supor, que o recalcamento da fantasia primitiva conciente, não provoca grandes alterações. Todo recalcado e substituido para a conciencia é conservado no inconciente e não perde sua capacidade eficiente. Não se dá, porém, o mesmo, com a fase mais primitiva da organização sexual. Temos de supor que tambem modifica as condições do inconciente, de modo que depois do recalcamento, e tantos nos indivíduos do sexo masculino como nos do feminino, a fantasia masoquista de ser surrado pelo pai, perdura no inconciente. Não faltam tambem indicios do que o recalcamento para o inconciente conseguiu apenas muito imperfeitamente suas intenções. O menino, que procurava afastar a escolha homosexual do objeto e que não trocou de sexo, sente-se, entretanto, mulher, em suas fantasias, e adorna á mulher flageladora de atributos e qua-

lidades masculinas. A menina que renunciou a seu sexo e realizou, em geral, um trabalho recalcador fundamental, não se liberta, aliás, do pai, e não se atreve a adotar na flagelação, o papel ativo, e como se convertem em menino, fazem com que sejam meninos, quasi sempre, os objetos de sua flagelação.

Sei perfeitamente que as diferenças indicadas entre as fantasias de flagelação dos meninos e meninas, não ficaram suficientemente claras, porém, não empreendo a tentativa de esclarecer essas complicações, investigando os fatores dos quais dependem, porque não julgo tambem suficiente o material de observações até agora reunido. Quero, porém, aproveitar este material para a constatação de duas teorias opostas entre si, e que se referem ambas á relação do recalcamento com o carater sexual, considerando-as, cada uma, no seu sentido, insuficientes.

A primeira dessas teorias é anonima. Foi-me exposta, ha muitos anos, por um colega a quem estava então ligado por laços de amizade. Sua simplicidade se torna tão atrativa, que perguntamos, assombrados, como não conquistou ainda o publico senão em ligeiras indicações isoladas. Apoia-se na constituição bisexual dos indivíduos humanos e afirma que a luta dos caracteres sexuais é, em todos e em cada um deles, a causa do recalcamento. O sexo mais fortemente desenvolvido, predominante na pessoa, teria recalcado e reprimido para o inconciente os elementos animicos representativos do sexo subjugado. O nó-

dulo do inconciente, o reprimido, seria, pois, em todo indivíduo a parte do sexo contraria integrada nele. Tudo isso só adquire um sentido si consideramos determinado o sexo de um indivíduo pela estrutura de seus orgãos genitais, pois, não ficará dificil precisar qual o sexo predominante em um ser humano e corremos o perigo de derivar, precisamente, da investigação, aquele que devia constituir seu ponto de apoio. Concretamente: No homem, o inconciente, recalcado, é formado por seus impulsos instintivos femininos, e pelos masculinos na mulher.

A segunda teoria é de origem mais recente. Coincide com a primeira em considerar tambem decisiva para o recalcamento, a luta dos sexos. Porém, no demais é oposta a ela. Não utiliza principios biologicos, mas sociologicos. Na teoria do «protesto masculino» formulada por Alfredo Adler afirma-se que todo o indivíduo resiste a permanecer na «linha feminina», inferior, e, tende, para a linha masculina, unica satisfação. Porém este «protesto masculino», explica Adler, em geral, serve tanto á formação das neuroses como á do carater. Infelizmente, Adler estabelece tão poucas separações entre ambos os fenomenos, liga tão pouca importancia ao recalcamento, que se corre o perigo de cair em erro, ao querer aplicar á regressão a teoria do protesto masculino. A meu ver, o resultado desta tentativa seria o de achar, como causa do recalcamento, a tendencia a abandonar a linha feminina. O recalcamento seria, pois, sempre, um impulso instintivo masculino, e o re-

calcado, um impulso feminino da mesma ordem. Tambem o sintoma seria o resultado de um impulso feminino, pois não podemos deixar de considerá-lo como uma substituição do reprimido, emergente apesar do recalcamento.

Comparemos agora as duas teorias, coincidentes, por assim dizer, em uma sexualização do fenomeno do recalcamento, no exemplo da fantasia de flagelação aqui estudada. A fantasiá primitiva: Eu sou castigado pela pai — corresponde, no menino, a uma atitude feminina, sendo, portanto, uma manifestação de sua disposição sexual oposta. Si esta disposição sucumbe ao recalcamento, estará certa a primeira teoria que faz coincidir o pertencente ao sexo contrario, com o recalcado. Não corresponde, portanto, a nossas previsões, o fato de que aquilo que surge uma vez efetuado o recalcamento, isto é, a fantasia conciente, mostra de novo, a atitude feminina, ainda que, referida agora á mãe. Não queremos, porém, examinar as duvidas, quando temos tão perto a decisão: A fantasia primitiva das meninas: sou castigada (ou amada) por meu pai corresponde, desde logo, como atitude feminina, ao sexo predominante e manifesto nelas, e deveria portanto, escapar ao recalcamcento, não havendo razão para se tornar inconciente. Na realidade, porém, é recalcada e substituida, por uma fantasia conciente, que nega o carater sexual predominante. Esta teoria é, pois, inaproveitavel para a compreensão das fantasias de flagelação e é repelida por elas. Poderia objetar-se que os in-

divíduos que forjam essas fantasias são meninos afeminados, e meninas masculinisadas, ou atribuir a um traço feminino do menino a genese da fantasia passiva e a um traço masculino da menina, seu recalcamento. Provavelmente aceitariamas uma tal explicação, porém, não obstante, a relação estabelecida entre o carater sexual manifesto e a seleção do destinado ao recalcamento, continuaria sendo insustentavel. No fundo, vemos apenas que tanto nos indivíduos do sexo masculino como nos do feminino, surgem ao mesmo tempo, impulsos masculinos e femininos, que podem, igualmente, ser levadas ao inconciente, pelo recalcamento.

A teoria do protesto masculino parece resistir melhor ao contraste com as fantasias de flagelação. Tanto no menino, como na menina, corresponde esta fantasia a uma atimude feminina, ou seja a uma permanencia na linha feminina, e os dois sexos se apressam a libertar-se dessa atitude pela repressão. De qualquer modo, o protesto masculino, não parece alcançar um exito completo senão nas meninas, nas quais, se nos oferece, aqui, um exemplo ideal da ação do protesto masculino. Nos meninos, o resultado não é completamente satisfatorio, pois não é abandonada a linha feminina. Reconhecemos, pois, de acordo com as consequencias deduzidas da teoria, nesta fantasia, um sintoma gerado do fracasso do protesto masculino. Não estorva, entretanto, em parte, o fato de que a fantasia da menina, nascida do recalcamento, mostre tambem o valor e a sig-

nificação de um sintoma. Neste caso em que o protesto masculino conseguiu completamente sua intenção, devia faltar toda a possibilidade de produção de sintomas.

Antes de derivar desta dificuldade a suspeita de que a teoria do protesto masculino é inaplicavel aos problemas da neurose e ás perversões, não prestaremos mais atenção ás fantasias de flagelação, para orientá-la para outras manifestações instintivas da vida sexual infantil, que tambem sucumbem ao recalcamento. É indubitavel que tambem existem desejos e fantasias que conservam, a principio, a linha masculina e são manifestações de impulsos instintivos masculinos, por exemplo, os impulsos sádicos, ou os desejos do menino com relação a sua mãe, surgidos do complexo de Édipo, normal. É igualmente sem duvida, que tambem esses impulsos sucumbem ao recalcamento. Pois bem; si o protesto masculino pode explicar, satisfatoriamente o recalcamento das fantasias passivas, em breve, masoquistos, êle mesmo a torna inaproveitavel para o caso inverso, das fantasias ativas. Ou o que é o mesmo: A teoria do protesto masculino é inconciliavel com o fato do recalcamento. Só quem está disposto a repelir todas as conquistas psicologicas conseguidas desde a primeira cura catartica de Breuer e as aquisições dela, pode esperar que o principio do protesto masculino adquira alguma significação na explicação das neuroses.

A teoria baseada na observação sustenta que as causas do recalcamento não devem ser sexuali-

zadas. A herança arcaica do homem, constitue o nódulo do inconciente animico, e tudo aquilo que no progresso constituia fases evolutivas ulteriores, será abandonado como inutil, incompativel com o novo ou prejudicial para êle, e sucumbe ao recalcamento. Esta relação se consegue num grupo de instintos, melhor que em outro. Os instintos sexuais que formam este ultimo, logram, por razões especiais, repetidamente assinaladas, malograr a intenção da resistencia e impor uma representação sua por meio de perturbadores produtos substitutivos. Por essa razão, a sexualidade infantil vencida pelo recalcamento é a principal força impulsora da formação dos sintomas, e o elemento principal de seu conteudo — O complexo de Édipo — o complexo nódular da neurose. Creio haver sugerido com o presente estudo, a possibilidade de derivar tambem do mesmo complexo, as aberrações sexuais, tanto da infancia como da idade adulta.

O PROBLEMA ECONOMICO DO MASOQUISMO.

1924.

O aparecimento da tendencia masoquista na vida instintiva humana, apresenta, do ponto de vista economico, um enigma singular. Com efeito, si o principio do prazer rege os processos psiquicos, de maneira tal o fim imediato dos mesmos é evitar o desprazer e a consecução do prazer, o masoquista ficará completamente incompreensivel. O fato de a dôr e o desprazer poder deixar de ser um mero sinal de alarma e constituir um fim, supõe uma paralização do principio do prazer: o guardião de nossa vida animica teria sido narcotisado.

O masoquismo, aparece-nos assim como um grave perigo, condição alheia ao sádismo, seu antagonista. No principio do prazer nos inclinamos a ver o guardião de nossa propria existencia e não só o de nossa vida animica. Se nos propomos pois, o trabalho de investigar a relação do principio do prazer com as duas ordens de instintos por nós diferenciados — os impulsos de morte e e os impulsos de vida, eróticos (libidinosos) — não nos será possivel continuar o estudo do pro-

blema masoquista antes de levar a cabo tal investigação.

Noutro lugar ([1]) apresentamos o principio que rege todos os fenomenos animicos como um caso especial da tendencia á estabilidade (Fechner) adscrevendo assim á ostentação animica a intenção de anular a quantidade de excitação á êle afluente ou, pelo menos, mantê-la em um nivel pouco elevado. Bárbara Low deu a esta suposta tendencia o nome de principio do nirvana, denominação que aceitamos. No primeiro momento, identificaremos este principio do nirvana com o principio do prazer-desprazer. Todo desprazer coincidiria, pois, com uma elevação, e todo prazer, com uma diminuição da excitação existente no animico, e, portanto, o principio do nirvana (e o principio do prazer que consideramos identico) aduaria, por completo, a serviço dos impulsos de morte, cujo fim é conduzir a vida instavel á estabilidade do estado inorganico, e, sua função seria a de prevenir contra as exigencias dos impulsos de vida da libido, que tentam perturbar uma tal marcha da vida. Esta hipotese, porém, não póde ser exata. Supor-se-á que na serie gradual das sensações de tensão, sentimos diretamente o aumento e a diminuição de uma quantidade, a que denominamos tensão de estimulo, ainda que, desde logo, apresentem uma estreita relação com este fator. Mas não parecem relacionar-se a esse fator quantitativo, mas a um certo carater do mesmo, de indubitavel

---

([1]) Veja-se o estudo «Além do principio do prazer».

natureza qualitativa. Teriamos progredido muito, em psicologia, si pudessemos indicar qual é este carater qualitativo. Que seja o ritmo, a ordem temporal das modificações, dos aumentos e diminuições da quantidade de estimulo. Não o sabemos, porém.

De qualquer modo, temos que observar que o principio do nirvana adscrito ao impulso de morte, sofreu, nos seres animados, uma modificação que os converteu no principio do prazer e daí por diante evitaremos confundir num só os dois principios. Não é dificil adivinhar, acompanhando a orientação que seguimos nestas reflexões, o que impôz tal modificação. Não póde ser sinão o impulso de vida, a libido que conquistou deste modo, seu posto, ao lado do impulso de morte na regulação dos fenomenos vitais. Oferece-se-nos, assim, uma serie de relações muito interessantes: o principio do nirvana exprime a tendencia do impulso de morte, o principio do prazer representa a aspiração da libido; e a modificação da realidade corresponde á influencia do mundo exterior.

Nenhum desses principios fica propriamente anulado pelos demais, e, em geral, coexistem os tres, harmonicamente, ainda que em certas ocasiões, surjam conflitos provocados pela diversidade de seus respectivos fins, a diminuição quantitativa da carga do estimulo, a constituição de um carater qualitativo do mesmo, o aplacamento temporal da carga de estimulos e a aceitação provisória da tensão desagradavel.

Todas essas reflexões culminam na conclusão de que não é possivel deixar de considerar o principio do prazer como guardião da vida.

Voltemos agora ao masoquismo, que se nos oferece á observação em tres formas distintas: como condição da excitação sexual, como uma manifestação da enfermidade e como uma norma da conduta vital. Correlativamente, podemos distinguir um masoquista erógeno, feminino e moral. O primeiro, o masoquismo erógeno, ou seja o prazer na dôr, constitue tambem a base das formas restantes; temos de atribuir-lhe causas biologicas e constitucionais e, permanecer á inesplicavel, se não nos arriscamos a formular algumas hipoteses sobre certos extremos, muito obscuros. A terceira forma do masoquismo, em certo sentido a mais importante, foi explicada recentemente, pela psicanalise, como uma conciencia de culpa, inconciente na maior parte dos casos, ficando completamente esclarecida e adscrita ás restantes descobertas analiticas. Porém, a forma mais acessivel á nossa observação é o masoquismo feminino, que nos apresenta grandes problema e de cujas relações obtemos logo uma clara visão de conjunto. Começaremos, pois por êle, nossa exposição.

Esta forma do masoquismo no homem (a que por razões dependentes de nosso material de observação, nos limitaremos) nos é suficientemente conhecida pelas fantasias dos indivíduos masoquistas (e impotentes, muitas vezes, por causa disso), cujas fantasias culminam em atos

onanistas, ou representam, por si só, uma satisfação sexual. Com estas fantasias coincidem logo, por completo, as situações reais creadas pelos pervertidos masoquistas, ora como fim, em si, ora como meio de conseguir a erecção e como introdução ao ato sexual. Em ambos os casos — as situações creadas são apenas a representação plastica das fantasias —, o conteudo manifesto consiste em que o indivíduo é amordaçado, amarrado, castigado, fustigado, maltratado numa forma qualquer, obrigado a uma odediencia incondicional, conspurcado ou humilhado. Muito mais raramente e só com grandes restrições, é incluida neste conteudo uma mutilação. A interpretação mais á mão e facil, é a de que o masoquista quer ser tratado como uma criança, inerme e sem a menor independencia, porém, especialmente como um menino máu. Creio desnecessaria uma exposição casuistica; o material é, muito homogeneo e acessivel a qualquer observador, inclusive aos não analistas. Pois bem; quando temos ocasião de estudar alguns casos nos quais as fantasias masoquistas passaram por uma eláboração muito grande, descobrimos, facilmente, que o indivíduo se encarna nelas e se transfere a uma situação caracteristica da feminilidade: ser castrado, suportar o coito ou parir. Por essa razão, classifiquei, a posteriori, de feminina esta forma do masoquismo, ainda que muito dos seus elementos nos orientem para a vida infantil. Adiante acharemos uma simples explicação desta superestruturação do infantil e do feminino. A

castração ou a perda do sentido da visão, que póde representá-la, simbolicamente, deixa muitas vezes seu vestigio negativo em tais fantasias, estabelecendo nelas a condição de que nem os orgãos genitais nem os olhos hão de sofrer mal algum. (De qualquer forma, os tormentos masoquistas não são jamais tão impressionantes como as crueldades imaginadas ou cenificadas do sádismo). No conteudo manifesto das fantasias masoquistas se manifesta tambem um sentimento de culpa ao supor-se que o indivíduo correspondente cometeu algum fato punivel (sem determinar qual) que será castigado com duras penas. Mostra se nos aqui, algo como uma racionalização superficial do conteudo masoquista; porém, atraz dela oculta-se uma relação com a masturbação infantil. Este fator de culpa conduz, por outro lado, á terceira fórma ou fórma moral do masoquismo.

O masoquismo feminino descrito, repousa, por completo, no masoquismo primario erógeno, o prazer na dôr, para cuja explicação, teremos que recuar muito nossas reflexões.

Em meus «Tres ensaios sobre uma teoria sexual», e no capitulo dedicado á origem da sexualidade infantil, afirmamos que a excitação sexual origina-se, como efeito secundario, de toda uma serie de fenomenos internos, enquanto a intensidade dos mesmos ultrapassa determinados limites quantitativos. Póde-se concluir inclusive, que todo fenomeno algo importante tráz algum componente á excitação do instinto sexual. Como

consequencia, tambem a excitação provocada pela dôr e o desprazer terá uma tal consequencia. Esta coexcitação libidinosa na tensão correspondente á dôr ou ao desprazer seria um mecanismo fisiologico infantil que desapareceria, em breve. Variável em importancia, segundo a constituição sexual do indivíduo, ministraria em todo caso a base sobre que se pode alçar mais tarde, como superestrutura psiquica, o masoquismo erógeno.

Esta explicação não satisfaz, pois não atira luz alguma sobre as relações intimas e regulares do masoquismo com o sadismo, sua antagonica na vida instintiva. Si retrocedemos ainda mais, até a hipotese das duas ordens de instintos que supomos atuar nos seres animados, descobriremos uma distinta derivação que não contradiz, entretanto, a anterior. A libido tropeça nos seres animados (pluricelulares) com o impulso da morte ou de destruição neles dominante, que tende a decompor esses seres celulares e a conduzir cada organismo elementar ao estado de estabilidade inorganica (ainda quando tal estabilidade seja apenas relativa). Compete-lhe pois o trabalho de tornar inofensivo este instinto destruidor, e o realiza, orientando-o, na sua maior parte, e com a ajuda de um sistema organico especial do sistema muscular, para fóra, contra os objetos do mundo exterior. Tomaria então o nome de instinto de destruição, instinto de apreensão ou vontade de poderio. Uma parte deste instinto é posto diretamente a serviço da função sexual, encarregada de executar um trabalho importantissimo. Este

é o sadismo propriamente dito. A outra parte não colabora para a exteriorização, continua no organismo e permanece fixa aí, libidinosamente, com ajuda da coexcitação sexual mencionada antes. Nela vemos o masoquismo primitivo erógeno.

Falta-nos, por completo, um conhecimento psicologico dos caminhos e meios empregados nesta subjegação dos impulsos de morte, pela libido. Analiticamente, só podemos supor que ambos os instintos se mesclam formando um amalgama de proporções muito variaveis. Não esperaremos, pois, achar impulsos de morte ou impulsos de vida, puros, mas combinações diferentes dos mesmos. A esta mistura dos instintos póde corresponder, em determinadas circunstancias, sua separação. Por agora não nos é possivel descobrir que parte dos impulsos de morte é a que escapa a tal subjugação, ligando-se a elementos libidinosos.

Ainda que sem completa exatidão, pode-se dizer que os impulsos de morte que atuam no organismo — o sadismo primitivo — são identicos aos do masoquismo. Uma vêz que sua parte principal fica orientada para o exterior e dirigida sobre os objetos, perdura no interior, como residuo seu, o masoquismo erógeno propriamente dito, que chegou a ser, por um lado, um componente da libido, porém, continua, do outro, tendo como objeto o proprio indivíduo.

Assim, pois, esse masoquismo seria um testemunho e uma sobrevivencia daquela fase de

formação em que se constituiu o amalgama entre os impulsos de morte e o Eros, fenomeno de importancia capital para a vida. Não nos admirará ouvir, portanto, que em determinadas circunstancias, o sadismo ou instinto de destruição orientado para o interior, ou introvertido novamente, voltando assim, por regressão, a uma situação anterior. Neste caso produzirá o masoquismo secundario, que se adiciona ao primitivo.

O masoquismo primitivo passa por todas as fases evolutivas da libido e apropria-se de seus diferentes aspétos psiquicos. O medo de ser devorado pelo animal totémico (o pai) provem da primitiva organização oral, o desejo de ser maltratado pelo pai, da fase sádico-anal imediata; a fase fálica da organização introduz, no conteudo das fantasias masoquistas, a castração, mais tarde excluida delas, e da organização genital definitiva se derivam, naturalmente, as situações femininas, caracteristicas, de ser sujeito passivo do coito e parir. Tambem explicamos facilmente o importante papel desempenhado no masoquismo por uma certa parte do corpo humano (as nadegas) pois é a parte do corpo erógenamente preferida na fase sadico-anal, como os seios na fase oral e o penis na fase genital.

A terceira forma do masoquismo, o masoquismo moral, torna-se singular, sobretudo, por mostrar uma relação muito menos estreita com a sexualidade. A todos os demais tormentos masoquistas se enlaça a condição de que provenham

da pessoa amada e sejam sofridos por ordem sua, limitação que falta no masoquismo moral. O que importa é o proprio sofrimento, ainda que não provenha do ser amado, mas de pessoas estranhas ou ainda de poderes e circunstancias indeterminados. O verdadeiro masoquismo oferece a face a toda possibilidade de receber um golpe. Nos inclinaremos, entretanto, a prescindir da libido na explicação desta conduta, limitando-nos a supor que o instinto de destruição foi novamente orientado para o interior e atua sobre o proprio Ego; temos que tomar em conta, porém, que os usos de linguagem deviam ter achado algum fundamento para não abandonar a relação desta norma de conduta com o erotismo e dar tambem a estes individuos que se martirizam, a si mesmo, o nome de masoquistas.

Fieis a uma tradição tecnica, nos ocuparemos, primeiramente, da fórma externa, indubitavelmente patologica, deste masoquismo. Já em outro lugar (2) expusemos que o tratamento analitico nos apresenta clientes cuja conduta contra a ação terapeutica nos obriga a descrever-lhes um sentimento «inconciente» de culpa. No mesmo trabalho, indicamos em que nos é possivel reconhecer tais pessoas («a reação terapeutica negativa») e não ocultam, tãopouco, que a energia de tais impulsos constitue uma das mais graves resistencias do indivíduo e o maior perigo para o resultado satisfatorio de nossos fins médicos e pedagogicos. A satisfação desse sentimento in-

(2) «O Ego e o Id».

conciente de culpa é, aliás, a situação mais vantajosa na «atuação da enfermidade» ou seja da soma de energias que se rebela contra a cura e não quer largar a enfermidade. Os sofrimentos que a neurose traz consigo constituem, precisamente, o fator que dá a esta enfermidade um alto valor para a tendencia masoquista. Fica tambem muito instrutivo comprovar que uma neurose que desafiou todos os esforços terapeuticos, póde desaparecer, contra todos os principios teóricos e contra tudo que era de esperar, uma vêz que o indivíduo contrái matrimonio que o faz desgraçado, perde sua fortuna ou contrái uma grave doença organica. Um sofrimento fica então substituido por outro e vemos que se tratava apenas de conservar uma certa quantidade de dôr.

O sentimento inconciente de culpa não é aceito facilmente pelos enfermos. Sabem, muito bem, em que tormento (remorsos) se manifesta um sentimento conciente de culpa e não podem, portanto, convencer-se de que abrigam no seu interior, movimentos analogos, dos quais nada percebem. A meu ver, destruiremos de certo modo tal objeção, renunciando ao nome «sentimento inconciente de culpa» e substituindo-o pelo de «necessidade de castigo». Não podemos, porém, prescindir de julgar e localisar este sentimento inconciente de culpa de acordo com o modelo do conciente. Atribuimos ao Super-Ego a função da conciencia moral e reconhecemos, na conciencia de culpa, a manifestação de uma diferença entre

o Ego e o Super-Ego. O Ego reage com sentimentos de angustia á percepção de haver permanecido muito inferior ás exigencias de seu ideal, o Super-Ego. Queremos saber agora, como o Super-Ego chegou a tal categoria e porque o Ego ha de sentir medo ao surgir uma disputa com o seu ideal.

Depois de indicar que o Ego tem por função unir e conciliar as exigencias das tres instancias a cujo serviço está, acrescentaremos que tem no Super-Ego, um modelo a aspirar. Este Super-Ego é tanto o representante do Ego, como o do mundo exterior. Nasceu pela introversão, no Ego, dos primeiros objetos dos impulsos libidinosos do Ego — o pai e a mãe — fenomenos que não ficaram dessexualizados e desviados dos fins sexuais diretos das relações do indivíduo com o par parental, tornando deste modo possivel, o subjugamento do complexo de Édipo. O Super-Ego conservou assim os caracteres essenciais das pessoas introvertidas, seu poder, seu rigor e sua inclinação á vigilancia e ao castigo. Como já indicamos em outro lugar (3) ha de supor-se que a separação dos instintos provocada por uma tal introversão no Ego, teve de intensificar seu rigor. O Super-Ego ou seja a conciencia moral que nele atua, pode pois, mostrar-se severo, cruel e implacavel contra o Ego por êle guardado. O imperativo categorico de Kant é, portanto, o herdeiro direto do complexo de Édipo.

---

(3) «O Ego e o Id».

Aquelas mesmas pessoas que continuam a ver no complexo de Édipo uma instancia moral depois de ter cessado de ser objeto dos impulsos do Id, pertencem tambem ao mundo exterior real. Foram tomadas deste ultimo, e seu poder, atrás do qual se ocultam todas as influencias do passado e da tradição, era u'a manifestação mais sensivel da realidade. Por causa desta coincidencia, o Super-Ego, substituição do complexo de Édipo, chega a ser tambem o representante do mundo exterior real, e deste modo o protótipo das aspirações do Ego.

O complexo de Édipo demonstra ser assim, como já o supunhamos, sob o ponto de vista historico. No decorrer da evolução infantil, que separa, paulatinamente, o indivíduo de seus pais, vai apagando-se a importancia pessoal dos mesmos em relação ao Super-Ego. Ás «imagens» restantes deste se agregam as influencias dos professores do indivíduo e das autoridades por êle admiradas, dos herois escolhidos por êle como modelos, pessoas que não necessitam já ser introvertidas pelo Ego, mais resistente já. A ultima figura desta serie iniciada pelos pais, é o destino, obscuro poder que só uma minoria limitada chega a apreender impessoalmente. Não encontramos grande cousa para opor ao poeta holandês Multatuli, quando substitue o *Μοιρα* dos gregos pelo equivalente, divino Λόγος χαι 'Λχυαγχη, porém, todos aqueles que atribuem a direção de todo acontecimento universal a Deus, ou a Deus e á Natureza, despertam a suspeita de que sentem to-

davia estes deveres tão extremos e longinquos como um par parental e se creem seguros a eles por ligamentos libidinosos. Em minha obra «O Ego e o Id» tentei derivar o medo real do homem, á morte, de uma tal concepção parental do destino. Parece-me muito dificil libertar-nos deles.

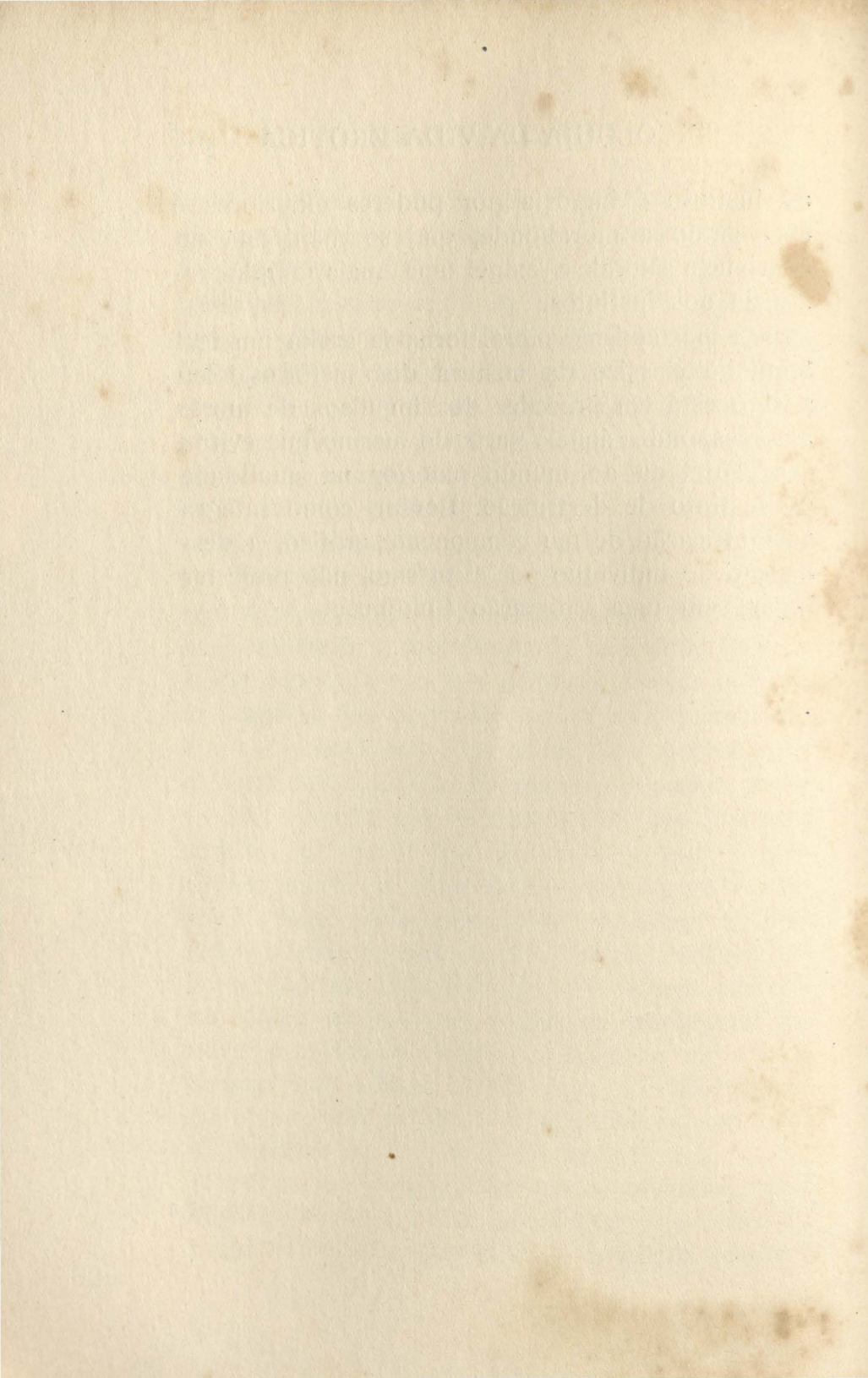
Depois das considerações preparatorias que precedem, podemos voltar ao exame do masoquismo moral. Diziamos que os indivíduos despertam, por sua conduta no tratamento e na vida, a impressão de achar-se excessivamente coagidos moralmente, encontrando-se sob o dominio de uma conciencia moral, singularmente sensivel, ainda que este «supermoral» não se torne conciente neles. Um exame mais detido, nos mostra a diferença que separa do masoquismo, tal continuação inconciente da moral. Nesta ultima, o acento recái sobre o intenso sadismo do Super-Ego, ao qual se submete o Ego; no masoquismo moral, o acento recái sobre o proprio masoquismo de Ego, que demanda castigo, seja por parte do Super-Ego, seja pelos poderes parentais extremos. Nossa confusão inicial é, sem embargo, excusavel, pois em ambos os casos, se trata de uma relação entre o Ego e o Super-Ego, ou poderes equivalentes a este ultimo e de uma necessidade satisfeita pelo castigo e pela dôr. Constitue, pois, uma circunstancia secundaria, quasi indiferente, o fato de o sadismo do Super-Ego se tornar, em geral, claramente conciente, enquanto que a tendencia masoquista do Ego per-

manece quasi sempre oculta á pessoa e só será deduzida de sua conduta.

A inconciencia do masoquismo moral nos leva a uma pista proxima. Podemos interpretar o «sentimento inconciente de culpa», como uma necessidade de castigo por parte de um poder parental. Já sabemos que o desejo de ser maltratado pelo pai, tão frequente nas fantasias, se acha muito proximo a entrar numa relação sexual passiva (feminina) com êle, sendo apenas uma deformação regressiva do mesmo. Aplicando esta explicação ao conteudo do masoquismo moral, este nos revelará seu sentido oculto. A conciencia moral e a moral nasceram da superação e dessexualização do complexo de Édipo; o masoquismo moral sexualiza de novo a moral, reanima o complexo de Édipo e provoca uma regressão da moral ao complexo de Édipo. Tudo isso não beneficia nem á moral nem ao indivíduo. Este pode ter conservado, ao lado do seu masoquismo, uma completa moralidade ou uma certa medida de moralidade; porém, pode tambem ter perdido, por causa do masoquismo, uma grande parte de sua conciencia moral. Por outro lado, o masoquismo crea a tentação de cometer atos «pecaminosos» que terão que ser castigados com as repreensões da conciencia moral sádica (assim em tantos caracteres da literatura russa) ou com as penas impostas pelo grande poder parental do destino. Para provocar o castigo por esta representação parental, tem o masoquista que obrar inadequadamente, laborar contra seu proprio bem,

destruir os horizontes que se lhe abrem no mundo real ou pôr termo á sua propria existencia real. A revolta do sadismo contra a propria pessoa se apresenta regularmente na ocasião do subjugamento cultural dos instintos, que impede ao indivíduo utilizar, na vida, uma grande parte de seus componentes instintivos destruidores. Podemos afirmar que esta parte repelida do instinto de destruição, surge, no Ego, como uma intensificação do masoquismo. Porém, os fenomenos da conciencia moral deixam entrever que a destruição que volta ao Ego do mundo exterior é tambem acolhida pelo Super-Ego, ainda que não se haja realizado a transformação indicada, ficando assim intensificado seu sadismo contra o Ego. O sadismo do Super-Ego e o masoquismo do Ego se completam e se unem para provocar as mesmas consequencias. A meu ver, só assim pode-se compreender que da subjugação dos instintos resulte um sentimento de culpa e que a conciencia moral se torne tanto mais rigida e sensivel quanto mais amplamente renunciar o indivíduo a toda agressão contra outros. Podia-se esperar que um indivíduo que se esforça em evitar toda a agressão culturalmente indesejavel gozaria de uma conciencia tranquila e vigia com menos desconfiança a seu Ego. Geralmente, se expõe a questão como si a exigencia moral fosse o primario e a renuncia do instinto uma consequencia sua. Porém, deste modo, permanece sem explicação a origem da moralidade. Na realidade parece suceder o contrario, a primeira renuncia

ao instinto é imposta por poderes exteriores e crea então a moralidade, que se manifesta na conciencia moral e exige uma mais ampla renuncia aos instintos.

O masoquismo moral torna-se assim um testemunho classico da mistura dos instintos. Seu perigo está em proceder dos impulsos de morte e corresponder áquela parte do mesmo que evitou ser projetada ao mundo exterior na qualidade de instinto de destruição. Porém, como integra a significação de um componente erótico, a destruição do indivíduo por si mesmo, não pode ter lugar sem uma satisfação libidinosa.

SOBRE A PSICOGENESE DE UM CASO DE HOMOSEXUALIDADE FEMININA

1920.

A homosexualidade feminina, tão frequente, como a masculina, ainda que menos ruidosa, não foi despresada só pelas leis penais, mas tambem pela investigação psicanalitica. A exposição de um caso, não muito tipico, no qual me foi possivel descobrir, sem grandes lacunas e com bastante segurança, a historia psiquica de sua genese, pode, portanto, aspirar a uma certa consideração. A discreção profissional exigida por um caso recente, impõe, naturalmente, a nossa comunicação, certas restrições. Limitar-nos-emos, pois, a descobrir os traços mais gerais da historia, silenciando os detalhes caracteristicos em que repousa sua interpretação.

Uma mocinha de dezoito anos, bonita, inteligente e de elevada posição social, despertou o desgosto e a preocupação de seus pais pelo afeto com que persegue a uma senhora de «boa sociedade», uns dez anos mais velha que ela. Os pais pretendem que a tal senhora nada mais é do que uma cocote apezar de seus titulos aristocraticos. Sabem que vive com uma amiga sua,

casada, com a qual mantem relações intimas, observando ademais uma conduta muito frivola em relação aos homens, entre os quais se notam varios favoritos. A menina não discute tais afirmações, porém, não se deixa influenciar por elas, ao menos, no que diz respeito á sua admiração por aquela senhora, apesar de não carecer, de modo algum, de sentido moral. Nenhuma proibição, nem vigilancia logram impedí-la de aproveitar o menor ensejo favoravel afim de correr para o lado de sua amada, seguir seus passos, esperá-la horas inteiras á porta de sua casa, ou num poste de parada do bonde, enviar-lhe flores, etc. Vê-se que esta paixão devorou todos os demais interesses da mocinha. Não se preocupa mais com a sua educação intelectual, não atribue valor algum á sociedade, nem ás distrações juvenis e só mantem relações com algumas amigas que podem servir-lhe de confidentes ou auxiliares. Os pais ignoram até onde podem ter chegado as relações de sua filha com aquela senhora, nem se altrapassaram certos limites. Não observaram jamais na mocinha interesse algum para as jovens, nem complacencia ante suas homenagens; ao contrario, vêm, claramente, que seu apaixonamento atual, não faz senão continuar, em maior gráu, a inclinação que mostrou nos ultimos anos para outras pessoas do sexo feminino e que despertou as suspeitas e a severidade do pai.

Dois aspetos de sua conduta, aparentemente opostos, despertam, sobretudo, a contrariedade dos pais. A imprudencia com que se mostra pu-

blicamente em companhia de sua amiga de má fama, sem cuidado algum para sua propria reputação, e a tenacidade com que recorre a toda especie de mentiras, para facilitar e encobrir suas entrevistas com ela. Repreendem, pois, á mocinha, um excesso de franqueza de um lado e o excesso de dissimulação do outro. Um dia sucedeu o que não podia deixar de aconceter em tais circunstancias: o pai encontrou a sua filha acompanhada pela senhora em questão, e ao cruzar com elas, dirigiu-lhes um olhar cheio de colera, que nada de bom presagiava. Momentos depois, separava-se a mocinha de sua amiga, para atirar-se á linha do bonde. Pagou esta tentativa de suicidio com muitos dias de cama, ainda que não lhe ficasse defeito permanente. No seu restabelecimento, encontrou uma situação, muito mais favoravel a seus desejos. Os pais não se atreviam a opor muito decididamente e a senhora, que até então recebia friamente suas homenagens, começou a tratá-la com mais calor, comovida por aquela inequivoca prova de amôr.

Cerca de meio ano após este acontecimento, dirigiram-se os pais ao medico, encarregando-o de reintegrar a sua filha á normalidade. A tentativa de suicidio lhes demonstrou que os meios coercitivos da disciplina não eram suficientes para dominar a perturbação da paciente. Será conveniente examinar aqui, separadamente, as posições do pai e da mãe, respectivamente, ante a conduta da mocinha. O pai era um homem serio, respeitavel e, no fundo, muito afetivo, apesar de a

severidade que acreditava dever adotar na sua qualidade de pai, houvesse afastado, algo, dele, os seus filhos. Sua conduta geral para com sua filha parecia determinada pela influencia da mulher. Ao ter conhecimento, pela primeira vêz, das inclinações homosexuais de sua filha, encolerizou-se e tentou reprimí-la com severas ameaças; naquela época, devia oscilar seu pensamento entre diversas interpretações, dolorosas todas, não sabendo se devia ver, em sua filha, uma criatura viciosa, degenerada, ou simplesmente enferma de uma perturbação mental. Mesmo depois do acidente, não alcançou aquela resignação, resultante de uma reflexão, que um de nossos colegas médicos, vitima, de um analogo acontecimento, em sua familia, se expressava do seguinte modo: «Que vamos fazer! É uma desgraça como outra qualquer». A homosexualidade de sua filha encarnava algo que provocava nele a maxima indignação. Estava decidido a combatê-la por todos os meios, e não obstante a pouca estima de que gozam os psicanalistas em Viena, recorreu a êles a procura de auxilio. Si este recurso falhasse, teriam ainda outro mais energico: um rapido matrimonio despertaria os instintos naturais da mocinha e afogaria suas inclinações contra a natureza.

A posição da mãe não era muito clara. Tratava-se de uma mulher joven ainda, que não havia renunciado ao amôr. Não tomava em sentido tão tragico o capricho de sua filha, e, havia sido, durante algum tempo, a confidente da mo-

cinha no que se referia ao enamoramento por aquela senhora, e se acabou por tomar o partido contra a filha, era devido apenas ao modo arrogante porque apresentava publicamente seus sentimentos. Anos atráz, havia sofrido durante algum tempo de uma enfermidade neurótica, fora objeto de solicitude por parte do marido e tratava os filhos mui desigualmente, mostrando-se muito mais severa para com a mocinha e excessivamente carinhosa com seus outros tres filhos, o ultimo dos quais era já um rebento tardio, que só contava então, uns tres anos. Não era nada facil conseguir detalhes mais minuciosos sobre seu carater, pois, por motivos que mais tarde compreenderá o leitor, as informações da paciente sobre sua mãe eram sempre envolvidas de certa reserva, que desaparecia quando se referia ao pai.

O medico que devia tomar a si o tratamento analitico da mocinha, encontrava varias dificuldades. Não achava estabelecida a situação exigida pela analise, unica em que esta pode desenvolver toda sua eficacia. O tipo ideal de tal situação fica constituido quando um indivíduo, que depende só de sua vontade, se vê assolado por um conflito interno, a que não pode pôr termo por si só, e recorre ao analista, a procura de ajuda. O medico trabalha então de acordo com uma das partes da personalidade patologicamente dissociada, contra a outra. As situações que diferem desta são sempre, mais ou menos, desfavoraveis para a analise e acrescem ás dificuldades internas do caso outras novas. As si-

tuações como a do proprietario que encomenda ao arquiteto uma casa segundo os seus gostos e necessidades, ou ao do homem piedoso que manda pintar ao artista uma tela e incluir nela sua pessoa, rezando, não são compativeis com as condições da psicanalise. Não é nada raro que um marido recorra ao medico com a exigencia seguinte: O nervosismo de minha mulher alterou nossas relações conjugais, curai-a, para que possamos ser um par feliz. Muitas vezes, porém, torna-se impossivel cumprir tal encargo, toda vêz que não está na mão do médico provocar o desenlace, que levou o marido a solicitar seu auxilio. Enquanto a mulher fica livre de suas inibições neuroticas, separa-se do marido, pois, a continuação do matrimonio só se havia tornado possivel graças a tais inibições. Ás vezes, são os pais que pedem a cura de um filho, que se mostra nervoso e rebelde. Para eles um menino sadio é aquele que não dá desgosto algum aos pais e só lhes proporciona satisfações. O médico pode conseguir, com efeito, o restabelecimento da criança, porém, após a cura, segue sua vontade muito mais decididamente que antes e os pais só recebem dele maiores desgostos. Em resumo, não é indiferente que um homem se submeta á analise por sua propria vontade ou porque outras lho impõem, nem que êle mesmo deseja a sua modificação ou apenas sua familia, que o ama, ou aqueles em quem devemos supor tal afeto.

Nosso caso continha ainda outros fatores desfavoraveis. A mocinha não era uma doente — não

sofria por causas internas nem se lamentava de seu estado —, e o trabalho não consistia em resolver um conflito neurotico, mas em transformar uma das variantes da organização sexual genital, em outra diferente. Este labor de modificar a inversão genital ou homosexualidade nunca é facil. Minha experiencia demonstrou-me que só em circunstancias especialmente favoraveis chega-se a vencer e ainda assim, o exito consiste unicamente em abrir, á pessoa homosexualmente limitada, o caminho para outro sexo, antes vedado a ela, restabelecendo sua perfeita função bisexual. Fica então entregue completamente á sua vontade seguir ou não tal caminho, abandonando aquele outro anterior, que atraía sobre ela o anatema da sociedade, e assim o fizeram alguns indivíduos por nós tratados. Temos de levar em conta, porém, que tambem a sexualidade normal repousa numa limitação da escolha do objeto, e que, em geral, a empresa de converter em heterosexual a um homosexual chegado ao completo desenvolvimento, não tem muito mais probabilidade de exito que o labor contrario, mas, esta ultima, não se tenta nunca, naturalmente, por evidente motivos praticos.

Os exitos da terapeutica psicanalitica no tratamento da homosexualidade não são, na verdade muito numerosos. Em geral, o homosexual não logra abandonar seu objeto de prazer; não se consegue convencê-lo que, modificada suas tendencias sexuais, voltará a achar, em um objeto diferente, o prazer que renuncia e procura nos

seus objetos atuais. Si começa o tratamento é, quasi sempre, por causas externas, isto é, pelos prejuizos e perigos sociais de sua escolha do objeto, e estes componentes do instinto de conservação se mostram muito debeis na luta contra as tendencias sexuais. Não é dificil então descobrir o seu projeto secreto de procurar, com o ruidoso fracasso de sua tentativa de cura, a tranquilidade de haver feito todo o possivel para combater seus instintos, podendo assim entregarse a eles, daí par diante, sem remorso algum. Quando a procura de cura é motivada pelo desejo de evitar uma dôr aos pais ou á familia do indivíduo, o caso apresenta uma face mais favoravel. Existem, então, realmente, tendencias libidinosas que podem desenvolver energias contrarias á escolha homosexual do objeto; sua energia, porém, geralmente, não basta. Só naqueles casos em que a fixação ao objeto homosexual não adquiriu ainda intensidade suficiente, ou nos casos em que existem ramificações e restos consideraveis da escolha do objeto heterosexual, isto é, dada uma organização pouco segura ainda ou visivelmente bisexual, póde-se ter alguma esperança na terapeutica psicanalitica.

Por todas estas razões, evitei afirmar aos pais da nossa cliente, uma esperança de cura, declarando-me, simplesmente, disposto a estudar, com todo o cuidado, a mocinha, durante algumas semanas ou alguns meses, até poder pronunciarme sobre as possibilidades positivas de uma continuação da analise. Em toda uma serie de casos,

a analise divide-se em duas fases, perfeitamente delimitadas: na primeira, procura o médico o conhecimento necessario do cliente, e lhe dá a conhecer as hipoteses e os postulados da analise e lhe expõe suas deduções sobre a genese da enfermidade baseado no material revelado na analise. Na segunda fase, se apodera o proprio cliente do material que o analista lhe ofereceu, trabalha com ele, recorda aquela parte do recalcado que lhe é possivel atrair a sua conciencia e tenta viver, de novo a parte restante. Neste trabalho, póde afirmar, completar e retificar as hipoteses do médico, começa já a perceber, pela subjugação de suas resistencias, a modificação interior a que tende o tratamento e adquire aquelas convicções que o tornam independente da autoridade médica. Estas duas fases não aparecem sempre claramente delimitadas no curso do tratamento analitico, pois, para isso, é preciso que a resistencia cumpra determinadas condições; quando assim sucede, póde-se arriscar uma comparação de tais fases com os dois capitulos correspondentes, de uma viagem. O primeiro compreende todos os preparativos necessarios, tão complicados e dificeis hoje, até que, compramos o bilhete, alcançamos a plataforma e conquistamos um lugar no wagon. Temos já o direito e a possibilidade de nos transportar a um longinquo país, porém, tão trabalhoso preparativo não nos aproximou nem um quilometro do nosso destino. Para chegar a êle, nos é preciso vencer o trajeto, de estação a estação, e esta parte da viagem fica

perfeitamente comparavel á segunda fase de nossa analise.

A analise que motiva o presente estudo transcorreu de acordo com esta divisão em duas fases; porém, não passou do começo da segunda. Entretanto um ambiente especial da resistencia me proporcionou uma completa confirmação de minhas hipoteses e uma visão suficiente do desenvolvimento da inversão do indivíduo. Porém, antes de expor os resultados obtidos pela analise, tratei de alguns pontos importantes, ou que se impuzeram ao leitor como principal objeto de seu interesse.

Fizemos depender em parte nosso prognostico, do ponto a que a mocinha havia chegado na satisfação dos instintos. Os dados obtidos a esse respeito, na analise, pareciam favoraveis. Com nenhum de seus objetos eróticos havia ido além de alguns beijos e abraços; sua castidade genital, se me é permitida a expressão, havia permanecido intacta. Inclusive aquela dama que havia despertado nela seu ultimo e mais intenso amôr, se havia mostrado quasi insensivel a êle, e jamais havia concedido a sua enamorada, outro favor que o de beijar a sua mão. A mocinha era, provavelmente, virtuosa, por necessidade, ao insistir sempre na pureza do seu amôr e na sua repugnancia fisica a todo o ato sexual. Por outro lado não se enganava, aliás, ao assegurar que sua amada, reduzida a sua situação presente, por adversas circunstancias de familia, conservava ainda, nela, grande parte de sua diferente origem, pois,

em todas as entrevistas, a aconselhava a que renunciasse a sua inclinação para as mulheres, e, até depois de sua tentativa de suicidio, a havia tratado sempre com frieza, repelindo suas insinuações.

Uma segunda questão interessante que em seguida tratei de esclarecer, era a correspondente ás proprias causas internas do indivíduo, nos quais podia-se apoiar, aliás, o tratamento analitico. A mocinha não tentou enganar-me com a afirmação de que sentia a imperiosa necessidade de ser libertada de sua homosexualidade. Pelo contrario, confessava que não podia imaginar amôr de outro genero, tão bem constituido, que por causa de seus pais, apoiaria, sinceramente, a tentativa terapeutica, pois era-lhe muito doloroso causar-lhes tão grande sofrimento. Tambem esta manifestação me poreceu, a principio, favoravel; não podia suspeitar, com efeito, que disposição afetiva inconciente se escondia atrás dela. Porém, o que depois vim a ligar a este ponto, foi, precisamente, o que influiu de maneira decisiva sob o curso do tratamento e motivou sua prematura interrupção.

Os leitores não analista esperaram impacientemente, já algum tempo, uma resposta a outras duas interrogações. Esperaram, com efeito, a indicação de si esta mulher homosexual apresentava visiveis caracteres somaticos do sexo contrario, e a de si se tratava de um caso de homosexualidade congénita ou adquirida (ulteriormente desenvolvida).

Não desconheço a importancia que apresenta a primeira destas interrogações. Porém, creio que não devemos exagerá-la e olvidá-la, por isso, que em indivíduos normais, se comprovam tambem, com grande frequencia, caracteres isolados do sexo contrario, e que em pessoas cuja escolha do objeto não experimentou modificação alguma no sentido de uma inversão, descobrimos, às vezes, perfeitos caracteres somaticos do outro sexo. Ou dito por outras palavras: a intensidade do hermafroditismo fisico é completamente indipendente, em ambos os sexos, da do hermafroditismo psiquico. Como restrição de nossas duas afirmações anteriores, faremos constar que tal independencia é muito mais facil no homem do que na mulher, na qual coincidem, melhor, em geral, os sinais somáticos e animicos do carater sexual oposto. Não me é possivel, porém, responder a primeira das perguntas antes apresentadas, no que se refere ao meu caso. O psicanalista costuma evitar em certos casos um conhecimento fisico minucioso de seus clientes. De qualquer modo, posso dizer que a mocinha não mostrava divergencia alguma consideravel do tipo fisico feminino nem padecia alterações da menstruação. Podia-se, aliás, ver um indicio de uma masculinidade somática no fato de a mocinha, bela e bem feita, apresentar a estatua alta de seu pai e traços fisionomicos mais acusados e energicos do que suaves. Tambem poderiam ser considerados indicios de masculinidade algumas de suas qualidades intelectuais, tais como sua penetrante inteligencia e a fria cla-

reza do seu pensamento, enquanto o mesmo não se achava sob o dominio da paixão homosexual. Estas distinções, porém, são mais convencionais que cientificas. Muito mais importante é, desde logo, a circunstancia de haver adotado a mocinha, para com o objeto do seu amor, uma especie de conduta completa e absolutamente masculina, mostrando a humildade e a maior supervalorização sexual do homem apaixonado, a renuncia a toda a satisfação narcisista e preferindo amar a ser amada. Portanto, não só havia escolhido um objeto feminino, mas tambem adotava com relação a êle, uma atitude masculina.

A outra interrogação relativa a saber, si seu caso correspondia a uma homosexualidade congenita ou adquirida, será respondido pela exposição da trajetoria evolutiva de sua perturbação. Demonstrar-se-á tambem, ao mesmo tempo, até que ponto é esteril e inadequada tal interrogação.

II

A uma introdução tão ampla como a que precede não posso fazer seguir agora sinão uma breve e ligeira exposição da evolução da libido neste caso. A mocinha havia atravessado nos seus anos infantis e sem acidente algum particular, fenomeno normal do complexo de Édipo feminino [1], começando logo por substituir o pai por um de seus irmãos, pouco mais moço que ela.

[1] Não vejo, na introducão do termo «complexo de Electra», progresso nem vantagem que aconselhem sua aceitação.

Não se lembrava, nem a analise descobriu, trauma sexual algum correspondente aos primordios de sua infancia. A comparação dos orgãos genitais do irmão com os seus proprios, iniciada, aproximadamente, no começo do périodo de lactencia (cerca dos cinco anos ou um pouco antes), deixou nela uma forte impressão cujos efeitos posteriores poude acompanhar a analise através um longo periodo. Achamos apenas muito poucos indicios de onanismo infantil, ou a analise não se prolongou bastante para esclarecer esse ponto. O nascimento de um segundo irmão, quando a mocinha tinha seis anos, não manifestou sobre seu desenvolvimento nenhuma influencia particular. Nos anos escolares e nos imediatamente anteriores á puberdade, foi conhecendo, paulatinamente, os fatos da vida sexual, acolhendo-os com uma curiosidade normal e uma repugnancia muito forte. Todos esses dados parecem muito deficientes e não posso garantir que sejam completos. Teria sido mais rica talvez a historia juvenil da cliente, porém, não me é possivel assegurá-lo. Como indicamos antes, a analise teve que ser interrompida pouco tempo depois, não proporcionando, assim, mais que uma anamnesia tão pouco verdadeira como as demais conhecidas de indivíduos homosexuais, justificadamente discutidas. A mocinha nunca tinha sido erótica, nem manifestou sintoma algum histerico na analise, de maneira que não se apresentou ocasião, a principio, para se investigar sua historia infantil.

Tendo treze ou quatorze anos, mostrou uma preferencia afetiva, exageradamente intensa, no ver de todos os de sua familia, por um garotinho de cerca de tres anos, que regularmente encontrava, no passeio. Tanto afeto demonstrou á aquele menino que os pais do mesmo acabaram por travar relações com ela, iniciando-se, assim, uma longa relação amistosa. Deste acontecimento pude deduzir que a paciente se achava dominada naquele periodo pelo intenso desejo de ser, ao mesmo tempo, mãe e ter um filho. Pouco tempo depois, porém, tornou-se-lhe indiferente aquele menino e começou a mostrar forte interesse pelas mulheres idosas, porém, de aspeto juvenil, recebendo, pela primeira vêz, um severo castigo de seu pai.

Na analise, pude comprovar, sem duvida alguma, que esta transformação coincidiu com um acontecimento de familia, do qual devemos esperar portanto, sua explicação. A paciente, cuja libido parecia orientada para a maternidade, fica invertida, a partir deste fato, em uma homosexual, enamorada de mulheres maduras, continuando assim até minha intervenção. O tal acontecimento, decisivo para a nossa compreensão do caso, foi uma nova prenhêz da mãe e o nascimento de um terceiro irmão quando ela ia já pelos dezeseis anos.

A relação cuja descoberta exponho em seguida não é produto de minha imaginação; foi-me revelada por um material analitico tão fidedigno, que posso garantir sua absoluta exatidão objetiva. Sua descoberta dependeu, especialmente,

de uma serie de sonhos ligados entre si e facilmente interpretaveis.

A analise revelava, inequivocamente, que a dama, objeto de seu amor era um substituto da mãe. Não era, certamente, por sua vêz, mãe, nem era o primeiro amôr da mocinha. Os primeiros objetos de sua inclinação a partir do nascimento do ultimo irmão, foram, realmente, mães, mulheres entre trinta e trinta e cinco anos, às quais conheceu com seus filhos nas ferias estivais ou em seu trato social dentro da cidade. O requisito da maternidade foi abandonado depois, por não ser perfeitamente compativel com outro, cada vêz mais importante. Seu afeto particularmente intenso á sua ultima amada, teria ainda outra causa, que a propria mocinha descobriu, um dia, sem esforço. A esbelta figura, a severa beleza e o duro carater daquela senhora, recordavam á paciente a personalidade de seu irmão mais velho. Deste modo, o objeto definitivamente escolhido correspondia, não só a seu ideal feminino, mas tambem a seu ideal masculino, reunindo, assim, a satisfação de seus desejos homosexuais, com a de seus desejos heterosexuais. Como se sabe, a analise de homosexuais masculinos revelou, em muitos casos, esta mesma coincidencia, advertindo-nos assim, que não devemos representar-nos a essencia e a genese da inversão como algo simples, nem tãopouco perder de vista a bisexualidade geral do homem (2).

(2) Cf. I. Sadger: Relatorio anual sobre perversões sexuais. Jahrbuch der Psychoanalyse. VI, 1914.

Como explicar, porém, que, precisamente, o nascimento tardio de um irmão, quando a paciente já havia alcançado a maturidade sexual e abrigava intensos desejos proprios, a impelira a orientar para sua propria mãe e mãe daquele novo menino, sua ternura apaixonada, exteriorizando-a em um subrogado da personalidade materna? Por tudo que sabemos, devia-se ter dado o contrario. As mães costumam envergonhar-se em tais circunstancias, ante suas filhas casadoiras, e as filhas sentem, em relação á mãe, um mixto de compaixão, despreso e inveja, que não contribue, certamente, para intensificar seu afeto em relação a ela. A mocinha do nosso caso tinha, em geral, poucos motivos para sentir um grande afeto por sua mãe, a qual, juvenilmente bela ainda, via naquela filha u'a incomoda competidora e, por consequencia, a colocava abaixo dos filhos; limitava, no possivel, sua independencia e cuidava zelosamente para que permanecesse longe do pai. Estava pois justificado que a mocinha sentisse, desde o principio, a necessidade de u'a mãe mais amavel; porém, o que não é compreensivel é que esta necessidade surgisse, precisamente, no momento oportuno e sob a forma de uma paixão devoradora.

A explicação é a seguinte: A mocinha se encontrava na fase da revivescencia do complexo de Édipo infantil na puberdade, quando sofreu sua primeira grande decepção. O desejo de ter um filho, e um filho do sexo masculino, se

tornou nela visivelmente conciente; o que não podia achar acesso a sua conciencia era que tal filho seria de seu proprio pai e imagem viva do mesmo. Sucedeu, porém, que não foi ela quem teve o filho, mas sua mãe, competidora odiada no inconciente. Indignada e amargurada ante esta traição, a paciente se afastou do pai, e generalizando, do homem. Depois deste primeiro doloroso fracasso repeliu sua feminilidade e procurou dar outro destino a sua libido.

Em tudo isso, se conduz nossa cliente como muitos homens, que depois de um primeiro desengano, se afastam duradouramente do sexo feminino infiel, tornando-se misógenos. De uma das personalidades de sangue real, mais atrativas e desgraçadas da nossa época, conta-se que se tornou homosexual em consequencia de uma infidelidade de sua prometida. Não sei si é esta a verdade historica, porém, tais opiniões incarnam com certeza, alguns fatos psicologicos verdadeiros. Nossa libido oscila, normalmente, toda a vida entre o objeto masculino e feminino; o solteiro abandona suas amizades masculinas ao casar-se e volta a elas quando o matrimonio perdeu, para êle, todo atrativo. Claro está, que quando a oscilação é tão fundamental e tão definitiva como no nosso caso, temos de suspeitar a existencia de um fator especial, que favorece, decisivamente, um dos dois fatores, e que aliás não faz mais do que esperar o momento oportuno para impor, á escolha do objeto, seus fins particulares.

Nossa mocinha tinha, pois, repelido de si, depois daquele desengano, o desejo de um filho, o amor ao homem e em geral, sua feminilidade. Neste momento, poderia ter acontecido muita cousa; o que sucedeu na realidade, foi o mais grave. Transformou-se em homem e tomou como objeto erótico á mãe em lugar do pai ([3]). Sua relação com a mãe havia sido, certamente, desde o principio, ambivalente, tornando-se facil, para a paciente, reavivar o amôr anterior para com sua mãe e compensar, com seu auxilio, sua hostilidade contra ela. Mas como a mãe natural não era certamente acessivel a seu afeto, a transformação sentimental descrita a impeliu a buscar um subrogado materno, a quem podesse consagrar o seu amor ([4]).

A isso tudo, venho acrescentar ainda como «vantagem da enfermidade», um motivo pratico, nascido de suas relações reais com a mãe. Esta gostava de ser ainda cortejada e admirada pelos homens. Assim, pois, si a mocinha se tornava homosexual, abandonava os homens a sua mãe, e por assim dizê-lo, lhe deixava o campo livre e

---

([3]) Não é tão rara a ruptura de uma relação erótica, por identificação do sujeito com o objeto do mesmo, o que corresponde a uma especie de regressão ao narcisismo. Uma vêz efetuada esta, póde-se orientar a libído, numa escolha de objeto, para o sexo oposto escolhido anteriormente.

([4]) Os deslocamentos da libído aqui descritos, são, certamente familiares a todo analista, pela investigação das anamnesias de individuos neuroticos. Unicamente, porque nestes ultimos, têm lugar nos primordios da idade infantil, na epoca do primeiro florescimento da vida erotica, enquanto que em nosso caso, de uma mocinha nada erotica, se desenvolveu nos anos seguintes á puberdade, ainda que, completamente, inconcientes. Teremos que demonstrar, algum dia, que este periodo apresenta tambem, decisiva importancia?

suprimia com isso, algo que havia provocado até então o despreso materno ([5]).

A posição da libido assim estabelecida, ficou fortificada ao observar a mocinha quão desagradavel era para o pai. Daquela primeira repreensão motivada por sua adesão excessivamente afetiva a uma mulher, sabia já a paciente um meio de desgostá-lo e vingar-se dele. Tornou-se então homosexual para vingar-se do pai. Não lhe causava remorso algum enganá-lo e mentir-lhe continuamente. Com a mãe não se mostrava mais dissimulada do que o imprescindivelmente necessario para enganar ao pai. Parecia reger-se pela lei do Talião: Tu me traíste, agora tens que sofrer minha traição. Nem as singulares imprudencias cometidas pela mocinha podem ser interpretadas de outro modo. O pai tinha que averiguar suas relações com a senhora, pois, de outro modo, não teria satisfeito a paciente seus impulsos de vingança. Deste modo, tratou de ter um encontro com êle, mostrando-se, publicamente, com sua amiga, pelas ruas vizinhas á oficina do pai. Nenhuma dessas imprudencias pode se considerar

---

([5]) Não tendo ainda mencionado tais processos de «evasão» entre as causas da homosexualidade, nem no mecanismo da fixação da libído, exporemos aqui uma interessante observação analitica dessa ordem. Conheci certa vêz, a dois irmãos gemeos, dotados ambos de intensos impulsos libidinosos. Um deles tinha muita sorte com as mulheres e mantinha varias relações amorosas. O outro, seguiu o seu exemplo, porém, em breve, pareceu-lhe desagradavel rivalisar com seu irmão e ser confundido com êle, em situações intimas, por causa de sua semelhança física e resolveu esta situação tornando-se homosexual. Deste modo, abandonou as mulheres a seu irmão, afastando-se do seu caminho. Em outra ocasião, tratei um joven artista de indubitavel disposição bisexual, no qual a homosexualidade se havia apresentado coincidindo com uma impossibilidade de trabalhar. O mesmo impulso o afastava da mulher e de seu trabalho. A analise logrou

intencional. É, além disso, estranho, que tanto o pai como a mãe, se conduzissem como se compreendessem a secreta psicologia da filha. A mãe se mostrava tolerante, como reconhecida do favor que lhe fizera a filha, deixando-lhe o campo livre; o pai cheio de colera, como se tivesse conciencia das intenções vingativas tramadas contra êle.

A inversão da mocinha, recebeu, por ultimo, sua definitiva intensidade, ao encontrar, na senhora indicada, o objeto que satisfazia simultaneamente a parte de sua libido heterosexual aderida ainda ao irmão.

III

A exposição por extenso é pouco adequada á descrição de fenomenos psiquicos cuja trajetoria, muito complicada, se desenvolve em diversos estratos animicos. Vejo-me, pois, forçado a interromper a discussão do caso, afim de ampliar alguns dos pontos já expostos e aprofundar o exame de outros.

reintegrá-lo a ambos. Achou em seu temor ao pai, o motivo principal das duas perturbações. Em sua imaginação, todas as mulheres pertenciam ao pai e o individuo se refugiava nos homens pelo respeito devido ao mesmo e para evitar toda a rivalidade com êle. Esta causa da escolha homosexual do objeto deve ser frequente. Nos tempos prehistoricos da humanidade devia suceder algo semelhante. Todas as mulheres pertenciam ao pai e chefe da horda primitiva. Entre irmãos não gemeos, esta «evasão» desempenha um papel importante, tambem nos setores diferentes da escolha erótica. O irmão mais velho, por exemplo, estuda musica, e consegue distinguir-se. O menor, de maiores dotes musicais, renunciará, no entanto, á sua inclinação e não voltará a tocar. Este exemplo isolado de um acontecimento muito frequente e a investigação dos motivos que conduzem á «evasão» em vêz da aceitação da competencia, descobre condições psiquicas muito complicadas.

Indicamos que nas suas relações com o seu ultimo objeto erótico adotou a mocidade o tipo masculino do amôr. Sua humildade e seu terno desinteresse, «che poco spera e nulla chiede», sua felicidade quando lhe era permitido acompanhar aquela senhora e beijar sua mão ao despedir-se dela, sua alegria de ouvir elogiar a beleza de sua amiga, enquanto que os elogios dirigidos a ela propria eram-lhe indiferentes, suas peregrinações aos lugares visitados uma vêz por sua amada e a ausencia de maiores desejos sensuais; todos os caracteres, pareciam corresponder melhor á primeira ardente paixão de um adolescente por uma artista famosa, que crê colocada muito acima dele, sem atrever-se a levantar os olhos até lá. Esta coincidencia da conduta amorosa do indivíduo com um «tipo da escolha masculina do objeto» anteriormente descrito por mim e referido a uma fixação erótica para a mãe ([6]), chegava aos menores detalhes. Podia parecer estranho que a paciente não retrocedesse ante a má fama de sua amada, mesmo que as proprias observações a convencessem da veracidade de tais rumores, e apesar de ser ela uma mulher bem educada e casta, que havia evitado toda aventura sexual e que parecia sentir o aspeto anti-estético de toda a grosseira satisfação sexual. Porém, já seus primeiros caprichos amorosos haviam tido como objeto mulheres às quais não se podia atribuir u'a moral muito severa. O primeiro protesto de seu pai contra sua escolha amo-

([6]) Veja-se o estudo «Psicologia da vida erótica».

rosa tinha sido provocada pela obstinação com que a mocinha admirava uma estrela de cinema, numa estação de aguas. Em todos esses casos não se tratava de mulheres dadas á homosexualidade, que poderiam oferecer uma satisfação dessa ordem; pelo contrario, pretendia, ilogicamente, a mulheres cocotes no sentido vulgar da palavra. U'a mocinha de sua idade, francamente homosexual, que se pôz, com prazer, a sua disposição, foi repelida por ela, incontinente. Porém, a má fama de seu ultimo amor constituiria, precisamente, um requisito erótico para ela. O aspeto aparentemente enigmatico de tal conduta desaparece ao recordar que tambem naquele tipo masculino de escolha do objeto, que derivamos da fixação á mãe, é necessario, como condição de amor, que a amada tenha fama de leviana, podendo ser considerada, em ultimo caso, uma cocote. Quando, mais tarde, averiguou até que ponto merecia sua amiga esse qualificativo, pois que vivia simplesmente da venda do seu corpo, sua reação constituiu uma grande compaixão por ela, e desenvolveu fantasias e propositos de redimir á mulher amada. Estas mesmas tendencias redentoras já atraíram nossa atenção na conduta dos homens no tipo amoroso descrito antes, e já tentamos expor sua derivação analitica no estudo que dedicamos a este tema.

Na analise da tentativa de suicidio, que temos de considerar absolutamente sincera, porém, que definitivamente, melhorou a posição da paciente, tanto no que diz respeito a seus pais,

como á sua amada, nos leva a situações muito diferentes. A mocinha passeava, uma tarde, com sua amiga, num lugar e a uma hora nos quais não era dificil encontrar o pai na sua volta da oficina. Assim, aconteceu com efeito, e ao cruzar-se com elas, lançou-lhes o pai um olhar cheio de colera. Momentos depois, atirava-se a mocinha, sob as rodas do bonde. Sua explicação das cousas imediatas da tentativa de suicidio nos parece aceitavel. Havia confessado á dama, que o cavaleiro que as havia olhado tão encolerisado era seu pai, que não queria tolerar sua amisade com ela. A senhora muito desgostosa, lhe havia ordenado que se separasse dela imediatamente, e não voltasse a procurá-la, ou dirigir-lhe a palavra; aquilo tinha que terminar um dia. Desesperada ante a idéia de haver perdido para sempre a mulher amada, tentou acabar com a vida. Porém, a análise permitiu descobrir, atrás desta interpretação da paciente, outra mais profunda, confirmada por uma serie de sonhos. A tentativa de suicidio tinha, como era de esperar, outros dois aspetos diferentes, constituindo uma «auto-punição» e a realização de um desejo. Neste ultimo aspeto, significava a realização daquele desejo cujo inadimplemento a havia impelido á homosexualidade, ou seja o de ter um filho de seu pai, pois agora «ia descer» ou «parir» (sie kam nieder) por causa de seu pai (7). O fato de que sua amiga lhe tivesse falado como o pai, impondo-lhe iden-

(7) Esta interpretação dos meios escolhidos para o suicidio é já familiar, ha muito tempo, aos analistas (Envenenar-se = ficar prenha; afogar-se = parir; atirar-se do alto = parir).

tica proibição, nos oferece o ponto de contato desta interpretação mais profunda com a interpretação superficial e conciente da mocinha. Com seu aspeto de «auto-punição», revela-nos a tentativa de suicidio, que a mocinha abrigava no seu inconciente, intensos desejos de morte contra o pai, por haver-se oposto ao seu amôr, ou mais provavelmente ainda, contra a mãe, por haver dado ao pai um filho por ela desejado. A psicanalise nos revelou, com efeito, que ninguem encontra a energia psiquica para suicidar-se, nem se mata, simultaneamente, a um objeto com o qual se identificou, volvendo, assim, contra si mesmo, um desejo de morte orientado para uma outra pessoa. A descoberta regular de tais desejos de morte inconciente, nos suicidas, não ha porque estranhar nem tão pouco ensoberbar-nos com uma afirmação de nossas hipoteses, pois o psiquismo inconciente de qualquer indivíduo, se acha acumulado de tais desejos de morte, inclusive contra as pessoas mais queridas ([8]). A identificação da paciente com sua mãe, que devia morrer ao dar a luz aquele filho que ela (a mocinha) desejava ter de seu pai, dá tambem á «auto-punição» a significação da satisfação de um desejo. Não podemos certamente estranhar que, na determinação de um ato tão perigiso como o da nossa cliente, colaborassem tantas e tão energicas causas.

Nas causas expostas pela mocinha não intervem o pai, nem se menciona siquer o temor justo

([8]) Cf. Pensamentos sobre guerra e morte. Imago IV, 1915.

de sua colera. Na descoberta feita pela analise, lhe corresponde, ao contrario, o papel principal. Tambem para o decurso e o fim do tratamento, ou melhor, da exploração analitica, apresentou a relação da paciente com seu pai a mesma importancia decisiva. Atrás dos sentimentos afetivos filiais que pareciam transparecer em sua declaração de que por amôr de seus pais, apoiaria a tentativa de transformação sexual, se escondiam tendencias hostís e vingativas contra o pai, que a mantiam acorrentada á homosexualidade. Fortificada a resistencia, mesmo em tal situação, deixava livre á investigação psicanalitica um amplo setor. A analise transcorreu quasi sem indicios de resistencia, com uma viva colaboração intelectual da analisada, porém, tambem, sem despertar nela emoção alguma. Numa ocasião em que tive de explicar-lhe uma parte importantissima de nossa teoria, intimamente relacionada com seu caso, exclamou com acento inimitavel: Como tudo isso é interessante! — como uma senhora da boa sociedade que visita um museu e olha, através o enfado, uma porção de objetos que não lhe despertam a curiosidade. Sua analise fazia uma impressão analoga á de um tratamento hipnotico, no qual a resistencia se retira a um certo ponto, onde se mostra invencivel. Esta mesma tatica — podemos dizer, russa — é seguida, frequentemente, pela resistencia de alguns casos de neurose obsidente; os fatos proporcionam assim, durante algum tempo, resultados visiveis e permitem uma profunda visão das causas dos sintomas. Nesses

casos, porém, começamos a estranhar que tão importantes progressos da investigação analitica não tragam consigo a menor modificação das obsessões e inibições dos enfermos, até que, por fim, observamos que todo o conseguido ressente-se do valor nulo: a reserva mental do indivíduo, detrás da qual se sente completamente segura a hipnose, como atrás de um obstaculo inexpugnavel. «Tudo isso estaria muito bem — diz o enfermo, às vezes, inconcientemente — se eu acreditasse no que este senhor me diz; porém, não lhe acredito uma palavra, e enquanto assim fôr, não tenho razão porque modificar-me em nada». Quando nos aproximamos do motivo desta duvida, é quando se inicia seriamente nossa luta com a resistencia.

Em nossa mocinha, não era a duvida mas o fator afetivo constituido por seus desejos de vingança contra o pai, o que determinava sua fria reserva e o que dividiu, claramente, em duas fases, a analise, e fez com que os resultados da primeira fase fossem tão visiveis e completos. Parecia tambem, que jamais havia surgido nela nada analogo a uma transferencia afetiva sobre a pessoa do medico. Isto é, porém, naturalmente, um contrasenso. O analizado tem que adotar, inevitavelmente, alguma atitude afetiva com respeito ao médico e, em geral, repete nela uma relação infantil. Na realidade, a paciente, transferiu sobre mim toda a repulsa ao homem, que a dominava desde seu desengano pela traição do pai. A hostilidade contra o homem encontra, em geral, gran-

des facilidades para satisfazer-se na pessoa do médico, pois não necessita provocar emoções tempestuosas e basta-lhe exteriorizar simplesmente numa oposição a todos os seus esforços terapeuticos e na conservação da enfermidade. Sei por experiencia quão dificil é levar os analizados á compreensão desta sintomatologia muda e tornar conciente esta hostilidade latente, às vezes, extraordinariamente intensa, sem pôr em perigo, perigo, o decurso posterior do tratamento. Assim, pois, interrompi a analise, enquanto reconheci a atitude hostil da mocinha contra seu pai e aconselhei que, si tinha algum interesse em prosseguir a tentativa terapeutica analitica, se entregasse para sua continuação a uma doutora. A mocinha havia prometido, a seu pai, renunciar, pelo menos, a toda relação com aquela senhora e não sei si meu conselho, cuja razão é evidente, foi seguido.

Uma unica vêz, sucedeu, nessa analise, algo que pode ser considerado como uma transferencia positiva e como uma revivescencia extraordinariamente debilitada do primitivo forte amor ao pai. Tãopouco esta manifestação parecia livre de outras causas diferentes, porém, a menciono porque apresenta um problema muito interessante, relativo á tecnica analitica. Em um certo periodo não muito afastado do principio do tratamento, teve a mocinha uma serie de sonhos, normalmente deformados e expressos em correta linguagem onirica, porém, faceis de interpretar. Entretanto, uma vez interpretado seu conteudo, permaneciam muito

estranhos. Antecipavam a cura da inversão pelo tratamento analitico, exprimiam a alegria da paciente pelos horizontes que se abriam ante ela, confessavam um desejo de lograr o amor de um homem, e ter filhos e, podiam portanto, ser considerados como uma satisfatoria preparação da transformação desejada. Tudo isso, porém, aparecia, extraordinariamente contraditorio com as declarações da paciente, em estado de vigilia. Não me ocultava, que pensava em casar, porém, apenas para escapar á tirania do pai e viver completamente suas verdadeiras inclinações. Com despreso dizia que já saberia arranjar-se com o marido, e que, no ultimo caso, como o demonstrava o exemplo da amiga, não era impossivel manter simulmente relações sexuais com um homem e uma mulher. Guiado por algum pequeno incidente, disse-lhe um dia, que não prestava fé alguma em tais sonhos, que eram mentirosos e dissimulados, sendo apenas sua intenção enganar-me, como ela costumava enganar o pai. Os fatos me deram razão, pois, a partir deste momento, não voltaram mais tais sonhos. Creio entretanto, que além do proposito de enganar-me, integravam tambem estes sonhos, o desejo de ganhar minha estima, constituindo uma tentativa de conquistar meu interesse e minha opinião apenas para enganar-me mais ainda.

Penso que a afirmação da existencia de tais sonhos enganadores despertará em alguns indivíduos, que se dão a si mesmo o nome de analistas, uma tempestuosa indignação: «De ma-

neira que tambem o inconciente pode mentir; o inconciente, o verdadeiro nucleo de nossa vida animica, muito mais proximo ao divino, que a nossa pobre conciencia. Como poderemos, então, edificar sobre as interpretações da analise a segurança dos nossos conhecimentos?» Contra isso, diremos, que o reconhecimento de tais sonhos mentirosos não constitue nenhuma novidade revolucionaria. Sei muito bem, que a necessidade humana do misticismo, é inesgotavel e provoca incessante tentativa de reconquistar o dominio que lhe foi arrebatado por nossa «interpretação dos sonhos»; porém, no caso que nos ocupa, achamos, em seguida, uma explicação satisfatoria. O sonho não é o «inconciente», é a forma na qual pode ser moldada, graças ás condições favoraveis do estado de repouso, uma ideia procedente do pre-conciente ou residuo da conciencia do estado de vigilia. No estado do repouso, encontra tal ideia o apoio dos impulsos optativos inconcientes e experimenta com isso a deformação que lhe impõe a «elaboração onirica» regida pelos mecanismos imperantes no inconciente. Na nossa paciente, a intenção de enganar-me como costumava enganar a seu pai, procedia, certamente, do preconciente, si é que não era conciente de todo. Tal intenção podia lograr ligando á minha pessoa o desejo inconciente de agradar ao pai (ou a um substituto seu) e creou assim m sonho falso. Ambas as intenções, a de enganar o pai e a de agradar-me, procedem do mesmo complexo; a primeira nasce do recalcamento da se-

gunda, e esta é referida áquela pela elaboração onirica. Não se pode, pois, falar de uma degradação do inconciente, nem de uma diminuição da confiança nos resultados da nossa analise.

Não quero deixar escapar a ocasião de manifestar minha admiração deante do fato, de que os homens podem viver partes muito grandes e significativas de sua vida erótica, sem prever muita coisa delas e sem suspeitá-las mesmo, ou então que se enganam fundamentalmente, ao julgá-los quando surgem em sua conciencia. Isto não sucede sómente sob a influencia da neurose, na qual este fenomeno já nos é familiar, mas tambem aparece comumente em indivíduos normais. No nosso caso encontramos uma mocinha que desperta, desde logo, o desgosto dos pais, mas que não é tomada a serio por eles, a principio. Ela mesma sabe, quão dominada se acha por tal paixão, porém, não prevê senão mui fracamente as sensações correspondentes a um intenso enamoramento, até que uma determinada proíbição provoca uma reação excessiva, que revela, a todas as partes interessadas, a existencia de uma devoradora paixão de energia elementar. Jamais previra tambem a mocinha nenhuma das premissas necessarias para a eclosão de uma tal tempestade animica. Outras vezes, encontramos mocinhas ou mulheres, atacadas de graves depressões, que como resposta ás nossas inquirições sobre a causa possivel de seu estado, dizem ter sentido um certo interesse por uma determinada pessoa, porém, que tal inclinação, não se tornara

muito profunda nelas, tendo desaparecido rapidamente, ao ver-se obrigada a renunciar a ela. Entretanto, aquela renuncia, tão facilmente suportada aparentemente, constitue a causa da grave perturbação de que foram atacadas. Ora tropeçamos com homens que interromperam facilmente suas relações amorosas com mulheres, que não acreditavam amar, e que só pelos fenomenos consecutivos á rútura, percebem que as amavam com paixão. Finalmente, tambem nos admiraram, os efeitos insuspeitaveis que podem surgir da provocação de um aborto, a que se havia decidido a paciente sem remorsos nem vacilações. Vemonos assim forçados a dar razão aos poetas, que nos descrevem, de preferencia, personagens que amam sem sabê-lo, não sabem si amam ou creem odiar a quem, na realidade, adoram. Parece, como si as noticias, que, nossa conciencia recebe de nossa vida erótica foram, especialmente, susceptiveis de ser mutiladas ou falseadas. Nos desenvolvimentos que precedem, não omiti naturalmente, descontar o referente a um esquecimento posterior.

IV

Voltemos agora á discussão do caso, antes interrompida. Não procuramos uma vista geral das energias que afastaram a libido da mocinha, da disposição normal correspondente ao complexo de Édipo e a conduziram á homosexualidade. Examinamos assim mesmo, os caminhos psiquicos seguidos neste evolver. No alto de tais forças im-

pulsoras, aparecia a impressão produzida na paciente, pelo nascimento do mais moço de seus irmãos, sendo-nos assim possivel classificar esse caso com uma inversão tardiamente adquirida.

Pois bem; neste ponto, chama a nossa atenção uma circunstancia com que tropeçamos tambem em outros muitos casos de explicação psicanalitica de um fenomenos animico. Conforme seguimos retroativamente a evolução, partindo de seu resultado final, vamos estabelecendo um encadeiamento ininterrupto e consideramos totalmente satisfatorio e completo o conhecimento adquirido. Si empreendemos, porém, o caminho inverso, partindo das premissas descobertas pela analise, e tentamos acompanhar sua trajetoria até o fim, desaparece a nossa impressão de concatenação necessaria, impossivel de estabelecer de outro modo. Advertimos, em seguida, que o resultado podia ter sido diferente e que tambem poderiamos chegar igualmente a compreendê-lo e explicá-lo. Assim, pois, a sintese não é tão satisfatoria como a analise, ou por outra: o conhecimento das premissas não nos permite predizer a natureza do resultado.

Não é dificil achar as causas desta singularidade desconcertante. Ainda que conheçamos, completamente, os fatores etiológicos determinante de um certo resultado, não conhecemos mais que sua peculiaridade qualitativa e não sua energia relativa. Alguns deles terão que ser subjugadas por outros, mais fortes, e não participarão do resultado final. Não sabemos jamais, a priori,

quais os fatores determinantes que serão os mais fortes e quais os mais debeis. Só no final podemos dizer que os que se impuzeram eram os mais fortes. Assim, pois, analiticamente, póde descobrir-se sempre, com toda segurança, a causa, sendo, ao contrario, impossivel toda previsão sintética. Deste modo, não afirmaremos que toda mocinha cujos desejos amorosos emanados da disposição correspondente do complexo de Édipo, na época da puberdade, ficam defraudados, se refugiem na homosexualidade. Pelo contrario, acreditamos muito mais frequentes outras reações diferentes deste trauma. Haveremos, porém, de supor que no resultado de nosso caso intervieram decisivamente outros fatores especiais, alheios ao trauma, e, provavelmente, de natureza mais interna. Não é dificil assinalar quais.

Como se sabe, tambem o indivíduo normal precisa de um certo tempo para decidir definitivamente o sexo sobre que ha de recair a escolha de objeto. Em ambos os sexos, são muito frequentes, durante os primeiros anos após a puberdade, certas inclinações homosexuais, que se exteriorizam em amizades excessivamente intensas, de um certo tom sensual. Assim sucedeu tambem em nossa mocinha, porém, tais tendencias mostraram nela, uma energia e uma persistencia pouco comuns. Além disso, esses primeiros sinais de sua posterior homosexualidade surgiram sempre, em sua vida conciente, enquanto que a disposição emanada do complexo de Édipo teve de permanecer inconciente, exteriorizando-se apenas em

indicios, tais como o afeto pelo menino encontrado no passeio. Durante seus anos escolares, esteve enamorada de uma professora muito rigorosa e totalmente inacessivel, ou seja de um visivel subrogado materno. Já muito antes do nascimento de seu irmão mais moço, e portanto tambem antes das primeiras repreensões paternas, havia mostrado um vivo interesse para algumas mulheres. Sua libido seguia, pois, desde mui primitivamente, dois caminhos diferentes, dos quais, o mais superficial pode ser considerado, desde logo homosexual, constituindo, aliás, a continuação direta e invariavel de uma fixação infantil á mãe. Nossa analise se limitou a descobrir, provavelmente, o acontecimento que em uma ocasião favoravel conduziu a corrente libidinosa heterosexual a uma confluencia com o homosexual manifesta.

A analise revelou tambem que a mocinha integrava, desde a infancia, um «complexo de masculinidade» energicamente acentuado. Animada, travessa, combativa e nada disposta a deixarse subjugar por seu irmão, imediatamente mais moço, desenvolveu, desde o momento de sua primeira visão dos orgãos genitais de seu irmão, uma intensa «inveja do penis», cujas ramificações se prolongavam até o seu pensamento. Era uma apaixonada defensora dos direitos femininos, achava injusto que as moças não gozassem as mesmas liberdades que os rapazes e se revoltava, em geral, contra o destino da mulher. Na época da analise, as idéias da prenhêz e de parto lhe eram, particularmente, desagradaveis, em grande

parte, a meu ver, pela deformação fisica concomitante a tais estados. Seu narcisismo juvenil, que já não se exteriozava como orgulho por causa da sua beleza, manifestava-se ainda nessa defesa. Diversos indicios faziam supor nela uma tendencia ao prazer sexual visual e ao exibicionismo, muito intenso em épocas anteriores. Aqueles que não querem ver restringidos os direitos da aquisição na etiologia, terão de observar, que esta conduta da mocinha era, precisamente, a que seria determinada pela ação conjunta do despreso materno e da comparação de seus orgãos genitais com os de seu irmão, dada uma intensa fixação para a mãe. Tambem existe aqui uma possibilidade de reduzir o efeito de uma influencia exterior, eficaz nos seus primordios, a algo que nos houvessemos inclinado a considerar como uma peculiaridade constitucional. Porém, tambem uma parte desta aquisição — si é que realmente teve lugar — terá que ser atribuida á constituição congenita. Assim se mescla e se mistura, constantemente, na pratica, aquilo que em teoria quizeramos separar como antitético, ou seja a herança e a aquisição.

Uma conclusão anterior e provisoria da analise nos levou a afirmar que se tratava de aquisição tardia da homosexualidade. Um novo exame do material, nos leva antes á conclusão da existencia de uma homosexualidade congenita, que teria seguido a trajetoria normal, não se fixando, nem exteriorizando-se de um modo inconfundivel, até depois da puberdade. Cada uma destas

classificações não corresponde sinão a uma parte do descoberto pela observação, em prejuizo da outra parte. O exato será, não conceder grande valor a essa questão.

A literatura da homosexualidade tem por costume não separar os problemas da escolha do objeto, dos correspondentes aos caracteres sexuais somaticos e psiquicos, como si a solução dada a um desses pontos, trouxesse, necessariamente, a dos restantes. A experiencia nos ensina porém, o contrario; um homem em que predominem as qualidades masculinas e cuja vida erótica siga sempre o tipo masculino, pode, entretanto, ser convertido no que diz respeito ao objeto, e amar, unicamente, aos homens e não ás mulheres. Ao contrario, um homem em cujo carater predominam as qualidades femininas e que se porta no amor como mulher, devia ser impelido, por esta disposição feminina, a fazer recair sobre os homens sua escolha de objeto, e, entretanto, pode ser, muito bem, heterosexual, e não mostrar, no que diz respeito ao objeto, um gráu de inversão maior que o comumente normal. O mesmo pode dizer-se das mulheres; nem nelas aparecem, estreitamente relacionadas o carater sexual e a escolha de objeto. Assim, o enigma da homosexualinão é tão simples como é costume afirmar, tendenciosamente, em explicações como a seguinte: Uma alma feminina, e que, portanto, deverá amar ao homem, foi encarnada, para desgraça sua, num corpo masculino, ou inversamente, uma alma masculina, irresistivelmente atraida pela mulher,

se acha desgraçadamente, ligada a um corpo feminino. Trata-se antes de tres series de caracteres:

Caracteres sexuais somaticos (Hermafroditismo fisico)

Caracter sexual psiquico — Atitude { masculina / feminina

Tipo da escolha do objeto

que variam, com certa independencia, uns dos outros e aparecem, em cada indivíduo, combinados de modo diferente. A literatura tendenciosa dificultou a visão destas relações, apresentando em primeiro lugar, por razões praticas, a escolha do objeto, extranho apenas para o profano, e estabelecendo uma relação demasiada estreita entre tal escolha e os caracteres sexuais somaticos. Alem disso, porém, se interrompe o caminho que leva a um conhecimento mais profundo daquilo que, comumente, se dá o nome de homosexual, ao rebelar-se contra os fatos fundamentais descobertos pela investigação psicanalitica. Em primeiro lugar, o fato de os homens homosexuais passarem por uma fixação, especialmente, intensa á mãe; e, em segundo, o fato de todos os normais reconhecer, ao lado de sua heterosexualidade manifesta, uma consideravel quantidade de homosexualidade latente ou inconciente. Tomando em consideração estas descobertas, desaparece, claro está, a possibilidade de adquirir um «terceiro sexo» creado pela natureza em um momento de capricho.

A psicanalise não é chamada, especialmente, para resolver o problema da homosexualidade.

Tem que contentar-se com descobrir os mecanismos psiquicos que determinam a decisão da escolha do objeto e percorrer os caminhos que ligaram tais mecanismos ás disposições instintivas. Neste ponto, abandona o terreno á investigação biologica, á qual trouxeram agora, as experiencias de Steinach, tão importantes conclusões sobre a influencia exercida pela primeira serie de caracteres estabelecida antes, sobre as outras duas. A psicanalise se alça sobre o mesmo terreno que a biologia, ao aceitar, como premissa, uma bisexualidade originaria do indivíduo humano (ou animal). Não pode explicar, porém, a essencia daquilo que em sentido convencional ou biologico chamamos masculino ou feminino; recolhe ambos os conceitos e coloca-os na base de seus trabalhos. Ao tentar maior redução, a masculinidade se lhe converte em atitude ativa e a feminilidade em passiva, e isto é muito pouco. Anteriormente, tentei expor até que ponto podemos esperar que o trabalho analista pode proporcionar-nos um meio de modificar a inversão. Si comparamos o influxo analitico ás grandes transformações logradas por Steinach em suas experiencias, reconheceremos suas insignificancias. Entretanto, seria prematuro ou exagerado conceber já a esperança de uma terapia geralmente aplicavel á inversão. Os casos de homosexualidade masculina tratados com exito por Steinach preenchiam a condição, não dada sempre, de apresentar um visivel hermafroditismo somático. Por outro lado, não se vê ainda, claramente, a possibilidade de uma

terapeutica analoga á da homosexualidade feminina. Si tivesse de consistir na ablação dos ovarios provavelmente hermafroditos e o enxerto de suposta unisexualidade, não se poderia esperar dela, certamente, grandes aplicações praticas. Um indivíduo feminino, que se sentiu masculino e amou em forma masculina, não se deixará impor o papel feminino, e pagará esta transformação, nem sempre vantajosa, com a renuncia á maternidade.

ALGUMAS CONSEQUENCIAS PSIQUICAS DA DIFERENÇA ANATOMICA DOS SEXOS

1925.

Os meus trabalhos e os de meus discipulos defendem com energia sempre crescente a exigencia de que, na analise do neurótico, deve-se tambem explorar o primeiro periodo infantil e a época do primeiro florescimento da vida sexual. Sómente quando se sondam as primeiras manifestações trazidas pela constituição impulsiva congenita e os efeitos das primeiras impressões vitais, podem-se reconhecer, perfeitamente, as forças impulsoras das neuroses ulteriores, e está-se prevenido contra os erros para os quais é se levado pelas transformações e modificações do periodo adulto. Essa exigencia não tem apenas significação teorica, tem tambem importancia pratica, pois, afasta-nos do labor de tais medicos, que orientados apenas pela terapeutica, servem-se de um caminho afastado do método analitico. Tal analise dos primeiros tempos é demorada, trabalhosa e oferece problemas ao médico e ao paciente, cujas soluções os clientes nem sempre apresentam. Levam-nos através labirintos, nos

quais faltam-nos sempre os guias. Penso que se deve dar certeza aos analistas, que seu labor cientifico não corre o perigo de tornar-se mecanisado e com isso desinteressante nos proximos decenios.

Em seguida descrevo o resultado da exploração analitica, que seria muito importante, si se mostrasse inteiramente legitimo. Porque não adio a publicação, até ter conseguido u'a maior experiencia desse fato? Porque nos meus métodos de trabalho penetrou uma transformação, cuja consequencia não posso ocultar. A principio, não pertencia eu áqueles, que não podiam guardar por um momento, uma suposta verdade, até que encontrassem um reforçamento ou uma confirmação. A «interpretação dos sonhos» e o «fragmento de uma analise de histeria» (o caso Dora) foram, sinão por nove anos segundo a prescrição de Horacio, por mim guardadas durante quatro a cinco anos, até que lhes dei ampla publicidade. Mas naquela época apresentava-se o tempo ilimitado diante de mim — *oceanos de tempo,* como disse um amavel poeta — e o material acorria-me tão ricamente, que com dificuldade, podia-me desembaraçar de todos os casos. Tambem era eu o unico a trabalhar nesse dominio, minha demora não me trazia perigo, nem a outros possibilidade de prejuizo.

Tudo, porém, está mudado. O tempo está delimitado á minha frente e, já não é, completamente, preenchido pelo trabalho, e as ocasiões de fazer novas experiencias já não se apresentam

com tanta frequencia. Quando julgo ver algo novo, torna-se-me duvidoso, si posso esperar a confirmação. Tudo que flutuava na superficie foi recolhido; o restante deve ser tirado com esforço da profundidade. E ainda, já não estou mais só, uma multidão de zelosos colaboradores está pronta, para se aproveitar do não maduro, do incertamente conhecido. Devo-lhes abandonar a parte do trabalho que outrora publicaria sósinho. Assim, julgo-me com diteiro, comunicar desta vêz algo, que necessita de demonstração posterior, para ter ou não valor.

Quando se examina as primeiras formas psiquicas da vida sexual da criança, tomamos o indivíduo do sexo masculino por objeto. Na meninazinha pensavamos dever se dar o mesmo, embora com alguma diferença. Em que ponto do desenvolvimento se encontra essa diferença de evolução, não podiamos ver claramente.

A existencia do complexo de Édipo é o primeiro estadio, que reconhecemos efetivamente no menino. Ele nos é facilmente compreensivel, porque nele a criança persiste no mesmo objeto, que já tinha relacionado nos precedentes periodos de lactancia e educação com sua libido prégenital. Tambem que então tomavam o pai como rival perturbador e o procuravam suprimir e substituir na situação real, é claro. Que o estabelecimento do complexo de Édipo no menino pertence á fase falica e se desmorona em face da angustia de castração, portanto do interesse narcisista dos or-

gãos genitais, demonstrei em outro lugar ([1]). Uma dificuldade de compreensão é gerada pela complicação, de que o complexo de Édipo, mesmo no menino, tem um duplo sentido, é ativo e passivo, correspondendo á disposição bisexual. O menino quer tambem como objeto de afeto do pai substituir a mãe, o que assinalamos como disposição feminina.

Na préhistoria do complexo de Édipo no menino, nem tudo ainda está claro. Conhecemos dela uma identificação com o pai de natureza afetiva, á qual ainda falta o sentido de rivalidade para a mãe. Um outro elemento desse periodo primitivo é, a meu ver, a comprovação da masturbação que falta jamais nos orgãos genitais, o onanismo dos primordios da infancia, cuja dominação mais ou menos violenta, ativa o complexo de castração. Admitimos que esse onanismo está preso ao complexo de Édipo e significa a libertação da excitação sexual. Não se pode saber, com certeza, si essa relação existe, desde o inicio, ou si surge, expontaneamente, como manifestação organica e só mais tarde se prende ao complexo de Édipo. É duvidoso tambem o papel de urinar na cama e a sua supressão pela influencia da educação. Preferimos a sintese simples, de que o urinar seja a consequencia do onanismo e a sua supressão no menino é interpretada como uma limitação da atividade sexual, portanto como uma ameaça de castração. Não podemos afirmá-lo, com

[1] O perecimento do complexo de Édipo (Ges. Schriften. Bd. V).

toda a certeza. Finalmente, mostra-nos a analise, veladamente, como a observação do coito dos pais provoca a excitação sexual da idade infantil, podendo ser o ponto de partida para o desenvolvimento sexual ulterior devido a influencias subsequentes. O onanismo bem como as duas disposições do complexo de Édipo se relacionam, em seguida, com a impressão acima. Não podemos, porém, admitir que tais observações de coito sejam fenomenos comuns e encontramo-nos aí com o problema das «fantasias primitivas». Tudo isso ainda não foi esclarecido na préhistoria do complexo de Édipo no menino e espera pela solução, afim de se saber si se trata do mesmo fenomeno em todos os casos ou se diversos estadios anteriores levam á mesma situação final.

O complexo de Édipo da menina, contem um problema a mais. A mãe era a principio, o primeiro objeto dos dois. Não nos admira quando o menino conserva esse objeto no complexo de Édipo. Mas, qual a causa que impele a menina a abandoná-lo e substituí-lo pelo pai? Examinando essa questão, pude fazer algumas constatações que lançam alguma luz na prehistoria do complexo de Édipo na menina.

Todo analista conheceu mulheres presas á ligação paterna com invulgar intensidade e persistencia e ao desejo, em que culmina, de ter um filho do pai. Temos razões para admitir que, essa fantasia de desejo, seja a força motriz do onanismo infantil e tem-se a impressão de estar diante de um fato elementar da vida sexual in-

fantil. Uma analise mais profunda destes casos mostra cousas diversas e que o complexo de Édipo tem uma longa historia anterior e representa uma formação até certo ponto secundaria.

De acordo com a observação do velho pediatra Lindner ([2]) a criança descobre a zona erótica genital — penis ou clitoris — durante o prazer de mamar. Quero deixar a questão em aberto, de se saber si a criança toma esta fonte de prazer recem-descoberta, como substitutivo da mamilo da mãe, ha pouco perdido, como parecem mostrá-lo as fantasias ulteriores (Fellatio). Em suma, a zona genital é descoberta num certo momento e parece desrazoavel atribuir um conteudo psiquico ás primeiras manipulações do mesmo. O passo imediato na fase falica assim iniciada não é a ligação do onanismo com os objetos do complexo de Édipo, mas sim, uma descoberta cheia de consequencias que esperam a menina. Descobre o penis vistoso e grande do irmão ou companheiro de brinquedos, o reconhece logo como objeto superior ao seu orgão pequeno e oculto que é o clitoris e fica presa a partir desse momento da inveja do penis.

Um contraste interessante na conduta dos dois sexos: um caso analogo quando o menino observa pela primeira vez a região genital da menina conduz-se de um modo indeciso, a principio, pouco interessado; nada vê ou nega a sua observação, procura diminuí-la, procura informações para pô-la em acordo com aquilo que esperava.

([2]) Tres ensaios sobre a teoria sexual.

Só mais tarde, quando a influencía uma ameaça de castração, essa observação começa a ganhar importancias, a sua lembrança ou o seu renovamento produz-lhe uma terrivel descarga afetiva e o obriga a acreditar na realidade da ameaça até então apupada. Surgem duas reações desse encontro, que se pódem fixar e isoladamente, ou as duas junto, ou então, outros momentos, condicionarão suas relações com a mulher: horror pela criatura mutilada ou despreso triunfante da mesma. Mas esses fatos pertencem ao futuro, embora não distante.

Outra cousa acontece com a menina. Forma, instantaneamente, seu julgamento e sua resolução. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo ([3]).

Prende-se a este ponto o chamado complexo masculino da mulher, que opõe, eventualmente, grandes dificuldades ao desenvolvimento para a feminilidade, quando este não é precocemente superado. A esperança de conseguir algum dia um penis, igualar-se deste modo ao homem, póde ser conservado até épocas tardias e transformar-se em motivo de atos singulares doutro modo incompreensiveis. Ou surge o fato que pretendo denominar negação, que não parece ser, muito perigoso, na vida psiquica infantil, mas que póde condicionar uma psicose, no adulto. A

([3]) Ha margem aí para uma afirmação feita ha anos. Pensei que o interesse sexual das crianças não era despertado pela diferença sexual como nos puberes, mas sim devido ao problema da orígem das crianças. Isso não corresponde á verdade pelo menos quanto ás meninas. Nos meninos, isso poderá ocorrer uma vêz ou outra, mas nos dois sexos, os fatos acidentais da vida contribuirão para isso.

menina recusa aceitar o fato de sua castração e teima na afirmação de que possue um penis e, é obrigada, em consequencia disso, portar-se, como se fosse um homem.

As consequencias psiquicas da inveja do penis, quando não se transforma um quadro reacional do complexo masculino, são multiplas e cheias de consequencias. Com o reconhecimento da sua ferida narcisista surge — como se fosse uma cicatriz — um sentimento de inferioridade, na mulher. Depois de ter superado a primeira tentativa de explicar a ausencia do penis como um castigo pessoal e de ter concebido a generalidade desse carater sexual, começa a compartilhar do menospreso do homem, pelo sexo diminuido nesse ponto importante, e aceita a mesma posição do homem, pelo menos, em referencia a esse julgamento (4).

Embora a inveja do penis renuncie a seu objeto, não deixa de existir, continua a viver sob a forma de ciume, com ligeira, transferencia. O ciume não é, sem duvida, peculiar a um só sexo e baseia-se em fatos mais amplos, penso, po-

---

(4) Já reconheci, na minha primeira observação critica «Contribuição ao movimento psicanalitico», 1913, que, é este o verdadeiro nucleo da teoría de Adler, que não hexita em explicar o mundo, a partir deste unico ponto, (Inferioridade organica — protesto masculino — afastamento da linha feminina) e se vangloría de ter roubado á sexualidade sua significação em favor da aspiração ao poder! O unico orgão «inferior» que merece este nome sem hexitação seria portanto o clitoris. Doutro lado, ouve-se que analistas se vangloriam nada ter percebido do complexo de castração, apesar de tentativas seguidas durante varios decenios. Fica-se admirado da importancia deste resultado, embora se trate de um resultado negativo, verdadeira obra de arte, de ignorar e desconhecer. As duas teorias fornecem um contraste interessante: aí nenhum sinal de um complexo de castração; lá sómente consequencias deste.

rém, que tem um papel muito mais importante na vida psiquica da mulher, porque recebe um reforço extraordinario da inveja do penis desviada. Antes de ter conhecido as origens do ciume, construi uma primeira fase para a fantasia onanista, tão frequente nas meninas «uma criança é surrada», na qual, tem a significação de que uma outra criança, da qual se tem ciume, como se fosse rival, é surrada ([5]). Esta fantasia parece um reliquat do periodo falico da menina; a singular regidêz que me despertou a atenção nesta formula monotona: uma criança é surrada, deixa naturalmente margem a uma outra interpretação. A criança que é aí surrada — mimada, não é, no fundo, mais que o proprio clitoris, contendo, assim, a confissão da masturbação que se prende desde o inicio da fase falica até épocas posteriores ao conteudo desta formula.

Uma terceira consequencia da inveja do penis, parece nos ser o afrouxamento das relações amorosas com o objeto materno. Não se compreende bem a relação, mas convence-se, finalmente, que no fim de contas a mãe é sempre responsavel pela ausencia do penis e, é ela, quem pôs a criança no mundo, sem o necessario equipamento. A sequencia historica é a seguinte: depois da descoberta da inferioridade genital surge o ciume de uma outra criança que se admite preferida pela mãe, sendo assim achado um motivo para o afrouxamento da ligação materna. Ocorre então que a criança preferida pela mãe é o primeiro

([5]) «Surra-se uma criança», nesse mesmo volume.

objeto da fantasia de surrar, de significação onanista.

Uma outra consequencia inesperada da inveja do penis ou da descoberta da inferioridade do clitoris — é certamente a mais importante de todas. Já reparei que a mulher, em geral, suporta a masturbação menos do que o homem, opõe-se a ela mais frequentemente do que o homem e, é impossibilitada dela se utilisar, em condições em que o homem recorreria, sem pensar, a este derivativo. É natural que se encontrariam inumeras excepções si se quizesse transformar este dado em regra. As reações dos indivíduos humanos dos dois sexos se compõe de carateres masculinos e femininos. Assim mesmo resulta que a masturbação não se coaduna tanto com a natureza da mulher e para solução desse problema, poder-se-ia utilizar o fato da masturbação, pelo menos no clitoris, ser um ato masculino e que o desenvolvimento da feminilidade tem como condição fundamental a eliminação da sexualidade clitoriana. As analises do periodo falico primitivo ensinaram-me que nas moças surge, logo depois dos sinais da inveja do penis, uma intensa oposição contra o onanismo que não póde ser devida sómente á influencia educativa. Esta atitude é, sem duvida, um prenuncio de recalcamento, que na época da puberdade eliminará grande parte da sexualidade masculina, para dar lugar ao desenvolvimento da feminilidade. Póde acontecer que esta primeira oposição contra a atividade auto-erótica não consiga sua finalidade. Foi

o que aconteceu nos casos por mim analisados. O conflito continuou e a menina fez, naquele momento e mais tarde, tudo para se livrar da creação do onanismo. Algumas manifestações ulteriores da vida sexual da mulher, permanecem incompreensiveis quando não se toma em consideração este forte motivo.

Só posso compreender essa repulsa feminina pelo onanismo falico admitindo a atividade prazeirosa perturbada por fatos paralelos. Esses fatos não precisavam ser muito procurados, trata-se do sofrimento narcisista ligado á inveja do penis, de que neste ponto não se póde concorrer com um rapaz, sendo portanto melhor desistir da concurrencia com êle. Deste modo, o reconhecimento da diferença sexual anatomica afasta a menina da masculinidade e do onanismo masculino, para novos caminhos, para o desenvolvimento da feminilidade.

Do complexo de Édipo, não se tratava até então, por não representar papel algum até este momento. A libido da menina, passa então — só podemos afirmar: ao longo da igualdade simbolica já referida — penis = criança — para uma nova situação. Abandona o desejo de possuir o penis, pondo em seu lugar o desejo de possuir uma criança e escolhe para este fim o pai, como objeto amoroso. A mãe torna-se objeto do ciume, a menina transforma-se numa pequenina mulher. Si posso acreditar numa analise isolada, a menina póde nesta situação chegar a sensações corporais, que pódem ser interpretadas como o despertar do

aparelho genital feminino. Quando esta ligação paterna é, em seguida, abandonada, como falhada, póde ceder o lugar a uma identificação com o pai pela qual a menina volta ao complexo masculino, podendo-se nele fixar.

Acabo de dizer o excencial para poder analisar o resultado. Conseguimos lançar uma vista dolhos na prehistoria do complexo de Édipo na menina. O correspondente do menino é quasi completamente ingnorado. Na menina é o complexo de Édipo uma formação secundaria. Os efeitos do complexo de castração o precedem e o preparam. Quanto a relação entre o complexo de Édipo e o de castração encontramos uma oposição fundamental entre os dois sexos. Enquanto o complexo de Édipo no menino perece em face do complexo de castração (6), o da menina tornase possivel e, é condicionado pelo complexo de castração. Esta oposição recebe a sua oposição, quando nos lembramos que o complexo de castração age de acordo com o sentido de seu conteudo, inibindo e limitando a masculinidade, favorecendo a feminilidade. A diferença nessa fase do desenvolvimento sexual no homem e na mulher é uma consequencia compreensivel da diferença anatomica dos orgãos genitais e da situação psiquica a ela ligada, corresponde á diferença entre uma ameaça e uma execução da castração. Nosso resultado é, portanto, uma cousa razoavel que já podia ser prevista.

(6) Ver: O perecimento do complexo de Édipo. (Ges. Schriften. Bd. V).

Entretanto, o complexo de Édipo é tão importante que não ficará sem consequencia o medo porque nele se penetra e dele se sai. No menino deduzi isso nas ultimas publicações ás quais me refiro — o complexo não é sómente recalcado, mas esboroa-se sob os golpes da ameaça de castração. Suas ocupações libidinosos são abandonadas, dessexualizadas e, em parte, sublimadas. Seus objetos incorporados ao Ego, onde formam o nucleo do Super-Ego e, dada esta neo-formação suas propriedades caracteristicas. No caso normal, ou melhor no caso ideal, o complexo de Édipo não permanece no inconciente, o Super-Ego tornou-se seu herdeiro. Como o penis — no sentido Fereneczi — deve sua significação narcisista, extremamente grande, á significação organica para a reprodução da especie, póde-se encarar a catastrofe do complexo de Édipo — o afastamento do incésto, a formação da conciencia e da moral — como uma vitoria da geração sobre o individuo. Ponto de vista interessante quando nos lembramos que a neurose repousa sobre uma oposição do Ego, às imposições da função sexual. Mas abandonando o ponto de vista da psicologia individual, não se conseguem esclarecer as relações desaparecidas.

Na menina falta o motivo para o destroçamento do complexo de Édipo. A castração já exercera sua influencia antes, que consistiu em impelir a criança para o complexo de Édipo. Escapa, assim, á sorte que o espera no menino, póde desaparecer, lentamente, póde ser liquidado

pelo recalcamento e póde exercer suas influencias na vida psiquica normal da mulher. Evita-se dizê-lo, mas não se póde fugir a idéia de que o nivel normal da moral é diverso da mulher. O Super-Ego, nunca se torna tão severo, tão impessoal, tão independente das suas origens afetivas, como o exigimos do homem. Traços de carater que a critica sempre exprobou á mulher que possuia, em menor gráu, sentimento de justiça, que o homem, menos inclinação para submeter-se ás grandes necessidade da vida, deixa-se levar mais frequentemente na sua vida por fatores amorosos e animosos, encontram na modificação do Super-Ego, acima exposta, uma significação suficiente. Pela oposição dos feministas que nos querem impor uma igualdade completa dos sexos, não permitimos uma modificação do nosso julgamento, embora reconheçamos de bom grado, que a maioria dos homens fica muito a dever ao ideal masculino, e que todos os indivíduos humanos reunem em si, devido a disposição bisexual e a hereditariedade cruzada, caracteres masculinos e femininos, de modo que a masculinidade e a feminilidade puras, continuam a ser construções teoricas de conteudo incerto.

Estou inclinado a dar valor ás conclusões aí trazidas a respeito das consequencias psiquicas, das diferenças sexuais anatomicas, mas sei que essas conclusões só podem ser mantidas, quando as observações, feitas num punhado de casos, se generalizar e se mostrarem tipicas. De outro modo

tratar-se-ia apenas de uma contribuição aos varios caminhos do desenvolvimento da vida sexual.

Nos trabalhos de valor e ricos em fatos de Abraham a respeito dos complexos de castração e masculinidade da mulher (Fórmas exteriorizadas do complexo de castração feminino. Int. Zschr. f. Ps. A. Bd. VIII), e de Horney (Contribuição á genese do complexo de castração feminino), e de Helene Deutsch (Psicanalise da função sexual feminina, Neue Arb. z. äztl. Ps. A. Nr. V) encontramos muita cousa que se pareça com a minha exposição, nada, porém, que concorde completamente e por isso, quero justificar minha publicação nesse sentido.

INDICE

SIEGMUND FREUD

Psicologia da Vida Erotica

EDITORA GUANABARA RIO

S. FREUD

Psicologia da Vida EROTICA

EDITORA GUANABARA